

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião

Maria Cristina Baptista Navarra

A construção psicossocial das cirurgias espirituais à luz do caso José
Arigó: a perpetuação da crença nas práticas religiosas de cura

Mestrado em Ciência da Religião

São Paulo
2025

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião

Maria Cristina Baptista Navarra

A construção psicossocial das cirurgias espirituais à luz do caso José
Arigó: a perpetuação da crença nas práticas religiosas de cura

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião, sob orientação do Prof. Dr. Silas Guerriero

São Paulo

2025

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.840003/2023-00.

O presente trabalho foi realizado com apoio da FUNDASP (Fundação São Paulo - Mantenedora da PUC-SP).

À minha família, meu alicerce e sentido de vida.
Ao meu marido Joilde, pela paciência, apoio incondicional, generosos conselhos, farol
na cerração dos grandes medos, amor constante ao longo de toda esta jornada.

Aos meus filhos,
Barbara, pela força e inspiração,
Bruna, *in memoriam*, que me acompanha e fortalece todos os dias
e Lucas, pela alegria e motivação que me impulsionam a seguir em frente.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Silas Guerriero, pelo acolhimento, encorajamento e apoio durante toda a realização deste trabalho, ao assumir a responsabilidade de ser meu orientador após a saída do professor Everton Maraldi, da PUC-SP.

Ao Prof. Everton de Oliveira Maraldi, pelo apoio, incansável interesse e generosidade em contribuir e opinar.

À Prof. Suzana Ramos Coutinho pelos importantes comentários e sugestões feitos no Exame de Qualificação desta dissertação.

Ao Prof. e Dr Wagner Lopes Sanchez pela ajuda e disponibilidade durante o percurso deste trabalho.

A Andreia Bisuli de Souza, assistente da coordenação do programa, pela atenção, carinho e extrema generosidade durante toda essa jornada.

Ao advogado criminalista Dr. Marcelo Leonardo, pela disponibilidade e apoio à minha pesquisa, ao fornecer o livro *Em Defesa de Arigó -Estudo Jurídico e Penal sobre o Curandeirismo*, de autoria de seu pai, o Dr. Jair Leonardo Lopes, e as decisões judiciais sobre o caso, de difícil acesso em razão do tempo decorrido e das limitações da época, em que os arquivos eram físicos e sujeitos a extravios ou outros eventos imprevisíveis.

À minha família, por nossas conversas sempre tão enriquecedoras, pela confiança, pelo carinho e, principalmente, pela compreensão nos momentos em que precisei me isolar ou me afastar.

“Assim como não é possível curar os olhos sem a cabeça, nem a cabeça sem o corpo, também não se deve tentar curar o corpo sem a alma. Pois muitas doenças escapam aos médicos gregos, porque negligenciam o todo, que deve ser curado; e esse todo é a alma. A alma se cura com certos encantamentos, e esses encantamentos são os belos discursos”

Platão - Fedro

RESUMO

Este estudo analisa a perpetuação da crença nas práticas religiosas de cura, mesmo diante de transformações socioculturais como a secularização e o avanço da biomedicina. A pesquisa tem como base o caso do médium José Arigó, que, entre 1950 e 1970, realizou cirurgias espirituais alegando incorporar o espírito do médico Adolf Fritz, utilizando-se de facas e canivetes, sem anestesia ou qualquer assepsia e com relatos de sucesso. Por meio de uma abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, foram analisadas fontes primárias e obras êmicas, além de estudos acadêmicos sobre a temática. A investigação foi fundamentada na sociologia do conhecimento e da religião enquanto construção social (Berger e Luckmann), nas experiências anômalas (Machado e Zangari), na eficácia simbólica, rituais e performance (Lévi-Strauss) e na dimensão subjetiva da vivência religiosa (William James). O objetivo foi compreender como Arigó se tornou um elemento da crença em curas extraordinárias, sua influência na relação entre religião, saúde e experiência anômala, e como seu carisma e práticas rituais contribuíram para a eficácia simbólica e legitimação social de suas ações. A pesquisa buscou, ainda, refletir sobre a construção psicossocial da crença, seu significado em contextos espíritas e seu impacto na vida das pessoas

Palavras-chave: Cirurgia espiritual; experiência anômala; espiritismo; mediunidade; cura espiritual.

ABSTRACT

This study analyzes the perpetuation of belief in religious healing practices, even in the face of sociocultural transformations such as secularization and the advancement of biomedicine. The research is based on the case of the medium José Arigó, who, between 1950 and 1970, performed spiritual surgeries claiming to incorporate the spirit of the physician Adolf Fritz, using knives and pocketknives, without anesthesia or asepsis, with numerous reports of successful outcomes. Using a qualitative, bibliographic and documentary approach, primary sources and emic works were analysed, in addition to academic studies on the subject. The investigation was grounded in the sociology of knowledge and religion as a social construction - Berger and Luckmann, in the concept of anomalous experiences - Machado and Zangari, in symbolic efficacy, rituals, and performance - Lévi-Strauss, and in the subjective dimension of religious experience - William James. The aim was to understand how Arigó became a element of belief in extraordinary healing, his influence on the relationship between religion, health, and anomalous experience, and how his charisma and ritual practices contributed to the symbolic efficacy and social legitimation of his actions. The research also seeks to reflect on the psychosocial construction of belief, its meaning in spiritist contexts, and its impact on people's lives.

Keywords: Spiritual surgery; anomalous experience; spiritism; mediumship; spiritual healing.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 - Vida e atividades de José Arigó	24
1.1 Quem foi José Pedro de Freitas, o José Arigó	24
1.2 Início da prática das cirurgias espirituais de cura	29
1.3 Funcionamento, estrutura e práticas de atendimento	38
1.4 Atividades sem vínculo religioso: críticas do catolicismo e do espiritismo ...	41
1.5 A ciência e Arigó	46
1.6 Conflito Igreja/Medicina/Poder Judiciário	54
Capítulo 2 - Cirurgias espirituais de cura	61
2.1 Religião enquanto construção social	61
2.2 Experiências anômalas	70
2.3 A Eficácia Simbólica	82
Capítulo 3 - Análise e discussão	88
3.1 Como o caso Arigó se encaixa na construção social da crença em fenômenos extraordinários	88
3.2 Relação entre religião, saúde e experiência anômala na perpetuação da crença através da atividade de José Arigó	97
3.3 O papel do carisma e da eficácia simbólica na legitimidade da atuação de José Arigó.	105
3.4 Rituais e performance na atividade de José Arigó	110
Considerações Finais	115
Referências	119

INTRODUÇÃO

A origem do meu interesse em estudar e compreender a prática das cirurgias espirituais encontra-se na minha família que, em razão do meu irmão mais velho ter tido poliomielite aos seis anos de idade, atingindo severamente sua coluna e pernas o impossibilitando de andar, passou a fazer verdadeiras peregrinações em todo e qualquer lugar em que houvesse notícias de algum médium que realizasse cirurgias espirituais com curas extraordinárias. Em uma dessas peregrinações, em 1970 fomos até Congonhas, Minas Gerais, para uma “consulta” com José Pedro de Freitas, conhecido como José Arigó.

No período entre 1950 e 1970, José Arigó havia realizado inúmeras cirurgias espirituais afirmando estar incorporado pelo espírito de um médico chamado Adolf Fritz¹, utilizando-se de facas e canivetes que estivessem disponíveis, sem anestesia ou qualquer assepsia, a frente de todos e a luz do dia, com inúmeros relatos de cura. Tornou-se famoso nacional e internacionalmente, atendendo a pessoas de todas as classes sociais, inclusive artistas e políticos, sendo que nessas duas décadas foi produzido um farto material jornalístico sobre suas atividades e vida pessoal, na mídia escrita e audiovisual, inclusive filmagens dos procedimentos realizados, além de estudos realizados por cientistas de vários países.

Mesmo perseguido e combatido pela Igreja Católica, Conselho de Medicina e Poder Judiciário, através de processos crimes instaurados sob acusações de charlatanismo, fraude e medicina ilegal, tornou-se um fenômeno reconhecido e acolhido pela população, que o seguia incondicionalmente, formando-se filas intermináveis diante da casa onde eram realizados os “atendimentos”, mais tarde transformada em “Centro Espírita Jesus de Nazareno”, cujas atividades foram encerradas após sua morte, em 1971.

No caso específico da minha família, presenciei José Arigó colocando uma faca dentro do olho do meu pai, sem anestesia ou assepsia, o que não causou dor ou dano ao mesmo, mas nem ele e nem meu irmão foram curados. Independentemente de tal resultado, esse mundo espiritual que envolvia incontáveis seguidores e o médium Arigó

¹ Dr. Adolf Fritz Frederick Yeperssoven, conhecido apenas como Dr. Fritz, seria o espírito do médico alemão já falecido que Arigó incorporava para realizar as cirurgias, diagnósticos e prescrever remédios complexos e modernos à época. Esse médico teria nascido em 1861 em Munique ou Dantzig (Fuller, pg. 32), lutado na 1ª Guerra Mundial, onde teria desenvolvido diferentes formas de cura ao atender os soldados feridos, e falecido na Estônia, em 1918. Arigó foi o primeiro médium a receber Dr. Fritz e relatou a sua história (Comenale, 1968, pg. 179/180 e Oliveira, 2017, pg. 43), recontada, após a morte de Arigó, por outros médiuns, que o receberiam. Mas, não há registros oficiais e nem evidências que o médico teria realmente existido.

despertou o interesse em compreender a perpetuação da crença em fenômenos extraordinários de cura, sua relação com a experiência religiosa, os elementos envolvidos, sua dimensão e a própria formação desse vínculo, especialmente no Brasil, onde se apresenta com certa naturalidade, integrando a própria cultura, diante de tantos outros “médiuns” que, até hoje, realizam esse tipo de cirurgia, embora sem incisões físicas.

O interesse se transformou em motivação para o desenvolvimento de um projeto cujo tema é “A construção psicossocial das cirurgias espirituais a luz do caso José Arigó: a perpetuação da crença nas práticas religiosas de cura”.

Ressalta-se que, embora essas crenças me sejam familiares em razão da vivência das experiências na minha própria família, a busca sempre foi do equilíbrio entre a proximidade e afastamento do objeto de estudo, sem afetar a postura de pesquisadora ao procurar entender a relação de confiança que se estabelece entre o médium curador e o crente, e sua transmissão de geração para geração.

As curas espirituais, entre as quais a cirurgia espiritual, existem desde a mais remota antiguidade, conforme relatos encontrados no Egito, na Grécia antiga, entre indígenas, além de estarem presentes em boa parte da história cristã, persistindo até os dias de hoje (De Almeida et al., local 1).

O Brasil, por sua vez, é um país majoritariamente religioso e reconhecido como um “solo fértil para manifestações de cunho espiritual” (De Barros, 2022), podendo-se afirmar que existe uma dimensão religiosa superlativa, onde é detectado “em torno do planeta social brasileiro, a existência de um anel, dotado de vida própria: uma população de espíritos, de orixás, de santos, de mortos, de demônios, às vezes nitidamente distintos, submetidos outras vezes a processos de troca de identidade, de valor e sentido, um universo de relações, em princípio metaempírico, mas que se torna cotidianamente presente na referência, ativa e multiforme, que mantém com ele o mundo dos homens terrena e brasileiromente vivos” (Sanchis, 2018, p. 29).

A origem de tal universo pode ser atribuída a influência, ao longo da história nacional, da cultura dos indígenas, africanos e Portugueses com seu imaginário medieval, culminando com a chegada do Espiritismo, que irá articular com as tradições anteriores, com a ressalva que a prática do sincretismo não caracteriza a religiosidade no Brasil, mas é um elemento importante e indissociável de sua identidade:

Nesse caso, não se entende “sincretismo” como produto final de uma ação social, reduzido a uma dupla pertença ou a uma mistura de elementos, mesmo se reorganizados. Entendo-o como um processo, polimorfo, cujos efeitos são os mais variados, que consiste na percepção

– ou construção – coletiva de homologia de relações entre o universo próprio ao grupo e aquele do “outro” com quem o grupo está em contato: uma percepção que desencadeia transformações na autoimagem do grupo, seja para reforçar seja para reduzir os paralelismos que foram detectados. (Sanchis, 2008, p. 31)

O Espiritismo que, segundo Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), se propõe uma doutrina de cunho filosófico-religioso e, ao mesmo tempo, uma ciência de observação, trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos e de suas relações com o mundo corporal. A finalidade do contato dos espíritos seria o progresso no campo do intelecto e da moral de seus seguidores, na direção do bem, mediante revelações que atualizam informações e reafirmam coisas que a humanidade já sabia (Hirsch 2016, p. 9).

Ao chegar ao Brasil, em 1852, com a criação da Federação Espírita Brasileira no Rio de Janeiro em 1884 e surgimento daquele que seria considerado o líder espírita brasileiro mais influente do século XIX, o médico e político Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), foi dado ímpeto ao movimento de cura espírita em detrimento ao caráter científico do espiritismo, já menos acentuado, com maior ênfase em sua natureza religiosa, apresentando a cura como uma de suas linhas básicas (Prandi, 2012, p.52).

Desde então, surgiram vários médiuns receitistas² e de cura, alguns com maior destaque, entre eles, Antônio Gonçalves da Silva (Batuíra – 1838-1909), Inácio Bittencourt (1862/1943), Adelaide Augusta Câmara (1874/1944), Eurípedes Barsanulfo (1880/1918), Yvone do Amaral Pereira (1900/1984), João Nunes Maia (1923/1991), (Hirsch, 2016). E, recentemente, médiuns com maior visibilidade, como Chico Xavier (1910-2003), internacionalmente conhecido e que chegou a ser indicado para o Prêmio Nobel da Paz, José Pedro de Freitas, o Zé Arigó (1921-1971) e João Teixeira de Farias, o João de Deus (1942-), estes dois últimos realizavam cirurgias espirituais de cura (Lang, 2008, l. 5 e 6), sem mencionar vários outros médiuns que, desde a morte de José Arigó em 1971, afirmavam realizarem cirurgias espirituais mediante a incorporação do espírito do médico Dr. Fritz, embora sem a mesma legitimação e carisma.

Esse panorama reflete a perpetuação, no Brasil, da crença em fenômenos extraordinários de cura (Dias, 2022), a qual não perde a sua vitalidade com o decorrer do tempo, independentemente de movimentos socioculturais, como a secularização, ou o

² Segundo Herculano Pires, médiuns receitistas são aqueles que, em transe, recebem intuições de receituários, diagnosticam moléstias e tanto indicam medicamento caseiros como homeopáticos ou alopáticos (Pires, 2008, p. 70).

avanço tecnológico da medicina molecular, genética, celular e outras áreas da biomedicina.

A presente pesquisa visa compreender como ocorre a construção social de tal crença, sua relação com a experiência religiosa em contextos espíritas, o seu sentido, o que o sobrenatural diz sobre o mundo, de onde vêm as categorias utilizadas e como é capaz de intervir na vida das pessoas, uma vez que

seria inconcebível pensar que, após seguidos e recorrentes fracassos, permanecesse incólume a crença em tais atos. Alguma eficácia eles devem ter, já que se mostram tão perenes, sobretudo quando se consideram sociedades como as nossas, em que o avanço tecnológico faria presumir o total desaparecimento da magia, o que não ocorre. (Monteiro, 1990, p. 7)

A escolha do médium José Arigó como estudo de caso, se deu por tratar-se de um fenômeno que não foi passageiro, impactou a população de forma extraordinária, com grande divulgação pela mídia e cujo tipo de cura espiritual persiste até os dias atuais, com alteração, em alguns casos, da ausência de intervenção física.

Além de possibilitar a compreensão dos limites das potencialidades humanas mediante avaliação entre religião e fenômenos extraordinários, o quanto a religiosidade é fator fundamental na modulação dessas potencialidades, uma vez que “o comportamento religioso é, principalmente, o da relação quotidiana e simples com o sobrenatural, tal como encontrado na súplica ou no louvor da gratidão, e nas várias ações rituais que colocam a pessoa em contato com o sobrenatural” (Paiva, 2022, p. 767).

José Arigó ainda apresentava uma mediunidade peculiar. Embora a partir de um determinado momento tenha se autodeclarado espírita, não havia religião, ritos, procedimentos espíritas ou doutrinas a serem observados em suas atividades. A própria forma com que iniciou a prática das cirurgias espirituais não implicou em “descoberta” do espiritismo, mas tão somente, em uma aceitação do que ocorria consigo.

A manifestação de sua mediunidade ocorria de forma involuntária, natural e brutalmente, sem controle ou vontade, realizando exames invasivos e incisões no corpo do “paciente”, sem preparo, a plena luz do dia, em qualquer lugar e a vista de todos (Pires, 2008, p. 36). Arigó estaria em transe ou sofreria uma “posseção benigna”³,

³ O termo “posseção” foi utilizado seguido do adjetivo “benigno”, uma vez que, para a doutrina espírita, *dava-se antigamente o nome de ‘posseção’ ao domínio exercido pelos Espíritos maus, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. A posseção seria, para nós, sinônimo de subjugação. Deixamos de adotar esse termo por dois motivos: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal, ao passo que não há seres, por mais imperfeitos que sejam, que não possam melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a ideia de ‘apoderamento’ de um corpo por um espírito estranho, uma espécie de coabitação, quando, na verdade, só existe constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo; há somente obsidiados, subjugados e fascinados.* (Kardec, 2013, pg 262)

“incorporação” ou “intrusão”, que é a experiência de ter o corpo ou a identidade, tomados por uma outra entidade, como demônios, espíritos ou pensamentos de outra pessoa (Berenbaum, Kerns e Raghavan, 2017, p. 23). No caso, seria o espírito do médico Dr. Fritz atuando através de Arigó, realizando as cirurgias como se vivo fosse.

Por duas décadas José Arigó atendeu a pessoas de todas as idades e classes sociais, dos mais simples a artistas e políticos, entre estes o então presidente do Brasil Juscelino Kubitschek, com suas atividades tornando-se objeto de um farto material jornalístico, na mídia escrita e audiovisual, com filmagens dos procedimentos realizados e estudos de cientistas de vários países, com projeção nacional e internacional.

Nesse contexto, têm-se por objetivo geral, a compreensão da perpetuação da crença em fenômenos extraordinários, especialmente o da prática da cirurgia espiritual, baseando-se no caso José Arigó. E, por objetivos específicos, os impactos psicossociais e religiosos gerados pelas cirurgias espirituais realizadas por Arigó, desdobrando-se nas seguintes questões:

- a) Como o caso José Arigó se insere na construção social e perpetuação da crença em fenômenos extraordinários de cura e qual é a sua relação com a experiência religiosa em contextos espíritas, tornando-se um de seus elementos.
- b) Quais seriam as explicações possíveis, do ponto de vista psicossocial, do papel e influência de José Arigó na experiência religiosa das cirurgias espirituais, a partir da visão daqueles que buscam essa forma de ajuda terapêutica/religiosa, como também do próprio médium.
- c) Como o estudo das crenças e experiências relacionadas à prática da cirurgia espiritual, especificamente o caso de José Arigó, pode contribuir para uma compreensão alargada das experiências religiosas e da crença em fenômenos extraordinários de cura no contexto da Ciência da Religião.

Visando tais objetivos, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, mediante análise de obras êmicas e éticas produzidas por jornalistas, filósofos, médicos, simpatizantes da parapsicologia e adeptos do espiritismo, contemporâneos de Arigó e que acompanharam pessoalmente toda a sua trajetória, tornando-se, praticamente, testemunhas oculares dos eventos ocorridos (Serrano, 1967, Valério, 1962, Comenale, 1968, Pires, 1966).

Entre essas fontes, destaca-se a produzida pelo advogado, mais tarde Desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gêrias, Dr. Jair Leonardo Lopes (1965), que realizou um profundo estudo sobre a parapsicologia e espiritismo para elaboração da

defesa de Arigó, transformado no livro intitulado *Em Defesa de Arigó (Estudo Jurídico e Penal sobre o Curandeirismo)* após o término do processo, acabando por formar uma rica biblioteca e ministrar várias palestras sobre o assunto, (Faculdade de Direito UFMG, 2022, 34:52).

Foi confrontada a defesa de José Arigó com os fundamentos das decisões proferidas nos respectivos processos crimes, obtidas mediante cópia dos autos ou nos sites do Supremo Tribunal Federal, além da carta escrita pelo Dr. Henry Puharich ao Corregedor de Justiça de Minas Gerais, expondo que a atuação de Arigó deveria ser objeto de um estudo científico profundo e não de condenações judiciais, publicada nas obras de John Fuller (2020) e Leida de Oliveira (2017) e outros documentos registrados por médicos que analisaram o médium.

E obras atuais, algumas escritas por adeptos do espiritismo (Fagundes, 2022, Oliveira, 2017), outras não, como a do escritor estadunidense John G. Fuller (2022), que relata detalhadamente as pesquisas científicas realizadas com Arigó e sua mediunidade, fundamentada no material produzido, consistente em exames médicos, neurológicos e psicológicos, entrevistas com os pacientes, os auxiliares e o próprio médium, acompanhamento e verificação dos atendimentos.

O presente estudo também abrangeu reportagens e artigos nos jornais e revistas da época, apurando os enquadramentos jornalísticos dados ao médium (*O Dia, Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário da Noite, revista O Cruzeiro, Revista Manchete, Revista Italiana Oggi, Revista Universo Espírita*) e registros audiovisuais das cirurgias realizadas por Arigó em tempo real, ainda disponíveis em canais do Youtube.

A revisão da literatura foi feita mediante o levantamento da produção acadêmico-científica de dissertações, teses e artigos, através de consultas na base de dados da SciELO biblioteca eletrônica científica on line, Google Acadêmico, mecanismo virtual de pesquisa em literatura acadêmica, BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Sales, Biblioteca Mário de Andrade Setor Hemeroteca, com a utilização das palavras-chaves Arigó, José Arigó, médium José Arigó, mediunidade, cirurgias espirituais e curas espirituais.

A maioria dos trabalhos encontrados nesse levantamento possui por tema o espiritismo e cirurgias espirituais, nos quais José Arigó é mencionado como um dos médiuns brasileiros que se destacou por suas atividades excepcionais, sem ser o foco central dos estudos, com perspectiva ligada à saúde e doença no campo do sagrado, magnetismo e autocura (Barros, Oliveira e Silva, 2021, Couras, 2009, De Teixeira, 2017).

Em outros, o tema central é o médium-cirurgião João Teixeira de Faria, chamado João de Deus, que se declarava católico, atuou na cidade de Abadiânia, Goiás e utilizava as mesmas práticas de Arigó em seus atendimentos, de fama internacional e atendendo vários artistas (De Carvalho, 2019, Aureliano, 2012, Alves, 2013), mas que teve suas atividades interrompidas em razão de condenações decretadas em processos crimes instaurados com base em denúncias de assédio e violência sexual⁴.

Ainda há a abordagem da medicina classificada como sendo “do além”, com pesquisas sobre a criação de hospitais espirituais e institutos desenvolvidos por médiuns que praticam cirurgias espirituais de cura, mas sem incisões ou invasões no corpo dos pacientes. Em tais casos, os médiuns utilizam, apenas, fluídos e magnetismos⁵, seguindo orientação da Federação Espírita Brasileira, como o caso do médium Barbel, da cidade de Franca, São Paulo (De Souza, 2014, De Barros, 2022).

E questionamentos quanto a natureza do espiritismo no Brasil, onde foi aceito e absorvido naturalmente pela população, como uma espécie de tratamento de questões de saúde ou mental (Stoll, 2003), somados a estudos voltados para as várias manifestações da mediunidade e meios de comprovação das mesmas (De Almeida, 2023). Também foram encontrados estudos com perspectiva sociológica, discutindo a eficácia de tais tratamentos e origem dessa crença, enquanto construção social.

O material estudado foi selecionado de acordo com a proximidade e contato direto do escritor com Arigó, apresentando registros, fotos e outros elementos que integravam as atividades desenvolvidas pelo médium ou cujas informações foram obtidas através de entrevistas ou relatos feitos durante uma roda de conversa, pessoalmente, conforme afirmado nas referidas obras, considerando a fundamentação que apresentavam e visando a obtenção de uma perspectiva abrangente sobre o tema em foco, à época em que as cirurgias espirituais eram praticadas e após decurso de 50 anos de seu encerramento.

⁴ Denunciado pelo Ministério Público de Goiás (MPGO), em setembro de 2023 João Teixeira de Faria (João de Deus) foi condenado em 14 processos penais por crimes sexuais, ocorridos entre 1976 e 2018, durante tratamento espiritual ministrado na Casa Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia e as penas somavam 490 anos de reclusão (site do Ministério Público do Estado de Goiás – disponível em <https://www.mpggo.mp.br/portal/noticia/denunciado-pelo-mpgo-joao-teixeira-de-faria-e-condenado-a-mais-118-anos-de-prisao-em-3-aco-es-penais#:~:text=Denunciado%20pelo%20Minist%C3%A9rio%20P%C3%ABlico%20de,tentada%2C%20referentes%20a%203%20a%20C3%A7%C3%B5es>), acesso em 15/06/2025.

⁵ No espiritismo, o magnetismo refere-se à ação recíproca entre seres vivos por meio de um fluido especial, o fluido magnético ou vital. Esse fluido, que envolveria todos os seres, permite a troca de energias e a influência mútua entre eles. O magnetismo é visto como um elemento fundamental nas manifestações espíritas, incluindo a cura e a influência mútua entre espíritos encarnados e desencarnados (Kardec, 2013, pg 142) e foi integrado à doutrina por influência do Mesmerismo, também conhecido como magnetismo animal, desenvolvido por Franz Anton Mesmer. A diferença é que, enquanto o mesmerismo se concentrava principalmente na transmissão do fluido através da imposição das mãos para o tratamento de doenças físicas, o Espiritismo ampliou o estudo para a comunicação com os espíritos, a vida após a morte e a evolução espiritual (Pimentel, 2014).

A dificuldade encontrada na análise desse material foi a interpretação social presente em alguns discursos, denotando a ausência de neutralidade do escritor, uma vez que, embora existam livros profundamente fundamentados sobre o fenômeno, como o de J. Herculano Pires, muitas obras deixam exposto um problema, consistente na falta de comedimento nas palavras de elogios e admiração por Arigó que, “embora compreensível, dificulta a objetividade, até mesmo pela classe médica que se interessou pelo assunto, diante de fatos empíricos absolutamente inacreditáveis” (FULLER, 2022, pg. 99/100).

O mesmo ocorreu com alguns jornais e revistas, ora enaltecendo, ora criticando severamente o médium, concebendo, neste caso, que as notícias são sempre resultantes, por meios dos filtros editoriais utilizados, de um processo de construção social da realidade (Leal, 2007), somado ao fato de tratar-se de um assunto controverso.

Por outro lado, tais posições refletem o testemunho e impressões daqueles que vivenciaram o fenômeno, elementos importantes para compreensão da perpetuação da crença em curas ou cirurgias espirituais e do alcance da atuação de Arigó. Considere-se, ainda, que o conhecimento êmico é essencial para a compreensão das práticas religiosas/espirituais de cura, assim como o conhecimento ético é essencial para a comparação entre essas práticas

Ressalta-se que a discussão de tal prática espiritual não requer o compartilhamento, por parte do pesquisador, das crenças envolvidas, mas, sim, a observação, apuração e compreensão da sua formatação e se tal processo envolve elementos que possam ser considerados como experiências anômalas⁶, através de argumentos científicos, uma vez que nem a crença entusiasmada ou a descrença renitente fomentarão o desenvolvimento dos estudos e compreensão desses fenômenos (Almeida; Almeida; Gollner, 2000, p. 197-199).

Por final, o estudo da prática das cirurgias espirituais pela Ciência da Religião pode viabilizar uma compreensão mais alargada dos fatores psicológicos e sociais envolvidos nas experiências religiosas e na crença em fenômenos extraordinários de cura, potencialmente contribuindo para elucidar a relevância dessas práticas na cultura popular e a construção do papel social de médium e sua atuação no campo religioso, diante da persistência da busca dessa ajuda terapêutica/religiosa até os dias de hoje,

⁶ Mais adiante e especificamente no segundo capítulo, será trabalhado o conceito de Experiências Anômalas desenvolvido por Fátima Regina Machado e Wellington Zangari.

independentemente da classe social ou nível intelectual/educacional dos crentes, mesmo diante de uma medicina e ciência tão avançadas

A sua importância também está diretamente relacionada a influência do espiritismo religioso muito presente na sociedade brasileira, não apenas entre os espíritas, mas na população, expressa através da religiosidade e cultura popular, na existência do indivíduo enquanto realidade próxima, onde a prática das cirurgias espirituais é naturalmente buscada em momentos de doenças físicas, levando a compreensão da natureza da consciência, da mente humana e seus potenciais.

O foco nas atividades de José Arigó, homem simples, rude e sem estudo, advém do fato do médium, por cerca de duas décadas, ter atendido trezentos pacientes por dia sem receber qualquer pagamento, prescrevendo tratamentos com os mais modernos remédios do mundo ocidental, ter realizado cirurgias registradas por filmes e fotografias, com possíveis curas examinadas por renomados médicos brasileiros e estadunidenses, em pacientes que figuravam desde pessoas extremamente pobres e privadas de qualquer cultura até personalidades políticas, advogados, cientistas, médicos, sem relatos da ocorrência de erro ou danos em todo esse período.

Em razão do grande impacto causado por suas atividades, as experiências anômalas de cirurgias espirituais de cura prosseguiram após a morte de Arigó em 1970 e persistem até os dias de hoje, com diversos médiuns afirmando atuar sob a influência do espírito do médico Dr. Fritz, a partir de então, sem a necessidade da intervenção física no corpo do paciente.

Gerou a criação de organizações para esse fim específico, como o Instituto Medicina do Além-IMA (De Barros, 2022) e o Hospital Espiritual Casa de Hansen (De Souza, 2018), onde as cirurgias espirituais de cura são realizadas coletivamente, em ambientes que reproduzem as salas cirúrgicas médicas e, também, sem incisões ou invasões no corpo dos pacientes.

Além de ter se tornado um dos elementos da perpetuação da crença em experiências anômalas de cura, mesmo sem haver, ainda, uma explicação consensual sobre as suas atividades, de acordo com a lógica da ciência ocidental.

Assim, não é admissível uma imediata rejeição do fenômeno pela mentalidade pragmática da era moderna, mas sim, a realização de novos estudos e pesquisas sobre um tema tão significativo e que integra o cotidiano de grande parte da população, de grande importância para a Ciência da Religião, conforme afirmam Machado e Zangari,

as experiências anômalas são um enorme desafio à ciência em geral e

à Ciência da Religião, em particular, na medida em que compõem parte importante das vivências religiosas, quer por sua natureza rara e ainda não completamente conhecida pela ciência, quer pelo processo de atribuição de causalidade que popularmente recai, quase que inevitavelmente, na esfera do religioso. Seja como for, experiências anômalas estão nas narrativas de fundação de movimentos religiosos e servem como confirmação, sustentação e manutenção da fé de participantes desses movimentos. (...) A Ciência da Religião, portanto, pode e deve não apenas se beneficiar do estudo das experiências anômalas, como também contribuir para a compreensão do quanto a dimensão religiosa pode afetar e ser afetada por processos psicológicos. (Machado e Zangari, 2022, pg. 391)

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, parte-se dos seguintes pontos;

- a) A atribuição de poderes e fenômenos extraordinários a deuses, líderes religiosos ou médiuns curadores está vinculada a necessidade de controle diante das contingências da vida, especialmente no caso de doenças físicas e, no caso de José Arigó, ainda ao carisma do médium, gerando confiança e esperança daqueles que o procuram, sendo irrelevante a existência ou não de casos sem sucesso.
- b) A eficácia simbólica entre José Arigó e a população não está relacionada, direta e necessariamente, com a fé e o vínculo religioso enquanto influência na percepção e impacto psicossocial das cirurgias espirituais, mesmo em contexto religioso espírita.
- c) O sentimento religioso enquanto dimensão da experiência humana e o entrelaçamento dialético entre o coletivo e o individual, em que a predisposição do indivíduo/médium, hipoteticamente detentor do poder da cura espiritual, se associa a aceitação social e cultural, ajuda a compreender o fenômeno José Arigó.

A análise da perpetuação da crença na prática religiosa de cura será realizada sob o entendimento da religião enquanto construção humana, fundamentada na sociologia do conhecimento, segundo a qual “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo e a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento: é um privilegiado instrumento de legitimação, de manutenção da ordem, de preservação do *status quo*” (Campos e Mariani, 2015). E na sua formulação mais detalhada e sistemática, na teoria da construção social da realidade proposta por Peter Berger e Thomaz Luckmann,

Buscando compreender os limites das potencialidades humanas mediante avaliação entre religião e fenômenos extraordinários e o quanto a religiosidade é fator fundamental na modulação dessas potencialidades, será trabalhado o conceito de Experiências Anômalas desenvolvido por Fátima Regina Machado e Wellington Zangari, enquanto vivências subjetivas que são incomuns ou fogem à compreensão do paradigma

científico vigente e, especificamente, a experiência de cura, na qual é valorizado apenas o sistema de crença religiosa envolvido no tratamento, que oferece compreensão simbólica ao indivíduo em detrimento a qualquer outro processo.

Salienta-se que são situações desafiadoras, tais como experiências fora do corpo, sonhos lúcidos, de quase morte, de curas espirituais, entre outros, mas o foco de interesse se encontra nas experiências em si e não no teste de validade consensual dessas experiências (Cardeña, Lynn e Krippner, 2013, p. 2).

Seguindo essa perspectiva, o caso do médium José Arigó e suas práticas de cirurgias espirituais será examinado enquanto expressão significativa dentro de um universo simbólico compartilhado, no qual experiências subjetivas são legitimadas social e culturalmente como manifestações religiosas ou espirituais, representando um conhecimento alternativo ao saber médico para todos, sem distinção.

A Cirurgia Espiritual, considerada como terapia de cura, consistente em procedimento energético ou espiritual realizado por meio da comunicação entre consciências intrafísicas e extrafísicas (Chiesa, 2016), será investigada segundo os efeitos simbólicos, emocionais e sociais que produz, bem como, se elementos como expectativa, fé e sugestão são requisitos ou influenciam na percepção de melhora.

O objetivo é entender a visão daqueles que creem e que buscam essa forma de ajuda terapêutica/religiosa e a posição dos cirurgiões espíritas no Brasil, através do caso Arigó, não como meros “curandeiros tradicionais”, mas como produto da modernização de nossa sociedade, o que se refletiria no fato de serem frequentemente procurados por integrantes dos estratos socioeconomicamente mais elevados. Esse tipo de “terapia”, em nosso país, não se opõe à medicina científica, mas procura funcionar de modo complementar (De Almeida, 2000).

Do ponto de vista psicossocial, será analisada a construção do papel social do médium, no caso de Arigó, figura controversa, e os diversos olhares sobre ele: dos cientistas, da igreja, da medicina e, até, dos espíritas, com discursos diferentes que ora validavam, ora rejeitavam a sua atuação, revelando quase uma disputa ideológica de campos de conhecimento. Além do papel da população entre essas discussões, que prosseguia seguindo o médium em busca de uma solução terapêutica, nem sempre considerada religiosa, à luz do conceito da Eficácia Simbólica desenvolvido por Claude Lévi-Strauss.

Segundo Lévi-Strauss, a percepção de mundo pressupõe a existência de um sistema de símbolos fundamental de comunicações e trocas na comunidade, capaz de

produzir efeitos reais imperceptíveis nos indivíduos. Nesse universo, o xamã, o curandeiro ou o médium possuem a capacidade de atribuir significados às desordens fisiológicas, tornando coerente as dores e sintomas, promovendo uma harmonização entre o corpo, a mente e a cultura, que faz com que seus atos tenham resultados positivos no doente e /crente.

No caso José Arigó, médium detentor de um carisma único e atuação validada pela comunidade, a eficácia de suas cirurgias espirituais poderia ser compreendida a partir da sua capacidade de gerar a ressignificação corpórea daqueles que vivenciaram a experiência, reduzindo, assim, a relevância da existência ou não de casos sem sucesso.

Dessa forma, a presente pesquisa busca entender e explicitar a prática da cirurgia espiritual de cura à luz do caso José Arigó, gerando a perpetuação da crença em fenômenos extraordinários, sob um olhar abrangente, segundo as potencialidades do ser humano, seu contexto psicossocial, suas características ética e moral, independentemente de supostos “requisitos” como virtudes, a noção católica de santidade cristã ou a presença da fé e vínculo religioso, considerando-se, inclusive, a visão espírita que “a mediunidade é uma capacidade orgânica, não vinculada à moralidade” (Kardec, 2013)

Para tanto, foi proposta a seguinte estrutura para a presente pesquisa:

O Primeiro Capítulo tratará da vida e atividades de José Arigó, a manifestação, desenvolvimento e prática de sua mediunidade e cirurgias espirituais, com a descrição do atendimento e o modo quase bruto com que os pacientes eram atendidos, sem ritos ou procedimentos a serem seguidos, a abertura de um Centro Espírita que não realizava sessões de desobsessões e cujas reuniões Arigó não participava, além do embate travado com a Igreja Católica, o Conselho Regional de Medicina e o Poder Judiciário. Nesse percurso, Arigó não teria vontade própria ou controle sobre as manifestações espirituais que ocorreriam com ele e estaria sujeito em tempo integral ao espírito do Dr. Fritz, até a sua morte em 1971, sem deixar “sucessor” ou uma “estrutura” que pudesse prosseguir com o atendimento sem a sua presença. E, especialmente, como a cirurgia espiritual era vista antes, durante e depois do fenômeno José Arigó, seu impacto social e perpetuação dessa crença.

No Segundo Capítulo, serão apresentados os conceitos teóricos dos elementos que envolvem a discussão sobre curas espirituais, sustentando-se em autores clássicos dos estudos da religião, como os sociólogos Peter Berger e Thomaz Luckmann sob o entendimento da religião enquanto construção humana, e o conceito de Experiências Anômalas desenvolvido por Fátima Regina Machado e Wellington Zangari.

Também será abordada a cirurgia espiritual enquanto terapia de cura, sua concepção e controvérsia acerca de procedimentos realizados com a utilização de instrumentos cortantes e incisões nos pacientes, o que seria contrário à própria essência do espiritismo, que tem por princípio o tratamento exclusivamente espiritual.

Do ponto de vista psicossocial, este trabalho propõe analisar a construção do papel social do médium Arigó, considerando as controvérsias envolvendo suas práticas diante da Ciência, da Igreja e da Medicina, bem como a crença e confiança incondicional por parte da população em busca de soluções terapêuticas. A análise será realizada à luz do conceito de eficácia simbólica, conforme desenvolvido por Claude Lévi-Strauss. Os conceitos serão desenvolvidos com o objetivo de oferecer uma visão geral sobre o tema e a relação entre a religião enquanto construção psicossocial, experiências anômalas e eficácia simbólica. Por fim, será apresentado o estado da arte das pesquisas relacionadas ao tema.

No Terceiro Capítulo será analisada a perpetuação da crença em fenômenos extraordinários de cura sob os conceitos anteriormente desenvolvidos e da qual José Arigó se torna um elemento, mesmo diante do complexo e problemático processo de transmissão do universo simbólico, religioso ou não, de uma geração para outra, em razão do surgimento de versões divergentes, visando manter a harmonia da vida real.

Como a eficácia da cirurgia espiritual praticada por José Arigó se relaciona com a fé, o vínculo religioso ou espiritual, sua dependência ou não desses elementos, na forma como são interpretados ou explicados, além da relevância dos valores e tradições compartilhados pela cultura onde ocorrem, considerando-se, ainda, o carisma e empatia do médium.

Por final, o caso José Arigó será analisado à luz do sentimento religioso enquanto dimensão da experiência humana, de vivência religiosa relacionada a estados emocionais e alterações de consciência, distintas de distúrbios e transtornos mentais, considerando o entendimento de William James:

Nossa consciência desperta normal, a consciência racional como chamamos, não passa de um tipo especial de consciência, enquanto em toda a sua volta, separadas dela pela mais fina das telas, se encontram formas potenciais de consciência inteiramente diferentes. Podemos passar a vida inteira sem suspeitar-lhes da existência; basta, porém, que se aplique o estímulo certo para que a um simples toque, elas ali se apresentem em sua plenitude, tipos definidos de mentalidade que têm provavelmente em algum lugar o seu campo de aplicação e adaptação. (James, 2017, pg. 355)

CAPÍTULO 1 - VIDA E ATIVIDADES DE JOSÉ ARIGÓ

Muitas são as biografias escritas sobre José Arigó e as cirurgias espirituais que realizava, relatos de jornalistas, escritores, cientistas, seguidores da doutrina espírita, entre outros, que relataram os seus feitos e curas “milagrosas” em jornais, revistas e livros, acompanhando pessoalmente suas atividades extraordinárias.

Também há vários registros em mídias eletrônicas, vídeos ou filmes, que embora apresentem qualidade duvidosa, retratam o que ocorria à época, o ambiente das referidas cirurgias e, principalmente, o grande número de pessoas que o procuravam, presenciavam esses eventos ou se submetiam a tal tratamento. A certeza frente a todos esses relatos é que Arigó era uma figura controversa, possuindo admiradores e seguidores fiéis, bem como, aqueles que o qualificavam como um mero “curandeiro” ou “charlatão”, cujas curas que teriam sido realizadas, constituiriam fraudes.

Assim, o objetivo da presente dissertação é apresentar a biografia de Arigó de acordo com o material existente sobre a sua trajetória e atividades espirituais desenvolvidas, de forma a apreender o que esse fenômeno representou para a sociedade, para a perpetuação na crença em experiências de cura, especialmente as cirurgias espirituais, e os efeitos que continua produzindo até os dias atuais, onde vários médiuns ainda afirmam realizar curas espirituais mediante a incorporação do espírito do médico Dr. Fritz.

1.1 Quem foi José Pedro de Freitas, o José Arigó

Por mais de duas décadas, em Congonhas do Campo, MG, José Pedro de Freitas, conhecido como José Arigó, realizou inúmeras cirurgias espirituais afirmando estar incorporado pelo espírito de um médico falecido chamado Adolf Fritz, utilizando-se de facas e canivetes que estivessem disponíveis, a frente de todos, sem anestesia ou qualquer assepsia, com inúmeros relatos de cura.

No período entre 1950 e 1970, José Arigó tornou-se famoso, nacional e internacionalmente, atendendo a pessoas de todas as idades e classes sociais, dos mais simples a artistas e políticos, entre estes o então presidente do Brasil Juscelino Kubitschek, com suas atividades tornando-se objeto de um farto material jornalístico, na mídia escrita e audiovisual, com filmagens dos procedimentos realizados e estudos de cientistas de vários países.

Na mesma proporção, foi seriamente combatido pela Igreja Católica, pelo Conselho Regional de Medicina e, até Poder Judiciário, culminando com a instauração de dois processos crimes sob acusações de curandeirismo, charlatanismo, fraude e medicina ilegal, sendo condenado e preso por um determinado período (Lopes, 1965).

Ainda assim, enquanto na cadeia José Arigó prosseguiu com as suas atividades, que logo se tornou um local de peregrinação, atendendo aos presos, agentes policiais e a própria população que continuava a procurá-lo, até ser solto, primeiro, em razão de um indulto concedido pelo Presidente da República Juscelino Kubitschek e, posteriormente, com a reforma pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais da sentença que o havia condenado pela segunda vez.

Os inúmeros casos de realização de cirurgias espirituais de cura que teriam ocorrido com sucesso, fazem com que José Arigó seja acolhido pela população, reconhecendo o seu carisma e legitimando sua atuação, tudo voltado e direcionado exclusivamente a sua pessoa, sem qualquer influência ou intermediação de terceiros, estrutura ou instituição religiosa, baseada na veneração extra quotidiana da sacralidade e seu caráter exemplar, dentro do âmbito da crença.

Somado a tal fato, a propagação em jornais, televisão e revistas dos “milagres” que estariam ocorrendo, transforma a rotina da tranquila e pequena cidade de Congonhas, que se vê tomada de pessoas de todos os lugares do Brasil, repórteres e cientistas, brasileiros e estrangeiros, em busca de uma cura, de uma solução para as suas desventuras, uma resposta científica para o fenômeno que havia se “revelado” ou um desvendar do mistério do “sobrenatural”, onde tudo seria obtido através de José Arigó, gerando discussões e debates infundáveis, sem se chegar a um consenso.

O encerramento de suas atividades ocorre, abruptamente, em janeiro de 1971, em razão da morte de José Arigó em um acidente de carro, sem deixar sucessor, instituição ou estrutura formada para prosseguir com o trabalho desenvolvido, restando tão somente o mito, o fenômeno psicossocial gerado pela prática religiosa de cura (Ferreira, 2018), objeto deste estudo.

A compreensão de quem foi José Arigó e a abrangência da sua atuação, exige o conhecimento do contexto em que nasceu e passou a maior parte da sua vida até se tornar Arigó, o cirurgião da faca enferrujada, como era conhecido, seguido incondicionalmente pela população.

Deve ser ressaltada a dificuldade na apuração dos fatos relacionados à sua vida e atividades, na medida em que os livros, artigos e reportagens em revistas e jornais

existentes divergem sobre acontecimentos e datas, enquanto outros, o exaltam sobremaneira em razão da extrema admiração nutrida pelo escritor em relação ao médium. Os demais, o combatem cegamente por acreditarem tratar-se de uma fraude. Sem considerar aqueles que seriam reproduções de relatos do próprio Arigó aos amigos, jornalistas e seus irmãos, nas rodas de conversas que realizava após o jantar ou na reuniões de domingo, perpetuadas oralmente.

Assim, as fontes de pesquisa sobre José Arigó apresentam a delicada questão da distinção entre a objetividade e a subjetividade daquele que a produz, por tratarem de fatos empíricos de difícil credibilidade, como reconhecido pela escritora Sandra Nuñez, ao afirmar que “ao escrever sobre o dr. Fritz, não é minha intenção exagerar os fatos ou fazer sensacionalismo. Mas devo admitir que constitui um grande desafio manter absoluta objetividade em face de um fenômeno tão incomum.” (Nuñez, 2012).

Mas, todos os relatos e narrativas possuem importância na construção do personagem Arigó, na identificação de cada versão do médium criada a partir da visão de determinado grupo social, categoria profissional ou, simplesmente, daqueles que o procuravam ou o conheceram em razão de alguma necessidade, interesse ou mera curiosidade. Neste capítulo será feita uma revisão dessas obras, visando compreender o fenômeno José Arigó.

A presente revisão tem início com os primeiros biógrafos de José Arigó, Geraldo Serrano (1967), jornalista que escreveu uma série de 112 reportagens para o Diário Carioca (RJ) e foi apresentador de dezenas de programas na TV Continental e Rádio Guanabara focalizando o problema Arigó, Cícero Valente (1962), médico e pesquisador de fenômenos parapsicológicos e espíritas e Reinaldo Comenale (1968), jornalista que procurou desenvolver um trabalho minucioso tanto da vida, como das atividades de Arigó, os quais acompanharam o médium por anos, relatando, registrando e pesquisando suas atividades.

Afirmam que José Pedro de Freitas, primogênito de dez filhos, nasceu no dia 18/10/1921, na Fazenda do Faria, de propriedade de seus pais Antonio Freitas Sobrinho e Maria André de Freitas, no interior de Minas Gerais, a 6 quilômetros da cidade de Congonhas, em uma família tradicionalmente católica (Serrano, 1967). Teria começado a trabalhar na fazenda aos oito anos de idade, ajudando o pai na roça, na enxada, a debulhar milho e demais afazeres, fato este que, junto à distância das cidades em que houvesse uma escola, o impediu de prosseguir com os estudos, não ultrapassando o 3º ano, atual 4º ano do ensino fundamental. São unânimes ao afirmarem que nessa época

teria encontrado dentro de um cesto cheio de espigas de milho, o crucifixo com uma parte quebrada, usado nos atendimentos e que levaria sempre em seu bolso, até o final da sua vida.

Aos catorzes anos, começa a trabalhar na Companhia de Mineração Ferro e Carvão, em um serviço exaustivo e, na mesma proporção, de baixa remuneração; onde recebe o apelido que o acompanharia por toda a vida, “ARIGÓ”, que significa roceiro, simplório, puxador de enxada, geralmente analfabeto e ignorante (Pires, 2008, p. 74 e De Queiróz, 1952).

Por outro lado, os relatos dão conta que Arigó era uma pessoa agradável, popular, carismático, características essas que o levaram a ser dirigente sindical. Após seis anos de trabalho, sai da Companhia de Mineração e transfere-se para Congonhas, onde foi proprietário de um bar por dois anos, fechado em razão das dívidas geradas por má administração.

Em setembro de 1943 casa-se com Arlete Soares, uma prima de 4º grau, com quem teve 7 filhos. Nessa época, torna-se servidor no IAPTC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Empresas de Transportes e Cargas), equivalente ao atual Instituto Nacional de Seguridade Social, mas, Arigó possuiria outras fontes de renda trabalhando com tropas, carros de boi, comércio de terrenos e carros usados. Ainda, participava ativamente da vida política da cidade como cabo eleitoral, em razão da sua popularidade e influência por ter sido líder sindical, chegando a disputar o cargo de prefeito, mas perdendo para o adversário, seu próprio tio (Serrano, 1967).

Foi justamente essa popularidade e condição de ex-dirigente sindical que possibilitou o início de suas experiências de curas, mediante a prática das cirurgias espirituais, também entendidas como manifestação de sua “mediunidade”, segundo a doutrina espírita, em um caminho sem volta.

Os autores citados relatam que em 1950, quando seriam realizadas eleições para deputado e Presidente da República, Lúcio Bittencourt, Catedrático de direito penal na [Universidade de Minas Gerais](#), membro da [Sociedade Brasileira de Criminologia](#) e da [American Political Science Association](#) e um dos fundadores do [PTB](#) – Partido Trabalhista do Brasil, encontrava-se percorrendo todo o Estado de Minas Gerais, em plena campanha eleitoral para si próprio, visando a cadeira de deputado federal, bem como para Getúlio Vargas, então candidato à Presidência.

O candidato a deputado federal, que mais tarde se tornaria senador por Minas Gerais, havia sido diagnosticado com câncer de pulmão e deveria se submeter a uma

cirurgia, com alto risco de morte, com indicação de realizar esse procedimento nos Estados Unidos, onde as técnicas médicas seriam mais avançadas para tal tratamento. Bittencourt optou por prosseguir com a sua campanha e enfrentar tal problema apenas após as eleições e, uma vez em Congonhas, conheceu José Arigó, ex-dirigente sindical ainda com relevância junto aos trabalhadores em mineração de ferro, que garantiu apoio ao seu partido.

Combinaram de se encontrar em Belo Horizonte para a realização de um comício, junto de alguns membros do sindicato, todos hospedados no mesmo hotel. Naquela noite, Bittencourt viu a porta de seu quarto abrir e, embora não conseguindo identificar quem era a pessoa que ali estava, a silhueta seria de Arigó, o que foi confirmado assim que a luz foi acesa. Arigó estava com uma navalha na mão, seus olhos pareciam vidrados e, com um forte sotaque alemão, disse ao senador que o caso era de urgência e realizou a cirurgia no mesmo momento.

O senador ficou sem reação, acreditando estar tendo um sonho ou uma alucinação, desmaiando em seguida e só voltando a si às 5hs. da manhã, quando verificou em seu pijama uma mancha de sangue e, na altura de suas costelas, uma incisão perfeita com sangue coagulado. Ao ser confrontado sobre o ocorrido, Arigó afirmou não se lembrar de nada e insistiu que não teria qualquer relação com o ocorrido.

Ao voltar para o Rio de Janeiro e após exames de radiografia, Bittencourt foi informado por seu médico que o tumor havia sido extirpado com uma técnica incomum, desconhecida no Brasil, concluindo que só poderia ter sido realizada nos Estados Unidos. Essa notícia foi enviada pelo senador à Congonhas que, à partir de então, passou a ser contada para todos, tornando o fato divulgado, tanto para o bem, como para o mal, pela igreja católica, parentes e, agora, pelo Centro Espírita da cidade, que classificava o ocorrido como um “evento mediúnico”.

Esse caso é emblemático por ter dado início às cirurgias espirituais realizadas por Arigó e estar presente na maioria das fontes de pesquisa cujo objeto seja a sua biografia ou atuação, unânimes ao apresentá-lo como o relato fiel do próprio senador Bittencourt, que o teria transformado em manchete nacional com repercussão no exterior (Serrano, 1967, Valente, 1962, Comenale, 1968, Fuller, 2022, Oliveira, 2017 entre outros) e contado detalhadamente pelo próprio Arigó (Pires, 1967). Mas, também, segundo Daniela Hirsch (2016), teria dado origem às suspeitas sobre suas atividades, uma vez que a família de Lúcio Bittencourt teria impedido publicações divulgando essa história, sob alegação que desconheceriam a enfermidade citada na cena do hotel em Belo Horizonte.

Deve ser considerado que nas décadas de 1950 e 1960, o espiritismo ou qualquer outra manifestação paranormal/anômala eram objeto de retaliação social, agressões, evitamentos e impedimentos dos mais diversos (Oliveira, 2020), além de ser visto como charlatanismo ou curanderismo, crimes tipificados nos arts. 283 e 284 do Código Penal. Tal contexto poderia justificar a postura adotada pela família do Senador Bittencourt, mas, por outro lado, nas pesquisas realizadas para esta dissertação, não se teve êxito em localizar tal fato como objeto de alguma matéria em jornais ou revistas da época, embora o Senador tenha se tornado amigo pessoal de Arigó, até falecer em 1955, em um acidente de avião (Fuller, 2022).

De qualquer forma, à partir desse evento, José Arigó foi obrigado a enfrentar seu dilema: dirimir a incerteza de ter realizado tal cirurgia e, caso realmente tivesse ocorrido, enfrentar uma situação desconhecida com a qual não sabia lidar ou aceitar a possibilidade de estar com algum distúrbio psicológico que poderia enlouquecê-lo. Enfim, chegara o momento de refletir sobre os sonhos, as vozes, as visões que o acompanhavam desde criança e a possibilidade de, realmente, ter realizado a cirurgia conforme narrado pelo senador Bittencourt, suas possíveis consequências e responsabilidades, mesmo estando inconsciente.

1.2 Início da prática das cirurgias espirituais de cura

Arigó nasceu, cresceu e foi educado em uma família católica praticante e de tradição. Essa condição em uma cidade pequena, só poderia ser uma garantia de fidelidade à religião familiar, tornando-se, naturalmente, um católico devoto, frequentador regular das missas e com os princípios religiosos rigorosamente observados, além de manter um relacionamento de amizade e confiança com os padres da paróquia, Leonardo e Anselmo, que frequentavam a sua casa e a quem sempre recorria quando precisava de algum conselho ou orientação (Serrano, 1967).

Considerando a importância do contexto em que viveu Arigó, que validava a sua religiosidade e da sua família, Congonhas, a cidade onde nasceu, também era iminentemente católica, com a Igreja de Bom Jesus de Matosinhos erguendo-se imponente no topo de uma colina, tendo a sua frente um adro com escadaria em linhas curvas decorada com 12 estátuas de profetas esculpidas em pedra-sabão, a qual se chega subindo uma ladeira onde foram implantadas seis capelas, cada qual com um grupo esculpido em madeira policromada representando os passos da Paixão de Cristo,

iniciando-se com a Última Ceia e terminando com a crucificação, trabalho esse feito por Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como “Aleijadinho”.

Esse conjunto arquitetônico forma o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, centro de peregrinações e procissões cujo percurso foi feito com as capelas dispostas em zigue-zague, que tornaria o caminho do devoto mais difícil e, assim, sentiria no próprio corpo as dificuldades encontradas por Cristo quando percorreu esses passos. As estátuas dos profetas, com impressionante realismo ao individualizar cada figura bíblica, inspiravam reverência e devoção até mesmo àqueles que não eram católicos e inimaginável influência nas populações da região. Além de outras Igrejas Católicas existentes em Congonhas, todas do século XVII: Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Capela de Nossa Senhora da Ajuda, Igreja de Nossa Senhora da Soledade e Igreja Matriz de São José Operário.

Educado e vivendo na cultura e atmosfera do catolicismo, parte integrante de seu cotidiano, desconhecendo o que era o espiritismo ou mediunidade, José de Freitas cresceu convivendo com estranhos fenômenos que não compreendia e que só lhe causavam medo. Desde criança, Arigó tinha “visões” do rosto de pessoas na parede de seu quarto com um brilho que o cegava e de uma bola de fogo que atravessava o milharal, além de “ouvir” vozes em língua “estranha”, sem saber identificar qual seria o idioma falado. Muitas vezes sua família não dava importância aos seus relatos mas, em outras, o castigava fisicamente por entender que seriam produto de sua “imaginação fértil” ou mentiras, terminando por se habituar a tais fenômenos, mas evitando comentá-los, como contado pelo próprio Arigó (Comenale, 1957).

Outro autor que realizou uma investigação profunda de suas atividades, embora não o tenha conhecido pessoalmente, foi John Fuller. Uma grande parte do trabalho desenvolvido foi realizada por engenheiros da Nasa, mediante a análise científica de Arigó, fatos de sua vida cotidiana e, especialmente, os sintomas físicos que apresentava, indicadores de sua mediunidade e que poderia ser interpretada como distúrbios psicológicos, ratificando o exposto anteriormente por Comenale. Fuller acrescenta que, após o casamento com Arlete Soares, em 1943, os sintomas se aceturaram e teve início uma série de sonhos com várias pessoas desconhecidas e a voz que antes era ouvida esporadicamente, agora mantinha conversação constante em um idioma que parecia alemão. Arigó sofria desmaios rápidos e, ao voltar, não se lembrava de nada, além de ter dores de cabeça fortíssimas que o faziam sair no meio da noite e perambular pelas ruas da cidade sozinho.

Essa situação perdurou por cerca de três anos, até Arigó ter um sonho extraordinariamente vívido, que o marcou profundamente e se repetiria por várias vezes, percebendo que a voz que sempre ouvia, com sotaque e tom firme, era de um homem de pele clara, robusto e calvo, vestido com roupas antigas e um avental branco como se fosse médico. Esse homem supervisionava, de maneira enérgica, uma equipe de médicos e enfermeiros ao redor de um paciente deitado em uma maca, o qual parecia ser operado meticulosamente com o uso de instrumentos cirúrgicos, não sendo possível distinguir se era realidade ou imaginação.

Durante o sonho, o homem teria se identificado como sendo Adolf Friendrick Fritz, médico alemão morto durante o conflito da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), cujo trabalho deveria prosseguir no plano terreno e Arigó deveria ajudá-lo, com outros espíritos que também teriam sido médicos antes de morrer, “formando uma equipe”. Dr. Fritz avisou Arigó que, depois de começar a servir as pessoas doentes e perturbadas, suas dores de cabeça e temores cessariam. Durante o atendimento, deveria segurar nas mãos o crucifixo que fora encontrado havia algum tempo na fazenda de seu pai. Todo esse relato e explicações teriam sido expostos em um alemão incompreensível, mas que Arigó teria compreendido perfeitamente (Fuller, 2022).

Ainda assim, não foi esse o momento em que Arigó se decidiu a iniciar as curas espirituais, acreditando, antes, que teria sido alucinação, uma vez exercer a sua fé católica sem interesse em assuntos sobre vida após a morte ou “contato” com espíritos, tendo pouca disposição para questões teóricas ou metafísicas. Foi examinado pelo médico da família, Dr. Venceslau de Souza Coimbra, que precreveu um sedativo e sugeriu a procura de um psiquiatra, com a qual Arigó concordou. Após consultar um Psiquiatra e se submeter aos exames prescritos, foi constatado que sua saúde física e mental era excelente, sem qualquer sinal de psicose ou neurose, mas não houve melhora nos sintomas apresentados. Foi, então, aventada a hipótese de “possessão”⁷, com a realização de um ritual de exorcismo pela Igreja Católica, que também não obtém sucesso algum (Fagundes, 2022).

⁷ O termo “possessão” foi utilizado seguido do adjetivo “benigno”, uma vez que, para a doutrina espírita, *dava-se antigamente o nome de ‘possessão’ ao domínio exercido pelos Espíritos maus, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, sinônimo de subjugação. Deixamos de adotar esse termo por dois motivos: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal, ao passo que não há seres, por mais imperfeitos que sejam, que não possam melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a ideia de ‘apoderamento’ de um corpo por um espírito estranho, uma espécie de coabitação, quando, na verdade, só existe constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo; há somente obsidiados, subjugados e fascinados.* (KARDEC, 2013, p 262)

Arigó já começava a mostrar sinais de cansaço e aventar a hipótese de aceitar a orientação desse médico que se chamaria Fritz e verificar o que poderia ocorrer, mas o desejo de não ofender a Igreja ou ser considerado um rebelde quanto a sua fé católica, o impedia. Arigó chegou a colocar na porta da sua casa um cartaz com os dizeres “Nesta casa somos todos católicos. O espiritismo é coisa do diabo”, ato este posteriormente classificado pelo próprio Arigó como tolo, afirmando que não deve ser dito “desta água não beberei” (Serrano, 1967).

Mas, as dores de cabeça, os sonhos, as “alucinações”, os desmaios, agora acrescidos de perda de memória, não o abandonavam, deixando Arigó diante de um grande dilema: aceitar as palavras daquele que se apresentava como o espírito de um médico e desobedecer o padre, afrontando os ideais da Igreja, ou viver doente e assombrado por pesadelos. E qual dessas opções o faria perder totalmente a lucidez e a vontade própria. Foi nesse momento em que ocorreu a “cirurgia” do senador Bittencourt, em Belo Horizonte, um caso complexo de cura que teria sido atestada por médicos e propagado pelo próprio Senador. É nesse momento que Arigó decide dar um fim ao seu dilema e descobrir do que se tratava o caminho “apresentado” por esse médico que já teria falecido (Fagundes, 2022).

Ainda sob o efeito do caso do senador Bittencourt, Congonhas teria se visto com um novo acontecimento que chocaria a todos. Ao visitar uma conhecida da família, mulher idosa em estado avançado de câncer, já tendo recebido a extrema-unção (atualmente, o sacramento católico da unção dos doentes), com todos os parentes e vizinhos ao redor aguardando o seu falecimento, após alguns minutos na casa, José Arigó pegou uma faca grande de cozinha e, na frente de todos, a operou e retirou de seu ventre um tumor do tamanho de uma laranja, sem que a enferma se perturbasse ou reclamasse de qualquer desconforto, ficando curada e, em poucos dias, voltando a sua vida normal.

O médico que a tratava confirmou ser um tumor uterino e que, pelo seu tamanho, não era considerado operável. É relatado que Arigó teria ficado em transe, sem controle da situação e, ao retornar à consciência, não se lembraria de nada, desconhecendo o ocorrido e teria caído no pranto, em razão do nervosismo que o tomava (Fagundes, 2022, p. 102/103).

A partir desse evento, as pessoas começaram a formar filas na frente da casa de Arigó, buscando atendimento e cura para os seus males. E os últimos três anos de sofrimento, dores de cabeça, desmaios e da voz intermitente falando consigo em uma língua estrangeira somada à “visão” daquele homem forte e careca “comandando

cirurgias”, se sobrepuseram ao temor que Arigó possuía da reação dos padres e da própria Igreja.

Assim, decidiu aceitar a situação e atender a todos, iniciando as curas e cirurgias espirituais, como relatado pelo próprio Arigó aos jornalistas e escritores de importantes jornais e revistas da época, que acompanhavam e registravam suas atividades diariamente, posteriormente declarando “Não curo ninguém. O crucifixo é o meu bisturi. A fé, a minha ciência. O resto é Deus quem faz, sob a invocação de frei Fabiano de Cristo⁸” (Tavares, 1957).

A fama de Arigó se espalhou rapidamente por todo o Brasil e era grande o número de pessoas que chegavam a Congonhas, de vários lugares e regiões, formando-se uma multidão democrática, onde eram atendidos um por um, da mesma forma e sem distinção, como descreve o jornalista Marcelo Coimbra Tavares, em reportagem feita para a revista *Manchete*, após acompanhar um dia de atendimento em Congonhas:

Gente de longe, da Bahia, de Pernambuco, do Paraná, vai ver de perto esse que cura males incuráveis, opera sem deixar cicatrizes e faz diagnósticos que médicos mais experientes não conseguem fazer. Estão lotados os hotéis da cidade-santuário. A casa pobre de Arigó é o centro de gravitação dos turistas do sofrimento. Os interessados vão para lá de caminhão, de jipe, a cavalo ou a pé. (...) Pessoas cultas, bacharéis e médicos, também testemunham esse poder miraculoso (Tavares, 1957).

Segundo Fuller (2022), Arigó não compreendia o fenômeno que o envolvia e explicava que possuía uma vaga memória, às vezes nem isso, dos atendimentos ou procedimentos realizados, o que lhe era informado por terceiros, inclusive que o Dr. Fritz tomava suas ações durante esse processo. Além de remover tumores e realizar delicadas cirurgias oculares com o uso de facas e canivetes que estivessem à mão, sem anestesia ou cuidados especiais de assepsia, prescrevia remédios e tratamentos em receitas complexas e termos farmacológicos corretos ou, simplesmente, rezava sobre a pessoa com o seu crucifixo, na mesma sala onde outros enfermos aguardavam a vez, à vista de qualquer um, com uma velocidade, simplicidade e segurança diferenciada.

Os pacientes, por sua vez, contavam que nada sentiam, nem dor ou sangramento, além de um contato externo, porquanto seriam tomados por uma espécie de prostração. Esses atendimentos transformaram-se em rotina na vida de Arigó, suas dores de cabeça e

⁸ João Barbosa, português nascido em 18/02/1676, chegando ao Rio de Janeiro torna-se frei franciscano em 1704, mudando seu nome para Frei Fabiano de Cristo, dedicando-se aos necessitados. Após seu falecimento no dia 17 de outubro de 1747, teve início vários relatos sobre prodígios sucedidos no corpo de frei Fabiano, como também notícias de curas e de outras ocorrências sobrenaturais relatadas por devotos que haviam solicitado a intercessão do religioso franciscano, surgindo daí, a devoção ao mesmo, renovada em 1920 pela redescoberta de seu túmulo (Martins).

alucinações haviam cessado completamente e os relatos de pacientes afirmando terem se curado, mesmo aqueles que se apresentaram como desenganados pelos médicos, o estimulavam a prosseguir com tais atividades.

Fagundes (2022) relata que Arigó obteve uma explicação para aquela experiência anômala que vivenciava, através de Orlandinho Ferreira, líder do grupo Kardecista de Congonhas, mesmo que essa explicação tenha sido à luz dos princípios da doutrina Espírita, de acordo com a filosofia de Allan Kardec⁹. Ferreira disse que o fenômeno Arigó poderia ser entendido como uma “incorporação”, uma “possessão”³, só que benigna, provocando um transe profundo com a perda total do controle sobre o seu corpo. Nesse momento, o espírito do Dr. Fritz agia e falava livremente, realizava as cirurgias manejando com habilidade os respectivos instrumentos, diagnosticava doenças e prescrevia remédios, como se ainda estivesse vivo, através de Arigó, que não teria consciência ou controle do ocorrido.

Explicou ainda, que sua condição de médium não implicaria na obrigatoriedade de escolher ou abandonar sua religião, uma vez tratar-se de um fenômeno humano e não religioso, que também ocorreria com outras pessoas. Fagundes complementa que essa explicação teria tranquilizado Arigó, pois agora havia uma definição para a sua condição – mediunidade. Mas, embora aceitasse a existência desse mundo novo que já vivenciava há tanto tempo, mesmo sem controle ou discernimento, ainda não estava preparado para ingressar na doutrina espírita. Seu vínculo com a fé católica era muito forte e o impedia de se “aventurar”. E, assim, prosseguiu dividido entre a prática das cirurgias espirituais e o catolicismo, os quais não conseguia conciliar.

De acordo com Leida Lúcia de Oliveira (2017), escritora espírita e filha de José Nilo de Oliveira, que acompanhou e ajudou por 13 anos as atividades do médium, os primeiros casos de cura através das cirurgias espirituais realizadas por Arigó, ocorreram na própria família, apontando o caso da sobrinha de sua esposa, sobre a qual foi feita uma prece e ficou curada das constantes convulsões que sofria, de um outro parente, curado de uma úlcera no duodeno e uma prima chamada Ivete Teodoro Cordeiro, curada de uma apendicite supurada, tudo com o uso de uma faca e uma tesoura, sendo o corte

⁹ Hippolyte Léon Denizard Rivail foi um educador, autor e tradutor francês. Sob o pseudônimo de Allan Kardec (1804-1869), notabilizou-se como o codificador do espiritismo, que para ele não era uma religião, mas, sim, uma doutrina compatível com a religiosidade cristã e com a ciência e a filosofia preponderantes na Europa do século 19. (Veiga, 2022)

comprimido com os dedos, cicatrizando imediatamente, sem uso de fios de nylon ou qualquer outro material para sutura.

Conta, ainda, que posteriormente, o próprio pai, José Nilo de Oliveira, conhecido como “Altimiro”, com aproximadamente 40 anos, foi operado da catarata e no dia seguinte enxergava perfeitamente. Por tal razão, Altimiro levou um tio diagnosticado com câncer no estômago e desenganado pelos médicos para ser tratado por Arigó, que o operou, retirando o tumor. Foi nesse momento em que Altimiro decidiu auxiliar voluntariamente Arigó e assim permaneceu enquanto os atendimentos perduraram.

Oliveira (2017) e Fuller (2022) descrevem o prosseguimento dos atendimentos realizados por Arigó a pessoas portadoras de diversas doenças, abrangendo desde condições mais simples até as de maior complexidade, entre as quais, cirurgias de catarata, tratamento de hidrocele com a utilização de uma seringa para retirar os fluídos, drenagem de abscesso, epilepsia, leucemia e outros tipo de câncer, chegando a atender, aproximadamente, 300 pessoas por dia. E destacam os relatos de maior evidência, além de registros em filmes e fotografias, tais como:

- Jorge Rizzini, escritor, jornalista do jornal *Diário de São Paulo* e das revistas *Planeta*, *Edição Extra Quincas Borba*, além da TV Cultura de São Paulo e extinta TV Continental do Rio de Janeiro, pioneiro na apresentação de um programa espírita na TV Cultura, em 1966 – “Em Busca da Verdade”. Conta ter levado sua esposa Iracema Sapucaia para tratar com Arigó, uma colite crônica (inflamação de colo) com a qual sofreu durante anos e desafiava os melhores gastroenterologistas, e sua filha diagnosticada com uma leucemia incurável. Na consulta, Dr. Fritz prescreveu como tratamento alguns remédios através dos quais a colite teria desaparecido, fato este confirmado pela própria Iracema, em entrevista a uma revista Italiana (PENSOTTI, 1976). Da mesma forma sua filha também foi curada, o que teria sido atestado pelos médicos que haviam diagnosticado a doença.

A partir de então, Rizzini comprou uma câmera filmadora e passou a registrar toda a atividade de José Arigó, com a permissão ao Dr. Fritz, que até então, não admitia nem fotografia dos atendimentos. Realizou um filme mudo de 8mm com José Arigó realizando cirurgias, o qual teve uma grande repercussão, com exibição em cinemas e teatros por várias vezes em Minas Gerais e em outros Estados brasileiros, além de alguns canais de televisão (Portal Despertar, 2022). Esse filme também foi exibido nos Estados Unidos, a convite dos cientistas estadunidenses, na casa do cientista eletrônico John E. Lawrence, onde estava hospedado, bem como, na Princeton University em uma reunião

de cientistas e professores de renome e, em Nova York, na sede da American Society for Psychic Research, onde pronunciou uma palestra sobre as operações espirituais de Arigó, na presença do pesquisador Andrija Puharich, o qual havia se submetido a uma cirurgia espiritual para retirada de um lipoma por Arigó, registrada nesse mesmo filme.

- Juscelino Kubitschek, médico com especialização em cirurgia em Paris e no Oriente Médio, oficial da Polícia Militar mineira, conheceu Arigó em 1955, quando visitou Congonhas por estar fazendo campanha para sua eleição como presidente do Brasil, o que efetivamente se confirmou em 1956. O presidente Kubitschek conta que uma de suas filhas teve que ser levada aos Estados Unidos para se submeter a uma operação extremamente delicada na coluna vertebral, em consequência de uma grave deformação, fazendo com que permanecesse imobilizada por meses e, ao retornar ao Rio de Janeiro, estava com duas pedras enormes no rim.

Com a concordância da esposa e por intermédio de Arigó, foi feita uma consulta com Dr. Fritz, que prescreveu um remédio para eliminar as pedras. Mesmo sendo médico e conhecendo a medicação, Kubitschek apresentou a receita ao médico da família, que não a considerou eficiente, mas, tampouco, prejudicial. O remédio foi tomado de acordo com o prescrito e a moça melhorou. Desde então, nas viagens do presidente e sua esposa, sempre que possível, paravam em Congonhas para uma visita informal a Arigó (Fagundes, 2022).

- Andrija Puharich (nascido Henry Karel Puharić), formado em medicina pela Universidade Northwestern (EUA), especializado em bioengenharia, presidente da “Intelectron Corporation”, instituição científica com sede em Nova York, cientista consultor do Instituto Nacional de Aeronáutica e Espaço dos Estados Unidos, com foco nos estudos da eletrônica aplicada à medicina e nas pesquisas sobre as percepções sensoriais e as extrassensoriais com o objetivo de oferecer novos meios de comunicação aos astronautas, nas viagens a serem realizadas pelo espaço. Veio ao Brasil, juntamente com outros cientistas estadunidenses, alguns integrantes da NASA, interessado pelo fenômeno de transferência de energia que haveria em volta de todos os seres humanos, chamado pelos espíritas de “aura” ou “campo bioeletromagnético”, tendo Arigó e suas experiências de curas anômalas como um campo rico para tal estudo.

Foi operado pelo Dr. Fritz para retirada de um tumor gorduroso, denominado lipoma, localizado na parte interna do cotovelo direito, diretamente sobre o nervo cubital, que controla o movimento da mão, próxima à artéria braquial, principal artéria do braço, e qualquer deslize o deixaria incapacitado. Essa cirurgia foi a maior motivação de

Puharich, a oportunidade ideal de pôr à prova as habilidades de Arigó, “sentir na própria pele como seria uma operação sem anestesia, antissepsia e suturas, e se Arigó era capaz de evitar sangramento significativo” (Fuller, 2022).

A cirurgia foi realizada em cinco segundos. Com o uso de um canivete, Dr. Fritz, através de Arigó, fez uma incisão medindo menos de 2 polegadas, extraiu o tumor com a mão e o colocou dentro de um vidro para ser levado para os Estados Unidos como prova material do fato ocorrido, tudo devidamente registrado em filme 8mm, fotografado, além de um relato do próprio Puharich em entrevista escrita e gravada em fita magnética por Rizzini (Oliveira, 2017 e Portal Despertar, 2022).

Nesse momento a fama de Arigó, boa ou má de acordo com a perspectiva, era incontestável e, na mesma medida em que havia vários relatos de sucesso daqueles que o seguiam incondicionalmente, também havia quem o combatesse ferozmente, por acreditar tratar-se de uma fraude mediante utilização de hipnose, transe ou qualquer outro artifício para tal fim e, portanto, seria um curandeiro charlatão.

O certo é que os relatos das experiências de curas anômalas geradas por José Arigó, mediante cirurgias espirituais com incisões invasivas físicas, já haviam atingido todo o Brasil. Congonhas começou a ficar repleta de jornalistas que, depois de meses ou anos, elaborando diversos artigos para jornais como *Diários Associados*, *Correio Popular*, *Diário de São Paulo*, *Diário de Minas*, *Última Hora*, *Luzes do Consolador*, *Primeira Hora*, *Diário Carioca*, ou revistas, como *Manchete*, *O Cruzeiro*, *Fatos e Fotos*, *Realidade*, acabaram escrevendo livros sobre tais atividades, entre os quais Reinaldo Comenale, J. Herculano Pires, Geraldo Serrano, que também apresentava programas de televisão na TV Continental e na Rádio Guanabara cujo objeto era José Arigó, além dos registros através de filme e fotos realizados por Jorge Rizzini.

J. Herculano Pires (2008), filósofo, escritor, jornalista e crítico literário dos *Diários Associados*, repórter da Assembleia Legislativa e tradutor de várias obras de autoria de Kardec, relata que a atividade de Arigó já produzia reflexos no exterior, despertando o interesse não apenas daqueles que buscavam a cura para seus problemas individuais ou manchetes jornalísticas, como, também, de cientistas, médicos e pesquisadores.

Conta que uma equipe de quinze integrantes da televisão de Tóquio, Nipon Television Network Corporation, acompanhados do professor e escritor Toshiya Nakaoka, de Chiba, operado por duas vezes por Arigó, fez uma reportage profunda sobre suas atividades, combinando retornarem com uma equipe de cientistas com o objetivo de

investigação do caso. E o Dr. M.G. Kappemberger, de Lugano-Masagno, Suíça, diretor de um laboratório internacional e também operado por Arigó, obteve permissão deste para voltar acompanhado de pesquisadores para estudá-lo.

Oliveira (2017) confirma tais informações e ressalta outras situações que demonstram o interesse despertado pelo fenômeno Arigó, tais como a pesquisa científica realizada por Andrija Puharich, doutor em medicina, presidente da “Intelectron Corporation” e pesquisador parapsicológico, juntamente com William Henry Belk II, da Carolina do Norte, especialista em bioengenharia e fundador da Belk Research Foundation, organização cujo objeto era a realização de estudos científicos em pessoas com habilidades paranormais genuínas, e John Laurence, engenheiro de sistemas do programa espacial da RCA e diretor executivo da NASA, todos estadunidenses.

O objetivo era a investigação no campo da cura paranormal mediante estudo profundo das atividades de Arigó, análise, entrevistas, registros de vídeo e áudio, aplicação de testes, culminando com a elaboração de um relatório para apresentação nos Estados Unidos, a fim de viabilizar o prosseguimento dessa empreitada, interrompida pelo falecimento de Arigó em 1971.

No Chile, o jornalista Patricio Varela relatava, diariamente, as atividades de Arigó através de um programa de rádio e, em Santiago, foi criada uma linha de ônibus direta para Congonhas, que transportava os doentes que iam se consultar com Dr. Fritz. A revista inglesa “The Magazine Newsweek”, o jornal “L’Heure d’être (de Cote-D’Or) da França, o jornal “National Enquirer” dos Estados Unidos, a revista *Psychical Research and Spiritualism*, edição 289, no Japão, a revista “Gente” e o jornal “La razon”, ambos na Argentina, revista “Die Zeit”, na Alemanha, e revista “Oggi”, da Itália, e “Ru veé Made, de Istambul, Turquia, publicavam extensas reportagens sobre o trabalho desenvolvido por José Arigó.

E, independentemente do teor das entrevistas, artigos e mesas-redondas a seu respeito, favoráveis ou contrárias, Arigó cooperava de todas as formas possíveis com a medicina e a ciência, pois, também, desejava entender o estranho mecanismo que possibilitava suas atividades (Oliveira, 2020)

1.3 Funcionamento, estrutura e práticas do atendimento espiritual

Arigó era descrito como um homem franco, de linguagem rústica, pouco afeito a sutilezas, obstinado e inflexível, que falava sem rodeios e espontaneamente, chegando a parecer grosseiro ou mesmo extravagante. Mas, possuía um carisma que fazia com que

fosse considerado com simpatia pelas pessoas e anulava eventuais críticas que pudesse receber por tais características (Fagundes, 2022).

Ao relatar suas impressões no primeiro encontro com Arigó, John Fuller (2022) acrescenta que “longe de ter a aparência de um místico, ele mais parecia um simpático motorista de caminhão ou um político da região”, mais tarde confirmada a última hipótese como um desejo não realizado. Era um homem de peito largo e aparência marcante, vestindo calça e camisa esporte e sapatos enlameados, tinha bigode, cabelos espessos e pretos, rosto bronzeado e olhos penetrantes. Por outro lado, era extrovertido, sociável, espontâneo e nervoso, um homem prático que mal sabia ler e escrever (Pires, 2008)

A prática de curas e cirurgias espirituais foi iniciada na própria casa de Arigó, sem ninguém para ajudá-lo, onde residia com toda a sua família e em frente a qual se formavam extensas filas de pessoas doentes, que crescia a cada dia, sem controle e insustentável. Posteriormente, seguindo sugestão de Orlandinho Ferreira, dirigente do grupo espírita, Arigó transferiu o atendimento para um espaço desocupado do outro lado da rua, que dera lugar a uma igreja vazia e há muito tempo não era usado, mais adequado para abrigar a multidão, sendo instituído, assim, o Centro Espírita Jesus de Nazareno.

Foi nessa época em que conheceu José Nilo de Oliveira, o Altimiro, que após ter sido submetido a uma cirurgia espiritual de catarata com sucesso, passou a auxiliar Arigó, “decifrando” e datilografando as receitas ilegíveis que eram prescritas pelo Dr. Fritz através do médium, além de organizar o atendimento distribuindo senhas consistentes em pedaços de papel com um número, de acordo com a ordem de chegada (Fuller, 2022).

José Nilo de Oliveira, conhecido como “Altimiro”, com aproximadamente 40 anos, foi operado da catarata e no dia seguinte enxergava perfeitamente. Por tal razão, Altimiro levou um tio diagnosticado com câncer no estômago e desenganado pelos médicos para ser tratado por Arigó, que o operou, retirando o tumor. Foi nesse momento em que Altimiro decidiu auxiliar voluntariamente Arigó e assim permaneceu enquanto os atendimentos perduraram.

O jornalista Roberto Freire, em reportagem realizada em 1967, descreve o atendimento, que começava às 6h da manhã. As pessoas, que já formavam fila do lado de fora, começavam a entrar e a se ajeitar nos vários bancos de madeira espalhados no salão, em silêncio profundo, aguardando a chegada de Arigó. A sala era pequena para abrigar por volta de 500 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, de várias regiões do Brasil, do Uruguai, da Argentina, apresentando problemas de saúde.

Uma vez chegando no local, Arigó fazia uma pequena prédica evangélica, criticava o tabagismo e alcoolismo, especialmente para as mulheres, o que, na opinião dele era um verdadeiro crime. Proibia a entrada de pessoas que haviam ingerido bebidas alcóolicas, mandando que voltassem outro dia, sóbrios. Depois, todos se erguem, rezam a oração do Pai Nosso e, ao final, Arigó entra em uma sala, onde se fecha por dentro para, em seguida, abrir a porta bruscamente, com a cabeça empinada, olhar mais duro, “incorporado” pelo Dr. Fritz, falando em tom enérgico, anuncia com sotaque alemão que o antedimento iria começar. (Freire, 1967)

Arigó ficava sentado atrás de uma mesinha simples e começava a atender um a um. As perguntas feitas ao paciente eram basicamente sobre seu nome, idade, residência e, quando o paciente começava a falar sobre sua doença, Dr. Fritz o impedia afirmando já saber de tudo, dando o diagnóstico, prescrevendo uma receita/tratamento em folhas de papél em branco colocados a sua frente ou realizando a cirurgia que entendesse necessária. As consultas não duravam mais que 30 a 60 segundos (Fagundes, 2022, pg 110). Não possuía nenhum desejo de agradar, de “atrair clientes”, debochava daqueles que apareciam em ricos automóveis, alertando que não era “milagreiro” e nem “santo” como Chico Xavier, exigindo que aqueles que haviam bebido se retirassem, algumas vezes murmurando estar muito nervoso e, depois de olhar para cima, afirmar “O Alto hoje está nervoso!” (Pires, 2008).

Às vezes se levantava, encostava o paciente na parede, limpava a faca na camisa e a cravava brutalmente em um tumor, apêndice, pedras ou quisto, em um olho ou ouvido, removendo em questão de segundos, o que quer que fosse que estivesse ofendendo o tecido. E nas intervenções de *extirpação de órgãos e vísceras, o material recolhido (era) enviado a Belo Horizonte, a fim de que seja procedida à biópsia, para positivação do diagnóstico* (Valério, p 49). *Curava desde incômodos corriqueiros, como sinusite ou dor de cabeça crônica, até doenças consideradas incuráveis e que exigiam complexos tratamentos, como o câncer. Os atendimentos eram rápidos, em poucos segundos o médium manipulava tesouras, facas, estiletes de uma forma grosseira. Os “pacientes” aparentemente não sentiam dor. Apenas alívio depois de finalizada a cirurgia* (Hirsch, 206, p. 150).

Os autores citados são unânimes ao afirmar que não era usado anestesia, sugestão hipnótica ou antissépticos. Praticamente, não se via sangramento nas intervenções cirúrgicas, apenas algumas gotas, o que era controlado mediante uma ordem de Arigó e, da mesma forma, com a cicatrização. Trabalhava em mangas de camisa, com os braços

nús e sempre em plena luz, operando em público e chamando os médicos presentes para assistirem de perto as operações.

Pires (2008) relata, ainda, que, quanto as receitas, Arigó não empregava bebedeiras¹⁰ de espécie alguma, nem remédios caseiros, homeopáticos ou alopáticos de uso popular. Receitava drogas recentes, muitas vezes não lançadas no mercado ou não importadas, antibióticos violentos em doses maciças, o que demonstraria atualização médica, sendo que, *tanto no caso das operações quanto no das receitas, Arigó não realiza sessões espíritas, nem age de olhos fechados. Verifica-se o seu estado paranormal pela modificação da expressão fisionômica, especialmente do olhar, que se torna distante, pela modificação da pronúncia caipira para acentuado sotaque alemão.*

Oliveira (2017) complementa que, em outras vezes, ao perceber que o doente não tinha cura e que iria morrer, Arigó anotava do lado esquerdo do papel um código para que Altimiro não transcrevesse remédios, mas alguma mensagem de conforto, não havendo notícias de falecimento de pacientes após terem sido operados ou tomado os remédios receitados.

Por final, embora iniciasse o atendimento com uma oração e se despedisse de todos os pacientes com um “Vá com Deus”, Fuller afirma que não havia qualquer aspecto de misticismo ou cura pela fé no atendimento de Arigó. Pelo contrário, o tratamento do médium era tão mecânico e clínico quanto de um médico no pronto-socorro:

“Arigó oferecia esperança onde não havia nenhuma. Os desesperados seguiam para Congonhas e a maioria ficava milagrosamente curada. Só uma percentagem mínima não obtinha sucesso e Arigó não hesitava em lhes dizer que, no caso deles, nada podia ser feito. Mas, praticamente todos achavam que valia a pena correr o risco.” (Fuller, 2022,)

1.4 Atividades sem vínculo religioso ou ritos predeterminados: críticas do catolicismo e do espiritismo

Conforme explica Serrano (1967, p. 139), José Arigó não “despertou” ou se converteu ao espiritismo, nunca tendo estudado tal doutrina ou tido uma necessidade material para tanto. Pelo contrário, vivenciou várias experiências anômalas desde a infância, sem ter conhecimento do que se tratava ou a natureza das mesmas, incapaz de afastá-las ou impedi-las, tendo travado uma verdadeira luta com os fenômenos que ocorriam, inexplicáveis ao seu entendimento. Daí o entendimento que, durante anos, se estaria diante de “Mediunismo” e não espiritismo, uma vez a atuação de Arigó tratar de

¹⁰ Infusão caseira de ervas ou elaborada por um curandeiro, supostamente medicinal

manifestação dos vários tipos de mediunidade que possuiria.

Oliveira (2017, p. 53) ainda ressalta que José Arigó e toda a sua família eram católicos fervorosos, que acreditavam na ética cristã, compartilhava com sua esposa Arlete uma devoção quase obsessiva pelos rituais católicos e, qualquer fato ou elemento fora de tal crença, era tido como magia negra, manifestação das forças do mal ou caso de psiquiatria de ordem alucinatória. Mas, após o caso do Senador Bittencourt e da mulher que se encontrava em estado teminal, a quem operara de emergência e voltara a ter vida normal, Arigó sucumbiu a tal condição, permitindo-se conferir se era verdade o que aquela voz lhe falava intermitentemente e se ficaria curado das terríveis dores de cabeça, desmaios e medo que o acompanhavam já há 3 anos.

Foi assim que abriu as portas da sua casa e iniciou o atendimento das centenas de pessoas que o aguardavam. Mas, afirma que o início havia sido conturbado. Arigó ficava aturdido, cambaleante, com os olhos reluzentes, sua fisionomia mudava, falava com sotaque alemão e sentia uma força descrita por ele próprio como “estranha”, fazendo com que suas mãos grosseiras se tornassem hábeis, manejando com facilidade os bisturis.

A manifestação da paranormalidade de José Arigó ocorria de forma natural, mas também brutalmente, sem controle ou limites dessa atuação, parecendo estar “incorporado” ou conversando com Dr. Fritz em tempo integral, em momentos particulares e reuniões familiares, sem distinção quando era um ou quando era outro que estava falando, o que era perceptível em razão da modificação de sua fisionomia, de seu olhar, postura, gesticulação, andar e até da linguagem, passando a falar em duas línguas – português e alemão - ao mesmo tempo. Ou, ainda, caía em transe profundo, perdendo a consciência do que ocorria ao seu redor ou das cirurgias realizadas.

As tentativas de estudar a condição de José Arigó de forma objetiva e sem qualquer associação com a espiritualidade ou religião, como uma fonte de fenômenos inéditos na história da humanidade, encontravam como dificuldade o fato do próprio Arigó declarar que Dr. Fritz não era apenas uma parte menor do seu trabalho, mas, a essência de suas “habilidades” e “poderes” (Fuller, 2022).

Por outro lado, Herculano Pires (2008, p. 69/70) esclarece que, embora a afirmação reiterada de Arigó estar “incorporado” pelo médico falecido para atuar, pudesse induzir a conclusão que a única explicação para esse fenômeno estaria na doutrina espírita, os atendimentos realizados pelo médium eram completamente alheios aos preceitos e regras doutrinárias do espiritismo, assim como não se enquadrava nas classificações habituais contidas na obra *Livro dos Médiuns* de Allan Kardec, :

- 1) Não praticava as conhecidas *operações espirituais* em ambiente de sessão mediúnica e utilizava bisturis ou substitutos grosseiros, como facas, canivetes, tesouras;
- 2) Não havia preparação do ambiente, assim como não era pedida concentração dos enfermos e nem dos presentes;
- 3) Era usado um crucifixo e feita a prece *Nome do Padre*, de acordo com o ritual católico;
- 4) Os doentes eram tratados, em geral, com rispidez, muito distante das normas habituais das relações evangélicas seguidas no meio espírita;
- 5) Eram receitadas listas imensas de remédios perigosos, como antibióticos agressivos em doses maciças, e dizia com estranha certeza se o doente iria curar-se ou não;
- 6) Às vezes dizia claramente ao enfermo: “O seu caso não tem cura; é *karma*; vou receitar só para ajudar”, o que parecia falta de caridade;
- 7) Em meio a uma operação, deixava os instrumentos na ferida (como facas penduradas nos olhos, às vezes duas no mesmo olho), vangloriando-se em estranho exibicionismo;
- 8) Não procurava amparo de instituições espíritas, nem conselhos de orientadores, parecendo dotado (Arigó e Dr. Fritz) de inaceitável auto-suficiência, com desprezo por tudo quanto se havia feito até então no trabalho mediúnico.

Pires (2008) prossegue afirmando que essa postura gerava críticas tanto do espiritismo como do catolicismo, lhe rendendo acusações de mistificação ou charlatanismo, além de questionamentos quanto a mediunidade de José Arigó, sobre a necessidade da utilização de facas e bisturis ou de receitas com longas listas de remédios se a operação e o tratamento eram espirituais.

Também, quanto a atuação do médium, uma vez sua mediunidade não se classificar adequada e especificamente em uma das hipóteses descritas por Allan Kardec, mas, sim, apresentar um traço, mais ou menos forte, de todas as demais, tais como a “incorporação”, xenoglossia/mediunidade poliglota¹¹, percepção a distância com telediagnose¹², operações simpatéticas, sem ação física do médium, resultando em um complexo de manifestações paranormais, com a ressalva que se tratava do exercício mental de um homem inculto, sem nenhum desenvolvimento intelectual.

Pires ainda considera que existe em nosso país o panorama da fenomenologia paranormal da medicina popular brasileira, segundo o qual, trata-se de uma sistemática

¹¹ “Médiuns poliglota: os que têm a aptidão de falar ou escrever em línguas desconhecidas deles. Muito raros.”
Kardec, *O Livro dos Médiuns* - cap. XVI, item 191

¹² Telediagnose: diagnóstico a distância.

de cura tipicamente paranormal, que pode ser dividido da seguinte classificação:

- 1) **Benzendores:** praticam gestos, orações e palavras mágicas tanto para a cura de animais como de pessoas, obtendo resultados positivos;
- 2) **Curandeiros:** aplicam beberagens, em geral “garrafadas” de raízes, sementes e ervas diversas, ou mesmo a mistura de excrementos de animais e víscera com aguardente, vinho e outras bebidas; utilizam-se de amuletos ou sementes de plantas, patuás, guizos-de-cascavel e pedaços de peles de animais para obterem curas de diversos males, cuja ação é ativada por palavras mágicas, revelando a natureza supersticiosa do processo de curas;
- 3) **Rezadores:** fazem reuniões de cura por meio de orações ou preferem orar sozinhos ao lado do enfermo, acompanhando as orações com gestos ou uso de velas, queima de ervas ou apenas de atitudes e posturas especiais;
- 4) **Médiuns passistas:** Espíritas que aplicam passes magnéticos ou espirituais nos doentes, às vezes acompanhados de sopros curadores;
- 5) **Médiuns receitistas:** que em transe recebem intuições de receituários, diagnosticam moléstias e tanto indicam medicamento caseiros como homeopáticos ou alopáticos;
- 6) **Médiuns operadores:** que em sessões espíritas ou nas formas de sincretismo religioso afro-brasileiro, com a presença do doente ou à distância, realizam operações espirituais sem intervenção cirúrgica visível, às vezes com extração de tecidos ou supostos tecidos orgânicos enfermos.

E conclui que Arigó não se enquadrava em nenhuma dessas categorias de curas paranormais, seja da simples benzedura até as intervenções cirúrgicas à distância, uma vez que realizava as intervenções pessoalmente, cortando com facas, tesouras ou bisturis, sem assepsia, nem anestesia. A hemorragia era controlada verbalmente, mediante a ordem “Jesus não quer que sangue” e a cicatrização, quase imediata. Assim, Arigó seria um *sujet* paranormal (Pires, 2008).

Oliveira (2017) relata que, durante o período de cinco anos, Arigó realizou suas cirurgias espirituais e curas por receituários, em estado de inconsciência ou “ouvindo” a voz do Dr. Fritz, como católico, enfrentando todas as controvérsias quanto as suas atividades e ataques disferidos por alguns membros do clero, sem se interessar pela questão mediúnica. Só após esse período se tornou espírita, mediante a transferência do atendimento para o prédio em frente de sua casa e criação da Instituição do Centro Espírita Jesus de Nazareno no mesmo local, auxiliado por José Nilo de Oliveira, o Altimiro, que permaneceu como seu assistente até o encerramento de tais atividades, como observado na reportagem de Roberto Freire, “Arigó é a última esperança”, veiculada na revista Realidade:

Orlandinho, presidente do centro espírita de Congonhas, explica os fenômenos de Arigó sob o ponto de vista do espiritismo. Eu já havia

notado que o médium Arigó vive muito a formação católica que teve. Não conhece os estudos religiosos e científicos do espiritismo e apenas repete e aceita explicações dos amigos do centro. O fenômeno que ele mais cita é reencarnação, para explicar as doenças e misérias humanas.” (Freire, 1967)

O Centro Espírita atuava como complementação do trabalho desenvolvido, onde todas as noites era realizada uma reunião mediúnica presidida por Orlandinho Ferreira, posteriormente substituído por José Nilo de Oliveira, com a presença de todos os doentes e outras duas médiuns. Nessas reuniões eram recebidas mensagens de consolo e conforto através da mediunidade de psicofonia¹³, enviadas por mentores ligados ao grupo espiritual do Dr. Fritz e de um médico argentino, não havendo manifestações de espíritos sofredores ou “desobsessões”¹⁴. A finalidade maior era a leitura e propagação do Evangelho de Kardec, o qual a maioria das pessoas ali presentes não conhecia. Mas, Arigó não participava de tais reuniões (Oliveira, 2017, p. 81).

Já a oposição do clero contra as atividades de Arigó aumentava violenta e gradativamente, tendo se iniciado com o vigário de Congonhas, padre Leonardo, que através de sermões incitava a população a repudiar o médium e proibia que fossem ao Centro Espírita, chegando a instalar alto-falantes na Igreja Matriz e, por meio deles, difamar, insultar e ofender Arigó, acusando-o de “ter parte com o demônio” (Oliveira, 2017). E o redentorista Luciano Penido afirmava que Arigó, antes uma pessoa de boa índole e caridoso, teria se modificado após o envolvimento com o espiritismo, tornando-se um curandeiro interesseiro, ambicioso, com objetivos políticos, que criava sensacionalismos e utilizava hipnotismo que representaria apenas a remoção temporária de um sintoma (Tavares, 1957).

Tais posturas prosseguiram até a apresentação de denúncias contra Arigó e instauração de processos criminais, junto com membros da Associação Médica de Minas Gerais, sob acusações de charlatanismo, fraude e medicina ilegal, cuja pretensão era a paralisação e encerramento daquela atividade.

De qualquer forma, os autores citados são unânimes em afirmar que José Arigó continuou desenvolvendo suas atividades de forma independente, sem estabelecer uma estrutura, fixar ou observar regras, nomear auxiliares e, muito menos, estabelecer

¹³ Psicofonia: comunicação de espíritos pela voz de um médium falante (Kardec, *O Livro dos Médiuns* – Segunda parte - cap. XXXII)

¹⁴ Desobsessões: o processo de libertar uma pessoa de influências espirituais negativas (Kardec, *O Livro dos Médiuns* – Segunda parte - cap. XXXIII)

hierarquia entre aqueles com que se relacionava ou se disponibilizavam a ajudar nos atendimentos, agindo segundo o que seria o “humor” e a “disposição” do Dr. Fritz, como se fossem uma só pessoa, a luz do dia, em qualquer lugar e na presença de quem desejasse assistir suas operações.

1.5 A ciência e José Arigó

O fenômeno Arigó não despertou o interesse apenas da população e dos seguidores da doutrina espírita, mas também de cientistas, médicos, psicólogos, parapsicólogos e religiosos, impressionados e curiosos diante do complexo de manifestações anômalas, cada qual apresentando um discurso diverso do outro, em consonância com as próprias teorias e posições ideológicas.

Assim, esta investigação ocorreu em um contexto de certa complexidade na relação religião e ciência envolvendo diferentes concepções e abordagens. O estudo abrangeu áreas que, para alguns, podem ser vistas como não científicas, dado que o fenômeno Arigó despertou o interesse de acadêmicos e cientistas que demonstraram abertura para as visões espíritas, entre esses, J. Herculano Pires (1914-1979), cuja contribuição foi significativa. As diversas perspectivas e visões apresentadas, portanto, desempenharam um papel importante na construção e compreensão do personagem Arigó, enriquecendo a investigação.

Herculano Pires (2008) desenvolveu um profundo trabalho de pesquisa sobre José Arigó abordando o fenômeno não apenas sob a perspectiva religiosa e filosófica, mas buscando compreendê-lo à luz da ciência. O autor relata que o psiquiatra Robert Laidlaw, diretor do Hospital Roosevelt de Nova Iorque, durante sua visita ao Brasil, afirmou que o caso Arigó demandaria investigações científicas mais detalhadas, as quais poderiam direcionar as pesquisas para novos rumos.

Parapsicólogos argentinos, entre estes José Fernandez¹⁵, concluíram que as explicações parapsicológicas disponíveis à época eram insuficientes para oferecer um esclarecimento adequado do fenômeno. Apresentou, também, estudos realizados por

¹⁵ José Salvados Fernández: (1893-1967): *Pensador espírita e investigador da Parapsicologia na Argentina. Foi presidente do Colégio Argentino de Estudos Psíquicos, defendeu a causa do Espiritualismo e da parapsicologia na Argentina. Fez os primeiros estudos estatísticos de clarividência e precognição, fundou o Circulo Espiritualista ATMAN em 1933 e participou de reuniões do Circulo Psyke com médiuns e clarividentes. Criou a teoria espírita dos fenômenos psíquicos, demonstrando a importância da experimentação científica no desenvolvimento doutrinário, com a aplicação de novos métodos desenvolvidos pela parapsicologia na investigação dos fenômenos mediúnicos.* (CEPA – Associação Espírita Internacional, <https://cepainternacional.org/site/es/espiritismo-es/biografia/143-666> - Acesso em 05/01/2025)

professores, médicos psiquiatras e psicólogos publicados em livros e artigos em jornais como *Folha de São Paulo*, *Diário de São Paulo*, além de registros em programas de televisão, nos quais foram realizadas mesas-redondas para a discussão desse fenômeno.

Arigó foi, também, objeto de estudo do Dr. Ary Lex, médico, diretor-executivo e Assistente da Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas de São Paulo, professor titular de Biologia Educacional da Universidade Mackenzie e espírita, ocupando o cargo de conselheiro da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP). Dr. Lex participou de uma mesa-redonda na televisão, no Programa de Aurélio Campos, representando a Associação Paulista de Medicina como membro da Comissão de Defesa da Classe. Já a vista feita à Congonhas, foi por interesse pessoal e não no desempenho de qualquer cargo da entidade de classe a que pertencia, instituição científica ou mesmo do Hospital das Clínicas.

Após acompanhar quatro cirurgias realizadas por Arigó, conclui que *a rapidez e a habilidade em pessoa leiga em medicina, a ausência de instrumental adequado e de anestesia levam-nos a admitir que suas “operações” escapam às capacidades normais de um cirurgião*. Admite que poderia tratar-se de poderes supranormais ou mediunidade, sendo favorável a segunda hipótese. E, ainda, que realmente eram realizadas intervenções cirúrgicas, mas quanto a cura, se havia ou não recidivas, não era possível responder ante a falta de controle médico prévio e acompanhamento posterior do enfermo (e-Book Espírita, 2003).

Fuller (2022) ressalta que nesse período, início da década de 1950, os avanços significativos que estavam ocorrendo na física, biologia e medicina, com descobertas de partículas elementares, do encontro entre prótons e nêutrons, de drogas com efeitos mais abrangentes para combater doenças como a febre amarela e poliomielite, entre outras, despertaram um interesse natural de um grupo de cientistas formado por médicos, engenheiros, cirurgiões, neurologistas, psiquiatras, da Universidade de Stanford, Universidade de Nova York, Universidade de Pittsburgh e a Rádio Corporation of America, no estudo de campos antes não considerados pela ciência, entre estes, acontecimentos paranormais e o fenômeno da transferência de energia.

Esse grupo formou a organização denominada *Essentia Resarch Associates* e iniciou estudos experimentais sobre telepatia, com patrocínio da NASA e da Força Aérea dos Estados Unidos, recursos esses limitados e que permitiam apenas investigações primárias em relação ao paranormal, incluindo a transferência não sensorial de informações.

Foi quando tiveram conhecimento dos trabalhos de José Arigó e suas cirurgias espirituais no Brasil e, em 1963, Andrija Puharich, junto com William Henry Belk II, foram à Congonhas acompanhados de dois intérpretes da Universidade do Rio de Janeiro, averiguar se estariam diante de um novo fenômeno paranormal.

Juntaram-se a eles o engenheiro de sistemas John Lawrence, conhecido por ter trabalhado no programa espacial “Relay”¹⁶ e Jorge Rizzini, jornalista, documentarista e produtor de cinema em São Paulo, que já havia feito várias filmagens do trabalho desenvolvido por Arigó e suas cirurgias. A intenção de Puharich era realizar um documentário verossímil, de caráter científico, visando obter uma evidência robusta o suficiente para obter o apoio de outros médicos estadunidenses no estudo aprofundado de Arigó.

Assim, a pesquisa buscava responder várias questões sobre as prescrições que haviam sido feitas: como o médium poderia escrever tão rápido, mal olhando para o papel e sem gastar tempo para analisar a prescrição ou o paciente, como o assistente conseguiria ler o rabisco feito e traduzi-lo para o farmacêutico, qual seria a origem do conhecimento farmacológico de Arigó, como teriam sido obtidos resultados tidos como milagrosos passando tão pouco tempo com cada paciente, como teria chegado a uma terapia racional sem um exame clínico do paciente sem fazer perguntas, como os pacientes não manifestavam dor durante o procedimento, em que uma faca era empurrada brutalmente para dentro de seus corpos.

E a pergunta principal: como Arigó conseguia suportar fisicamente, o dispêndio de energia exigido para tratar cerca de mil e quinhentos pacientes por semana, sem intervalos de descanso ou assistência adequada (Fagundes, 2022, p. 27/29 e 39).

A realização da pesquisa foi autorizada por Arigó, que concedeu total liberdade de ação a Belk e Puharich, sem imposição de limitações de tempo ou restrições quanto ao tipo de questionamento que poderia ser dirigido às pessoas presentes, tanto antes como depois do atendimento. Após várias semanas de análise das atividades de Arigó, incluindo observação e entrevistas com centenas de pacientes, bem como a busca por um teste da veracidade do tratamento,

¹⁶ O **Programa Relay** foi um projeto norte-americano financiado pela **NASA**, que objetivava o lançamento de **três satélites experimentais** ativos de comunicação produzidos pela empresa **RCA (Radio Corporation of America)**. O projeto tinha **três objetivos principais**: testar **comunicações transoceânicas**, medir a **radiação** no trajeto até sua posição orbital e identificar até que ponto **partículas** de alta e baixa energia danificariam as células solares e os componentes do satélite.

Puharich decidiu submeter-se a uma cirurgia realizada por Arigó e, dessa forma, vivenciar o fenômeno e constatar o resultado no próprio corpo. A cirurgia consistia na retirada de um tumor benigno que se encontrava no interior do cotovelo direito de Puharich, com cerca de uma polegada e meia de comprimento, conhecido como lipoma, em razão do qual fazia acompanhamento médico constante já há sete anos.

Havia sido aventada a hipótese de remover esse tumor cirurgicamente, o que envolveria esterilização, sala de cirurgia, uma incisão sobre a gordura do tecido, o alargamento da incisão com dois afastadores, o uso de agente hemostático, além da cauterização dos vasos sanguíneos e, uma vez retirado, a abertura deveria ser suturada.

Todo o procedimento dispenderia, aproximadamente, 20 minutos. Mas, a dificuldade estava no fato do tumor encontrar-se diretamente sobre o nervo ulnar, que controla o movimento da mão, além da artéria braquial estar nas proximidades, o que poderia ser uma possível complicação (Fuller, 2022).

Com um canivete fornecido por um dos presentes, Arigó operou Puharich em menos de 5 segundos, colocando em sua mão o lipoma sangrento e o próprio canivete e, no seu braço, havia um pequena fenda aberta com um fio de sangue escorrendo, tudo devidamente filmado por Jorge Rizzini (Portal Despertar, 2022).

Fagundes (2022, p. 59, 63/64) descreve o pós-operatório de Puharich, resumido à aplicação de um quadrado de gaze não estéril sobre a ferida, sem utilização de antissépticos ou qualquer antibiótico. E relata, ainda, que Belk também foi atendido por Arigó devido a um problema nas costas, sendo o diagnóstico realizado por meio de um simples olhar casual, enquanto rabiscava automaticamente uma receita contendo doses anormais de medicamentos. O tratamento foi seguido por Belk, resultando no desaparecimento das dores.

Puharich retornou aos Estados Unidos e, junto com o cirurgião cardíaco Luis Cortes, cientista pesquisador do Departamento de Cirurgia da Escola de Medicina da Universidade de Nova York e também membro do “Essentia Research Associate”, tentou reproduzir em ratos de laboratório, as cirurgias feitas por José Arigó, sem qualquer sucesso.

Foi constatada a impossibilidade de ser introduzida, tanto uma faca sob a pálpebra de um rato consciente e sem anestesia, como uma lâmina nos olhos de um rato anestesiado, sem danificar seriamente os tecidos oculares. O caso Arigó e os resultados frustrados em replicar as suas ações “mais simples” foram apresentados ao “Essentia Research Associate”, despertando o interesse do grupo (Fagundes, 2022).

Entre agosto e setembro de 1965, Jorge Rizzini viajou para os Estados Unidos a convite de John Lawrence, chefe do Departamento de Aparelhos Eletrônicos da RCA, destinado às pesquisas espaciais a fim de exibir os filmes de sua autoria sobre as operações de Arigó. As exibições ocorreram em uma reunião de cientistas, teólogos e professores da “Princeton University”, na sede da “American Society for Psychic Research”, em Nova York,. Nesta última, Rizzini pronunciou uma conferência com a presença dos professores Puharich e Robert Laidlaw, psiquiatra e diretor do Hospital Roosevelt (Pires, 2008). Uma vez finalizados os debates e por considerar o caso Arigó de interesse à medicina, o professor Laidlaw firmou o seguinte memorando:

Assisti por duas vezes ao filme-documentário em referência e impressionaram-me os seguintes aspectos:

- 1) *Quando Arigó está operando, sua expressão facial é suave e de visível ausência, como em transe, comprada com a sua expressão mais animada, em outras partes do filme (por exemplo, quando está com a família e etc.)*
- 2) *É importante notar a sua alta eficiência técnica e os movimentos precisos com a faca inserida entre o globo ocular do paciente e a pálpebra superior, mesmo quando a sua cabeça e os seus olhos estão fixados noutra direção.*
- 3) *Os movimentos dos dedos e da mão operadora, ao usar a faca ou a tesoura, são seguros, rápidos e precisos, e parecem refletir uma suprema confiança.*
- 4) *Entendo que nenhum dos pacientes foi submetido a qualquer preparação pré-operatória, mas observo que todos eles apresentam-se calmos e submetem-se à operação sem mostrar qualquer apreensão. Mais, ainda, durante a operação, as suas fisionomias não evidenciam nenhum desconforto; ao contrário, permanecem calmas e impassíveis. Não há, no filme, evidência de tensão muscular em qualquer parte do corpo.*
- 5) *Observo pouquíssima hemorragia.*
- 6) *Nas operações que envolvem os dois lipomas vê-se que após a remoção do tumor os tecidos de ambos os bordos da incisão foram imediatamente aproximados, sem o uso de suturas, observando-se ausência de hemorragia.*
- 7) *As operações foram executadas sem qualquer precaução de esterilização, de fato, num ambiente onde se esperaria uma alta incidência de infecções pós-operatórias. Entendo que nenhuma ocorreu.*
- 8) *Em tudo e por tudo o filme em referência apresenta um quadro de alta habilidade cirúrgica, desenvolvida em um homem que, segundo entendo, não*

teve, de forma alguma, educação científica ou médica. A evidência apresentada neste filme desafia qualquer explicação nas bases científicas convencionais.

- 9) *Fica estabelecido que apresento este memorando primeiramente para expressar a minha apreciação ao sr. Arigó, pela notável contribuição que está trazendo ao nosso meio, e na esperança de que possamos fazer novos estudos nos quais estamos muito interessados* (Comenale, 1968).

Em razão da dificuldade de conciliação de agendas, contatos com várias fundações para obtenção de financiamento e outros procedimentos burocráticos, em julho de 1966 apenas Puharich retornou ao Brasil, acompanhado de uma assistente, para realização de um estudo preliminar sobre os diagnósticos feitos por Arigó, sem conhecimento prévio da doença e sem exame físico.

O estudo apurou um acerto de 96% compatíveis com os diagnósticos médicos dos pacientes. Também foram realizados outros testes com os pacientes, mediante o confronto entre o diagnóstico médico anterior ao atendimento por José Arigó, na tentativa de verificação da eficácia dos tratamentos que o médium realizava: se eram transitórios, paliativos ou permanentes.

Quanto aos procedimentos cirúrgicos, esperava-se determinar a reação dos pacientes ante a falta de anestesia, os quais eram observados antes, durante e depois da cirurgia, por meio de aparelhos de eletroencefalograma, eletrocardiograma, pletismografia de dedo que permite determinar e registrar variações da quantidade de sangue que passava por um único dedo, a frequência arterial e respiratória a fim de ser apurado a ocorrência ou a falta de reação adequada do sistema nervoso vegetativo na cirurgia. Além da verificação do desempenho e capacidade psicomotora, de memória recente e remota, resposta audiovisual, mudanças profundas e reais de reflexos (Fuller, 2022, p. 197).

Fuller (2022, p. 198/199) descreve, detalhadamente, a pesquisa científica realizada, concentrada no lado técnico e material do fenômeno, explicando que Arigó também foi analisado, a fim de ser verificada a existência de algum elemento em sua constituição física que o capacitasse para realizar aqueles procedimentos, por ser um homem ativo e enérgico, cuja força bruta e natureza rústica destoava da sensibilidade interior, o que denotaria poucas evidências de suas qualidades espirituais.

Foi realizado um eletroencefalograma e um exame físico completo, onde os médicos não encontraram nenhum poder incomum ou anomalia, constatando, apenas, a

impossibilidade de Arigó em controlar as ondas cerebrais, a pressão sanguínea, a temperatura do corpo, além de uma ligeira insuficiência cardíaca. Nesse momento Arigó revelou que nunca fora capaz de tratar com sucesso nenhuma doença orgânica dos membros da família e tampouco dele mesmo.

Relata, ainda, que em 1968, chega ao Brasil a equipe de médicos e cientistas para realizarem a investigação sobre o caso Arigó com profundidade e em grande escala, estabelecendo-se uma rotina na qual Puharich acompanhava a atividade de Arigó, junto com um intérprete a seu lado. Todos os participantes usavam “walkie-talkies”, a fim de se comunicarem mais rapidamente dentro da própria clínica, um fotógrafo registrava em microfilme as receitas escritas a mão e datilografadas.

As amostras dos remédios eram filmadas. Um médico havia sido designado para os exames que seriam realizados antes e depois dos tratamentos e a análise das anamneses¹⁷. E foi aberto um buraco entre as duas salas, em frente a mesa de Arigó, onde um “cameraman” ficava gravando os atendimentos, na tentativa de observar quando o médium era impelido pelo misterioso Dr. Fritz, orientado por sua voz e apenas repetia o que ouvia. Os demais membros da equipe estavam concentrados em tudo quanto era observável e objetivo: as cirurgias, os diagnósticos e os tratamentos. (Fuller, 2022, p. 199)

O trabalho dos cientistas foi bruscamente afetado quando a imprensa chegou a Congonhas e o prosseguimento dos estudos tornou-se praticamente insustentável. Em todo e qualquer lugar havia um repórter ou fotógrafo tentando obter qualquer informação a respeito. As manchetes sobre Arigó e os estadunidenses estavam nos jornais de todo o Brasil e os médicos não conseguiam mais trabalhar, por não desejarem publicidade relacionada à pesquisa que estava sendo feita, a não ser em publicações médicas. Os próprios pacientes não queriam ser expostos através de fotografias e não autorizavam suas publicações, o que ocorria habitualmente (Oliveira, 2017).

Diante de tal situação e mesmo com avaliações incompletas, a equipe estadunidense decidiu encerrar os trabalhos e retornar aos Estados Unidos, pois considerava possuir uma quantidade significativa do material de pesquisa, suficiente para realizar uma análise profunda do que ocorria em Congonhas e, assim, conseguir o apoio necessário para prosseguir com a pesquisa sobre o caso Arigó.

¹⁷ Anamnese: (Med) Histórico dos antecedentes de uma doença (doenças anteriores, característes hereditários, condições de vida, etc.); Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/anamnese>

Antes de partir, participaram de uma reunião realizada no dia 28/05/1968, no Museu de Arte de São Paulo, com a presença de vários médicos brasileiros, cuja pauta era o estudo do caso Arigó. Nessa reunião estava presente Herculano Pires, cujas observações pareciam mais perspicazes aos participantes, pois tentavam preencher a lacuna existente entre a metafísica e a realidade material do trabalho de Arigó, segundo a qual era impossível classificar o médium como um caso de paranoia, visto que ele era capaz de realizar operações comprovadamente bem-sucedidas.

Também não era possível negar a realidade dos fatos do trabalho desenvolvido por Arigó. Quanto ao estranho conceito do Dr. Fritz, Pires julgava não ser necessário aceitá-lo ou rejeitá-lo, pois poderia ser explicado de inúmeras formas, dependendo da atitude do observador. Dr. Fritz poderia ser um elemento mitológico, produto do inconsciente de Arigó, ou um personagem espiritual bem definido, segundo a crença dos espíritas kardecistas (Oliveira, 2017).

A dr^a Maria Pedroso, psiquiatra e ex-professora assistente de Medicina Legal da Escola de Medicina da Universidade do Brasil, ao analisar Arigó por solicitação do Professor Pires, afirmou que

“no cérebro existem grandes zonas silenciosas que possivelmente são centros de atividades paranormais. As células nervosas não são inerentes, mas aderentes à glia¹⁸. Elas agem como baterias e distribuidores de energia potencial. Também são forças magnéticas e elétricas, quando agem dentro do átomo. Há muitas forças que agem no sistema nervoso central, tanto para o bem quanto para o mal, afetando seu protoplasma, por coesão, eletividade ou pressão. Essas podem causar mudanças mecânicas na estrutura do sistema nervoso, o que, por sua vez, afeta as bases fisiológicas das associações intrínsecas. E ao fazer isso, fenômenos psíquicos conscientes ou inconscientes são possíveis.” (Fuller, 2022, p. 216)

Enfim, qualquer tentativa de explicar Arigó era difícil de seguir ou acreditar, viesse de fontes religiosas espíritas ou científicas, mas todos concordavam que o seu trabalho representava um fato inevitável e autêntico, que havia uma compulsão dentro dele que não o deixava desistir:

“Essa compulsão fora descrita como uma neurose obsessiva, uma psicose total, inspirada em evangelismo, santidade, exploração, egocentrismo, conspiração política, venalidade, ingenuidade, arrogância, amor a Jesus, estupidez, caridade, habilidade consumada, bruxaria, magia negra, sacrilégio, compulsão patológica, humanismo e dons divinos. Mas não havia ninguém que pudesse dizer o que Arigó

¹⁸ Glia: As células da glia ou simplesmente glia são células do sistema nervoso central que interagem com os neurônios e, quando identificadas há décadas, pensava-se que servissem apenas como suporte para os neurônios. Atualmente se tem conhecimento que podem liberar neurotransmissores – moléculas que regulam a atividade dos neurônios – e têm importante papel na transmissão da dor, principalmente na dor neuropática. (Revista de Pesquisa FAPESP - <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-que-e-o-que-e-13/>)

realmente era. E talvez nem ele mesmo soubesse o que era.” (Fuller, 2022, p. 218)

1.6 Conflito Igreja/Medicina/Poder Judiciário

Por possuir formação católica tradicional e a Igreja, assim como as autoridades civis, desaprovarem tais práticas, José Arigó demorou para aceitar sua mediunidade e as manifestações do Dr. Fritz. Somente após conversar com o líder do grupo Kardecista de Congonhas, compreendendo que não possuía controle do fenômeno que ocorria consigo próprio e que Dr. Fritz assumia o comando de seu corpo, atuando através dele como se estivesse vivo, a qualquer tempo e lugar, iniciou o atendimento das pessoas que o procuravam, acabando por estabelecer uma “clínica”, posteriormente transformada no Centro Espírita Jesus de Nazareno, onde atendia até 300 pessoas por dia, gratuitamente (Fagundes, 2022).

O número de pessoas que procuravam Arigó aumentava na mesma proporção em que seu trabalho se tornava cada vez mais conhecido, sendo manchete em diversos jornais e revistas, nacionais e internacionais, e Congonhas passou a receber artistas, políticos, pesquisadores, jornalistas e inúmeras caravanas vindas da Bolívia, Uruguai, Paraguai, Argentina e Chile, culminando com a criação de uma linha de ônibus direta e regular, ligando Congonhas a Buenos Aires e Santiago do Chile. Nessa época, nem mesmo a cidade do Rio de Janeiro era ligada a Buenos Aires através de transporte rodoviário (Câmara Municipal de Congonhas, 2018).

Essa popularidade e movimentação na cidade começou a incomodar a Igreja Católica, que desejava por um fim no trabalho de José Arigó. Em 1954, o padre Leonardo, vigário na época, iniciou uma campanha de difamação do médium, utilizando-se do apoio que dava ao candidato Lamartine de Freitas, tio de Arigó, na eleição do novo prefeito. Através de alto-falantes instalados por Lamartine na Igreja Matriz, o padre insultava e ofendia o médium, afirmando que teria “parte com o demônio”, assim como nos sermões das missas, incitava a população a repudiar Arigó, como também proibia que as pessoas entrassem no Centro (Oliveira, 2017).

Por outro lado, a atuação de José Arigó também incomodava a Associação Médica de Minas Gerais, sob o entendimento que se tratava de prática ilegal da medicina. Vários médicos haviam visitado Congonhas e acompanhado de perto as cirurgias e atendimento de Arigó, como os oftalmologistas Peri Alves de Campo e Sérgio Valle, este, professor e oftalmologista do Sanatório Padre Bento e do Instituto Paulista de Oftalmologia, Dr. Ary

Lex, diretor-executivo e Assistente da Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas de São Paulo, professor titular de Biologia Educacional da Universidade Mackenzie, Dr. José Hortêncio de Medeiros Sobrinho, integrante do corpo clínico do Instituto de Cardiologia do Estado de São Paulo e radiologista do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, entre outros, os quais deram seus depoimentos a Herculano Pires, registrado na obra “Arigó, vida, mediunidade e martírio” (Pires, 2008), admitindo que os procedimentos assistidos eram admiráveis e impressionantes.

Mas, julgavam as suas receitas assustadoras em razão das dosagens, dos efeitos colaterais e reações adversas que alguns remédios poderiam apresentar e preferiam não declarar posição. Dr. Lex ainda foi mais ousado, ao afirmar ter sido a primeira vez que teria observado um fenômeno paranormal, que mereceria uma atenção mais profunda por parte das diversas entidades científicas.

Fuller também relata que havia outros médicos que iam até Congonhas, abertamente ou sem expôr sua identidade, com o intuito de escanecer ou “provar” que Arigó seria uma fraude e, depois de presenciar as atividades do médium, muitos voltavam convencidos de que haviam encontrado um dos mais estranhos casos da história de medicina.

Mesmo assim, não havia um número suficiente para se opor à Associação de Medicina de Minas Gerais, uma vez a questão ser mais complexa e ampla do que se apresentava, pois implicaria em admitir que Arigó prosseguisse operando abertamente e sem nenhum controle, o que poderia inspirar charlatões inescrupulosos a operar por todo o país com resultados desastrosos, com a instauração da anarquia médica. Sem considerar que Arigó era visto pela Igreja como um blasfemo e herege (Fuller, 2022).

Com provocação da Associação Médica de Minas Gerais e da Igreja Católica, foi iniciado o 1º processo criminal contra José Arigó, sob acusação de curanderismo, com base nos arts, 284 e 25 do Código Penal Brasileiro, no qual Arigó foi condenado a cumprir pena de um ano e três meses de detenção. Houve recurso de Apelação nº 12.437 contra essa decisão, julgado no dia 20/09/1957 pela Segunda Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, a qual manteve a sentença com redução da pena para oito meses de detenção e concessão de suspensão condicional da execução, sob o seguinte entendimento:

CURANDERISMO – OUTRA FORMA DESTE DELITO

- A prática de baixo espiritismo, em que o agente, dizendo-se influenciado por fôças sobrenaturais, ilaqueia (engana, confunde) a boa-fé dos incautos. Constitui, também, uma forma punível de

curandeirismo. (Revista Jurisprudencia Mineira - TJMG, Vol. XIII, Ano VIII, nº 3)

O Recurso Extraordinário nº 38.846 apresentado perante o Supremo Tribunal Federal visando reformar a decisão do Tribunal de Justiça, no dia 11/09/1958, foi rejeitado sob a seguinte fundamentação:

Crime contra a saúde pública. Curandeirismo. Qualquer princípio de crença, a serviço do curandeirismo, é nocivo à saúde, física e moral do povo, e, portanto, constitui crime punível. Ausência de ofensa ou violação de lei federal. Recurso não conhecido (S.T.F., pesquisa de jurisprudência)

Nessa época, Arigó já havia atendido a filha do então presidente Juscelino Kubitschek, médico especializado em cirurgia em Paris e no Oriente Médio, que apresentava duas pedras grandes nos rins, complicação de uma cirurgia na coluna realizada nos Estados Unidos, que apresentava grave risco de se tornar fatal, resolvida com o atendimento do médium, conforme relato do próprio presidente, que ao saber da condenação imposta, no dia 22/05/1958, concedeu indulto a Arigó, com base no art. 87 da Constituição Federal de 1946, e imediata liberação da pena a que fora condenado (Fuller, 2022).

Após ter sido liberado, os ônibus recomeçaram a rodar pela cidade, os pacientes a formarem fila em frente ao centro espírita e José Arigó voltou a sua rotina de atendimentos e cirurgias, não mais abertamente e com a mesma frequência de antes, pois sabia que continuava a ser vigiado pela polícia, embora a Igreja se mostrasse dividida sobre os fenômenos de cura.

Alguns padres execravam a prática. Outros, como os padres donos da rádio Congonhas, eram amigos de Arigó e achavam que seus feitos não podiam ser negados sem maiores estudos. Arigó, por sua vez, também os respeitava e os procurava frequentemente (Freire, 1967). Mesmo porque, os “poderes” de Arigó eram considerados por esses padres como um fenômeno da parapsicologia e não do espiritismo, entendimento esse que não conflitava com a posição católica, que aceitava e até incentivava estudos de metafísica ou parapsicologia nas universidades frequentadas pelos padres (Fagundes, 2022).

Com a morte do padre Leonardo, foi designado para Congonhas o padre Anselmo Meindres, igualmente persistente no objetivo de paralisar a atuação do médium, posição essa agravada diante da chegada dos cientistas estadunidenses e as notícias nos jornais nacionais e internacionais sobre a cirurgia realizada no braço do Dr. Puharich. Assim, com o apoio do padre Anselmo, a Associação Médica de Minas Gerais, enviou uma carta

ao Secretário da Segurança Pública de Minas Gerais imputando a Arigó a prática de curandeirismo e feitiçaria, o que implicaria na ameaça e desmoralização dos direitos do público, situação que exigiria a instauração de um novo inquérito policial (Oliveira, 2017).

O inquérito teve dificuldades na obtenção de testemunhas de acusação, mas os depoimentos de todas as pessoas que visavam defender Arigó foram utilizados como prova do exercício ilegal da medicina e de curandeirismo, o que caracterizaria crime contra a saúde pública ou de perigo, viabilizando a abertura de uma nova ação penal. Diante de tais acusações, Arigó confessou que operara o médico estadunidense e havia salvado a vida do filho de Roberto Carlos, com a ressalva que entrava em transe e atuava através do Dr. Fritz, não tendo memória consciente do que ocorria, razão pela qual entendia que não fazia nada contrário à lei. Tal confissão não o beneficiou, pelo contrário, foi entendida como uma tentativa de transferir sua culpa para um médico que estaria morto desde 1918 (Fuller, 2022).

No dia 20 de novembro de 1964, Arigó foi condenado a uma pena de 16 meses de prisão pelo crime de curandeirismo, que se caracteriza por ser um crime contra a saúde pública e de perigo, previsto no art. 284 do Código Penal, sendo irrelevante o fato de não ter causado danos aos pacientes que havia tratado ou não aceitar qualquer tipo de remuneração em virtude de suas atividades, seja em espécie ou presentes.

Arigó recebeu a notícia resignado e, foi para a prisão em Conselheiro Lafaiete, cidade vizinha, dirigindo o seu próprio jipe, acompanhado de dois soldados da Força Pública e pelos filhos e irmãos, porque a delegacia de Congonhas não dispunha de veículo para conduzir presos (Franco, 1964).

O caso do Arigó despertou o interesse de um dos melhores advogados do país, Dr. Jair Leonardo Lopes, especializado em direito penal, Livre Docente de Direito Penal da Faculdade de Direito da U.F.M.G. e que, mais tarde, se tornaria Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. Dr. Lopes estudou o processo profundamente, analisando o caso não apenas sob a ótica jurídica, mas também à luz da parapsicologia e espiritismo, formando em seu escritório uma biblioteca, em grande parte, rica em livros sobre tais assuntos, lidos para entendimento e elaboração da respectiva defesa. E o resultado do trabalho desenvolvido lhe agradou tanto, que foi transformado no livro *Em Defesa de Arigó: Estudo jurídico penal sobre o curandeirismo* (Faculdade de Direito UFMG, 2022, 34:52).

Nesse livro, Dr. Lopes apresenta as razões de recurso de apelação nº 2.334 interposto contra a sentença condenatória de Arigó e os memoriais entregues aos Desembargadores antes do julgamento pelo Tribunal de Justiça, com várias citações de códigos, perguntas, explicações e definições, ressaltando, além das preliminares de nulidade da sentença, entre outros elementos, os seguintes pontos quanto a questão principal do processo:

“É certo que ao Julgador, como a qualquer outra pessoa, é dado crer, ou não crer, no espiritismo, porém, a ninguém é permitido, sem ofensa aos cânones constitucionais, julgar criminosas as suas práticas ou o ritual do seu culto, que pressupõe passes e outras práticas mediúnicas, assim como outras religiões têm os atos de sua liturgia.

(...) Não há como assemelhar-se o comportamento do apelante (Arigó) ao de curandeiro, mormente quando se sabe que há indivíduos dotados de faculdades excepcionais, que produzem fenômenos como os do apelante. Os espíritas explicam tais fenômenos pela mediunidade, mas os parapsicólogos, inclusive os católicos, atribuem os fenômenos a faculdades psíquicas. E, poderia, ainda, o apelante ser, apenas, um indivíduo que, pela experiência adquirida, tornou-se um daqueles “entendidos ou iniciados na arte de curar”, aos quais se refere Néelson Hungria¹⁹.

(...) Os fenômenos paranormais, hoje cientificamente provados em todos os grandes centros universitários do mundo, são os seguintes: telepatia, clarividência, precognição e psicocinesia.

(...) Os casos de medicina paranormal podem ser explicados. A diagnose, pela clarividência. O indivíduo paranormal vê os órgãos afetados no interior do corpo do doente. E, também, pela telepatia ele capta no pensamento do doente seus sintomas. O receituário se explicaria pela mesma telepatia. A cirurgia explica-se, também, pela clarividência, faculdade excepcional de conhecimento, sendo que a assepsia e a anestesia são obtidas pela ação psicocinética.

(...) Como se vê, há explicação científica para os fenômenos que ocorrem com o apelante, não se podendo ignorar tais explicações.” (Lopes, 1965)

Enquanto era aguardado o julgamento do recurso, o serviço de correspondência da Secretaria Particular do Presidente da República divulgou que, entre outubro de 1964 a julho de 1965, das 80.000 cartas ali recebidas, do país e do exterior, a maioria destinava-se a pedir indulto para o médium. Dos pedidos do exterior, ainda havia destaque para os ofícios e memorandos de instituições interessadas em pesquisas psíquicas (Fagundes, 2022).

Havia notícia que algumas pessoas quiseram iniciar uma campanha a favor de Arigó para que recebesse, novamente, um indulto. Mas, agora tendo tomado

¹⁹ Nelson Hungria foi um dos mais importantes penalistas brasileiros, com diversas obras publicadas ao longo da vida. Foi desembargador do Tribunal de Justiça do antigo Distrito Federal, culminando sua carreira de jurista como ministro do Supremo Tribunal Federal entre 1951 e 1961. Formou-se pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, atual Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do RJ. Foi livre-docente em Direito Penal na mesma Universidade. Foi um dos revisores do anteprojeto do Código Penal de 1940 (Decreto-lei nº 2.848 de 07/12/1940).

conhecimento do que se tratava o indulto, não concordou com tal campanha e nem aceitou os pedidos nesse sentido, afirmando não querer ser perdoado de um crime que não teria praticado, pois não era criminoso (Oliveira, 2017).

A prisão de Conselheiro Lafaiete, por sua vez, se transformou em verdadeiro lugar de peregrinação. Amigos, doentes, autoridades civis e militares, e até Chico Xavier²⁰ e Waldo Vieira²¹ fizeram questão de prestar-lhe solidariedade, além de diversos repórteres. Arigó, então, começou a atender os presos da cadeia, inclusive, a mãe do diretor. A notícia se difundiu e logo se formou uma fila de pessoas do lado de fora do portão da prisão, aguardando atendimento, então permitido pelo delegado, agora amigo de Arigó, que voltou a realizar pequenas cirurgias.

A cidade passou a ser o novo centro de visitação, substituindo, mesmo que momentaneamente, Congonhas, e as autoridades não impediam esse movimento natural. Jorge Rizzini visitou o local e tirou fotos das pessoas aguardando serem atendidas, H.V. Walter, côsul britânico, foi ao presídio visitar o médium, que prendeu na parede de sua cela o cartão de visitas do côsul, referindo-se a ele como “Senhor Embaixador”.

Esko Murto, repórter finlandês da revista *Manchete*, foi fazer uma reportagem sobre o “definhamento” de Arigó na prisão e o encontrou realizando uma cirurgia, mas que, embora tenha fotografado o momento, não publicou as fotos para não prejudicar seu julgamento (Fagundes, 2022).

No dia 11/09/1965, o Tribunal confirmou a sentença condenatória de Arigó. Dr. Lopes, então, impetrou um *Habeas Corpus* nº 42798/MG perante o Supremo Tribunal Federal a favor de Arigó, o qual foi acolhido no dia 11/09/1965, para decretar a nulidade da sentença e do acórdão (julgamento) do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, por terem sido proferidas com base em fatos posteriores a denúncia, o que ofende o direito constitucional à ampla defesa, determinando a revisão do caso e que fosse proferida uma nova sentença. Consequentemente, Arigó estaria em liberdade novamente, mesmo que temporariamente (S.T.F., Pesquisa de Jurisprudência).

²⁰ Francisco Cândido Xavier, o Chico Xavier (1910-2002), nasceu em Pedro Leopoldo, BH, foi o maior médium brasileiro, nacionalizou o espiritismo kardecista francês, criando uma escatologia nacional própria nos anos 30 e 40, aproximando o antigo kardecismo elitista das pessoas mais simples. Escreveu mais de 10 mil cartas psicografadas, se consolidando como dono de uma obra de mais de 450 livros — cuja autoria sempre foi atribuída a espíritos — vendendo, no total, cerca de 50 milhões de exemplares. (BBC News Brasil, 2022)

²¹ Waldo Vieira (1932-2015) nasceu em Monte Carmelo, MG. Médico paranormal e fundador Projeciologia e Conscienciologia, sistematizadas nos tratados Projeciologia: Panorama das Experiências Fora do Corpo Humano (1986) e 700 Experimentos da Conscienciologia (1994). Por cerca de 10 anos trabalhou com o médium Chico Xavier, psicografando juntos dezenas de livros. Em 1966 se desligou do espiritismo para se dedicar às pesquisas independentes. (G1, 2015)

O processo foi encaminhado para Congonhas, a fim que fosse feita uma nova análise, agora sob o crivo do novo juiz da cidade, dr. Felipe Immesi, o qual procurou conhecer Arigó e compreender aquela situação que ultrapassava os limites do entendimento convencional dos Tribunais. Junto com um advogado de outra região, presenciou Arigó atuando sob a influência do Dr. Fritz e seus famosos “exames da vista”, demonstrando sua habilidade no campo da oftalmologia mediante cirurgia de catarata, para, no final, afirmar “Não fui eu quem fez isso, o senhor sabe. Foi o Dr. Fritz”. (Fuller, 2022).

Depois de presenciar por várias vezes Arigó em atividade, prescrevendo remédios, fazendo diagnósticos instantâneos e sem precisar fazer qualquer pergunta, concluiu que o mesmo mereceria um estudo científico intensivo, em uma universidade. Mas, estava realizando um trabalho para o qual não tinha autorização, praticava medicina e não era médico e, também, não era um criminoso.

Seu crime não era contra o povo, mas contra a estrutura da medicina legal. Não houve testemunhas para afirmar que ele tivesse prejudicado alguém, nem seus inimigos puderam comprovar isso, assim como ninguém poderia declarar que Arigó tivesse cobrado um centavo. No dia 20 de agosto de 1965, foi proferida a sentença, desclassificando o art. 284 do Código Penal, curandeirismo com pena de 6 meses a 2 anos, para um crime com pena mais branda, do art.47 da Lei de Contravenções Penais, exercício ilegal da profissão ou atividade, com pena de 15 dias a 3 meses. Arigó, então, foi condenado a dois meses de prisão, enquanto a acusação de curandeirismo o obrigaria a prosseguir na cadeia por mais nove meses (Oliveira, 2017).

Arigó foi novamente para a cadeia em Conselheiro Lafaiete dirigindo o seu jipe e, na sua antiga cela, começou a cumprir a sua pena. A sentença foi submetida ao Supremo Tribunal Federal mas, surpreendentemente, o promotor Marcela de Paula opinou pelo seu cancelamento e, em votação unânime, as acusações foram retiradas e Arigó solto no dia 08 de novembro de 1965.

Na manhã seguinte ao da sua volta, as pessoas já formavam filas novamente na porta do Centro Espírita, como se nada tivesse ocorrido no ano que passara. Arigó chegou cedo como de costume e começou o atendimento, e assim prosseguiu nos dias seguintes, até o seu falecimento no dia 11 de janeiro de 1971, em um acidente de carro.

CAPÍTULO 2 - CIRURGIAS ESPIRITUAIS DE CURA

A Ciência da Religião dedica-se ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais, mediante a investigação de elementos religiosos, empiricamente acessíveis, com o único objetivo de aprofundar e aperfeiçoar o conhecimento sobre os fatos da vida religiosa (Usarski, 2013, p. 51).

Logo, não se pretende provar ou refutar uma religião, mas compreendê-la na sua totalidade, com todos os seus elementos e simbologia, e o que nos diz sobre o ser humano e sua capacidade de lidar com a contingência e com os fatos que não conseguem explicar.

Dentro desse propósito e na busca pela compreensão do fenômeno José Arigó e da perpetuação da crença na prática religiosa de cura, será trabalhado o conceito da construção psicossocial dessa crença e sua base religiosa de Peter Berger e Thomaz Luckmann, segundo o qual a religião é o empreendimento humano que lida com o sagrado, é uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e relacionado com ele. É uma tentativa de colocar ordem em um mundo caótico, uma busca de sentido, de significados, viabilizando a coesão social e a manutenção da convenção, da sociedade, da realidade, como fiadora da ordem.

O caso também será analisado sob o empirismo radical de William James, que consiste no entendimento que tudo o que é experimentado deve ser incluído na explicação da realidade — inclusive as relações, conexões e experiências subjetivas, e não apenas os objetos físicos ou fatos verificáveis, no qual “não há espaço para dualismo ou qualquer tentativa de compartimentalização da realidade, por este preconizar um universo aberto em constante formação. Por esses motivos, nada que seja experienciável poderá ser ignorado ou desconsiderado.” (Sech Jr., Machado e Zangari, 2022)

Conforme Sech Jr., Machado e Zangari, (2022), James considera a religião como uma experiência, uma vivência e não apenas como uma crença na experiência alheia, razão pela qual inclui em seu corpo teórico-prático, o estudo do que ele chamou de ‘estados excepcionais da mente’, no sentido de estados mentais de exceção à regra da consciência em vigília

Nesse sentido, a Psicologia só poderia se dizer uma ciência abrangente se considerasse a complexidade da experiência humana, a experiência religiosa e o rol de

experiências consideradas anômalas ou excepcionais, ampliando, assim, a possibilidade de conhecer aspectos ainda obscuros das potencialidades e limitações humanas.

A pesquisa abordou, ainda, o conceito de experiências anômalas de Fátima Machado e Wellington Zangari, segundo os quais trata-se de fatos psíquicos, vivências que assumem caráter de veracidade do ponto de vista do experienciador, mas que não decorrem necessariamente de um evento anômalo objetivo. E em razão de suas características peculiares e desafiadoras, facilmente são levadas ao campo das interpretações religiosas (Machado e Zangari, 2022).

Foi complementada pelo estudo empírico das experiências anômalas realizado por Etzen Cardeña, Steven Jay Lynn e Stanley Krippner (2013), inspirados na obra “Variedade das Experiências Religiosas” de William James e sua definição de Psicologia, sob o entendimento que, para compreensão da totalidade da experiência humana, é preciso que sejam apresentadas explicações razoáveis de fenômenos que, embora incomuns ou aparentemente improváveis, são parte importante da totalidade da experiência humana.

E pelo conceito de eficácia simbólica de Lévi-Strauss, segundo o qual a força de um símbolo, rito ou discurso, utilizada pelo xamã ou feiticeiro, pode produzir efeitos reais, seja no corpo, na mente ou no comportamento de indivíduos ou grupos, o qual poderia ser aplicável ao caso em tela: Arigó poderia ser detentor dessa força, advinda de seu carisma e atuação validada pela comunidade.

2.1 Religião enquanto construção social

Berger e Luckmann (2022) colocam o conhecimento no centro do processo de construção social da realidade, partindo do pressuposto que esse é o elemento que orienta o ser humano nas suas ações no mundo. Aqui, não se trata do conhecimento advindo de teses, teorias científicas, ideias elaboradas ou visões de mundo e, sim, daquele que incide sobre a forma de ver, interpretar e viver o cotidiano.

Entre as muitas realidades, de níveis diferentes, existe uma que as pessoas não questionam, que é a vida cotidiana, esse mundo real, compartilhado com os outros, vivido nas rotinas, relativamente uniforme e coerente, na qual o senso comum forma um mundo intersubjetivo (Moreira, 2022). Daí, o entendimento de Berger e Luckmann que a sociologia do conhecimento diz respeito à análise da construção social da realidade.

A sociologia do conhecimento deve ocupar-se com tudo aquilo que passa por “conhecimento” em uma sociedade, independentemente de sua validade ou invalidade

última (por quaisquer critérios). E na medida em que todo “conhecimento” humano desenvolve-se, transmite-se e mantém-se em situações sociais, a sociologia do conhecimento deve procurar compreender o processo pelo qual isto se realiza, de tal maneira que uma “realidade” admitida como certa solidifica-se para o homem da rua. (Berger e Luckmann, 2022).

O mundo da vida cotidiana constitui a matéria da ciência empírica da sociologia, justamente por apresentar-se como uma realidade interpretada pelos seres humanos, subjetivamente dotado de sentido e coerência, cuja origem é o pensamento e as ações afirmados como real para eles e dentro do qual surgem os fenômenos particulares,

Para sua análise, Berger e Luckmann (2022) entendem que a melhor metodologia é a descrição fenomenológica, onde a experiência subjetiva da vida cotidiana será tomada abstendo-se qualquer hipótese causal ou genética, assim como de afirmações relativas ao status ontológico dos fenômenos analisados.

Mas, se a realidade da vida cotidiana se apresenta como um mundo intersubjetivo, em que o indivíduo participa juntamente com outros seres humanos, a única forma de existir nessa vida é estar constantemente em interação e comunicação com os demais, onde o conhecimento do senso comum é aquele partilhado nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana.

O conjunto de tipificações e o padrão de interações prescritas, formarão para o indivíduo a percepção da estrutura social, que não requer maior verificação que se estenda além da simples presença, como facticidade por si mesma e compulsória, de forma que contestar qualquer elemento dessa realidade exigiria esforço deliberado (Berger e Luckmann, 2022).

E mesmo diante de um problema que poderia afetar a estrutura formada, procura-se integrá-lo naquilo que já é conhecido e a consciência se volta, sempre, à realidade dominante. Nesse processo, Berger e Luckmann (2022) ressaltam a importância da temporalidade como estrutura coercitiva, uma vez que a vida cotidiana é demarcada pelo tempo, compartilhado socialmente, em que cada pessoa tem um determinado prazo para concluir uma tarefa, além do próprio tempo de vida.

Também atribuem importância à linguagem, essencial para a compreensão da vida cotidiana, porque viabiliza a comunicação mediante a utilização de um mesmo sistema de sinais para referir-se à realidade, tipificar e organizar as experiências, além de estabelecer pontes e permitir transcender temporalidades, espaços, níveis distintos da realidade, em qualquer tempo. E os sinais e símbolos que constituem a vida cotidiana,

formam um acervo social de conhecimento que é transmitido de uma geração à outra e utilizável pelo indivíduo na vida cotidiana.

Ressaltam que, embora o estoque de conhecimento compartilhado forneça a cada um os esquemas tipificadores e pragmáticos exigidos para as principais rotinas do dia a dia, é inevitável a percepção que a totalidade desse mundo não é acessível, uma vez a vida cotidiana apresentar certas zonas da realidade iluminadas enquanto outras, permanecem na sombra, não sendo possível conhecer tudo a respeito dessa realidade.

Verifica-se, assim, a necessidade de recorrer-se a sistemas de perícia extraordinariamente complexos e esotéricos, surgindo o terceiro elemento importante na constituição da vida cotidiana, que é a institucionalização de práticas e legitimação de saberes.

A partir da perspectiva que a realidade é construída socialmente, cuja legitimidade e aparente obviedade são produtos de convenções e práticas coletivas, Berger e Luckman (2022) desenvolveram a teoria da construção social da realidade, onde o conhecimento reflete o mundo social, como também o estrutura e o reproduz. Nesse processo de construção social do mundo, a concepção do processo dialético é fundamental para a sociedade, que traduz simultaneamente a dimensão de realidade produzida pelo sujeito, mas que reage continuamente ao seu produtor.

Assim, a conversação ocupa um lugar decisivo na afirmação da plausibilidade do mundo socialmente construído, pois é através dela que ocorre a apropriação do mundo objetivo pelo sujeito, bem como a manutenção deste mundo como real para ele. Tal manutenção, por sua vez, só ocorre se esta conversação for contínua e coerente. Logo, as estruturas de plausibilidade constituem a base social fundamental para a conservação da realidade, para manutenção do conhecimento da vida cotidiana como tal e a “suspensão da dúvida” (Faustino, 2010), ou seja, a ausência de questionamentos frente às instituições, ideologias, cultura e outros elementos já existentes.

Para Berger (1985), esse processo dialético consiste em 3 elementos: a exteriorização, a objetivação e a interiorização, os quais devem ser entendidos conjuntamente para manter uma visão empírica da sociedade:

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. E a interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens,

transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva.

É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade. (Berger, 1985, pg. 16)

O ser humano possui uma necessidade antropológica contínua de se exteriorizar na atividade, de colocar-se no mundo por meio da ação, em razão da inerente instabilidade do corpo humano que o obriga a estabelecer um ambiente estável para sua conduta que, por sua vez, gera a necessidade da ordem social (Berger e Luckman, 2022, pg. 75).

Assim, o ser humano projeta a sua consciência no mundo criando universos simbólicos que passam a ser toda a realidade humanamente dotada de sentido e apelam para o cosmo inteiro a fim de significar a validade da existência humana. Produz cultura, instituições, normas, papéis sociais, enfim, produz a sociedade.

Cabe agora ao indivíduo apreender e assumir os diversos elementos do mundo objetivado e, para que esta assunção seja realizada com sucesso, é necessário que seja dotado de sentido para o sujeito.

Daí a importância do processo de socialização primária, primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e em virtude da qual se torna membro da sociedade ao interiorizar uma realidade apreendida como inevitável, e secundária, que corresponde a qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade, o qual se traduz na “ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivado de uma sociedade ou de um setor dela” (Berger e Luckmann, 2022, pg 169).

O sucesso desta socialização depende do potencial de simetria que se consegue estabelecer entre o mundo objetivado da sociedade e o mundo subjetivo.

Não basta que o mundo exista, uma vez que o mundo só existe para a sociedade na perspectiva em que a pessoa percebe esse mundo. Só que parte desse mundo são os próprios integrantes da sociedade que constroem. Nesse momento, a sociedade é aquilo que os seres humanos exteriorizam, o que pensam, entendimentos adotados, regras, hábitos e culturas que vão sendo exteriorizados, na relação com a natureza.

Na Construção Social da Realidade, o indivíduo se apropria da realidade e não apenas a aceita, absorve, como também se volta para a realidade e devolve o que foi absorvido como se fosse novo.

Além da internalização da ordem social, é preciso legitimá-la, não apenas para os novos membros, mas, especialmente, para manutenção do sentido, plausibilidade e

aceitação de sua estrutura institucionalizada, a fim de viabilizar a suspensão das dúvidas e questionamentos que possam ocorrer. Trata-se de um universo simbólico onde a ordem deve ser mantida e há explicações sobre a razão de ser das regras, das tradições, dos mitos, da religião, dos valores e outros elementos que integram aquela sociedade.

É uma teoria geral do cosmos - ordem, harmonia, o universo como sistema organizado - e uma teoria geral do homem, do *nomos* - ordem imposta por costumes, regras sociais, leis ou tradições. O universo simbólico também ordena a história. Ele situa todos os eventos coletivos em uma unidade coesa que inclui passado, presente e futuro (Berger e Luckmann, 2022).

Segundo Berger (1985, pg 34), o mundo socialmente construído é uma ordenação da experiência, uma ordem significativa, ou *nomos*, imposta às experiências e sentidos discretos dos indivíduos. Logo, viver em um mundo social é viver uma vida ordenada e significativa, tendo a sociedade como guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação da consciência individual.

Mas, é importante compreender que tanto a ordem institucional como a ordem da biografia individual, estão constantemente ameaçadas, em razão da precariedade que apresentam, por serem construções que visam conter o caos (Berger e Luckmann, 2022).

Caos não no sentido de “confusão”, mas da incapacidade do ser humano em estabelecer uma ordem, obter uma orientação, onde tudo se equivale e não se pode estabelecer o que é melhor. Todo *nomus* socialmente construído deve enfrentar a possibilidade de ruir em anomia. A constante possibilidade do terror anômico torna-se atual sempre que as legitimações que obscurecem esta precariedade são ameaçadas ou entram em colapso. E, segundo Berger e Luckmann, o ser humano teme mais o caos do que a morte.

Nesse momento, a religião é fundamental para a manutenção da convenção, da sociedade, da realidade, é a fiadora da ordem. Para Berger (1985, pg. 38), a religião é o empreendimento humano que lida com o sagrado, é uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do ser humano e relacionado com ele. É uma tentativa de colocar ordem em um mundo caótico, uma busca de sentido, de significados, viabilizando a coesão social.

A religião surge como uma resposta simbólica à experiência humana do caos, da morte, do desconhecido, enquanto um universo de sentido que ordena e dá estabilidade à vida social. Além de ser uma construção humana, a religião passa a ser uma realidade

objetiva construída socialmente, percebida pelos indivíduos como algo externo e real, embora tenha se originado de processos humanos.

Uma vez legitimada, a religião e suas instituições expressarão a necessidade da utilização de instrumentos para a perpetuação da realidade socialmente definida, a fim de que o real seja interiorizado pelos seus participantes como dado, evidente por si mesmo.

Na maioria das religiões há uma especificidade que amplifica a força da legitimação construída e garantida pela linguagem ou conversação, o *status quo* é apresentado como sobrenaturalmente estabelecido: ética, moralidades, doutrinas, decisões conciliares, leis, códigos, textos canônicos, tradições, líderes são fortemente inquestionáveis. A educação religiosa é condicionante e reprodutora do mundo que precisa ser aceito socialmente; a linguagem religiosa utiliza repetições à exaustão dos dogmas necessários para sua manutenção e fortalecimento de sua identidade” (Campos e Mariani, 2015).

Além disso, “a religião maneja categorias que atingem a subjetividade do indivíduo ou crente neste mundo, impulsionam sua ação, orientam e qualificam o seu comportamento externo e suas atitudes profundas (dependência, oração, louvor, sacramento, magia, pecado ou simplesmente erro, sentido, afinal, do comportamento): um motivo para viver e um modelo para a vida. (Sanchis, 2018, pg. 24). A religião é a força poderosa que torna plausíveis e duradouras as construções sociais da realidade, eliminando a precariedade intrínseca destas ordens construídas (Berger, 1985).

Mas, o processo de transmissão do universo simbólico de uma geração para outra é complexo e às vezes, problemático em razão das dificuldades que acompanham a realização da socialização. Nem todos “habitam” o universo transmitido da mesma maneira, há especificidades e variações no processo de concepção do universo e, até versões divergentes partilhadas pelos integrantes de um mesmo grupo.

Essa dificuldade se manifesta diante da “crise de credibilidade” da religião, com o seu deslocamento do horizonte da vida cotidiana de setores significativos da população e a perda do monopólio do controle do pensamento e da ação, gerada pela instauração da moderna sociedade industrial, que trouxe consigo os fenômenos da secularização e do pluralismo (Berger, 1985).

No lugar das antigas certezas religiosas, instaura-se a dúvida. O enfraquecimento das estruturas de plausibilidade provoca a perda de evidência do mundo religioso, anteriormente garantido pela tradição, e isto repercute no âmbito da consciência subjetiva. O traço característico dessa nova situação é a perda da antiga segurança das estruturas

religiosas que garantiam a submissão de suas populações, cujas adesões passam a seguir um ritmo voluntário e não mais decorrente de uma imposição de autoridade (Faustino, 2010).

Segundo Berger, a origem da secularização está no início do Judaísmo, que transcendentaliza Deus e adota uma racionalização ética (Berger, 1985, pg. 131) e é acelerada pelo Protestantismo, dado que este contribui para um mundo racional e desencantando (Vilaça, 2022).

A reforma protestante procede a uma imensa redução do âmbito do sagrado na realidade, comparado com o catolicismo, que imperava até então, se despe tanto quanto possível dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e a magia. Além de romper com os canais que mediavam os católicos com o sagrado, tais como os sacramentos, os milagres, a intercessão por santos, reduzindo o relacionamento do ser humano com o sagrado a um único canal, excessivamente estreito, chamado de palavra de Deus. Esse processo foi denominado como “desencantamento do mundo” (Berger, 1985, pg. 124).

O secularismo se desenvolveu progressivamente depois, como um dos desdobramentos históricos, filosóficos e políticos da própria Reforma e do Iluminismo. Berger, então, desenvolve a ideia de que a secularização implica no declínio da importância da religião em todas as esferas da vida social e individual:

Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo.

(...)

A secularização acarretou um amplo colapso da plausibilidade das definições religiosas tradicionais da realidade” (Berger, 1985, p. 129 e 139)

Mas, o que ocorreu, na realidade, foi a mutação da religião, que sofreu novos contornos e aspectos. Surge uma religião que passa a dialogar com a secularidade, gerando a sua pluralidade, movida pela lógica, pela ordem pragmática e utilitarismo.

O fenômeno do pluralismo é um correlato socioestrutural da secularização da consciência e não se apresenta mais apenas nas instituições, mas também na mente das pessoas. As instituições só são reais quando possuem equivalência nas categorias de pensamento, são construídas socialmente, absorvidas intelectualmente e interiorizadas.

Uma vez interiorizadas, o ser humano é capaz de perceber diferentes religiões e se valer delas.

Berger, então, revendo antiga posição, afirma que a modernização teve alguns efeitos secularizantes, em alguns lugares mais do que em outros, mas também provocou o surgimento de poderosos movimentos de contra secularização, uma vez que a secularização a nível social não está necessariamente vinculada à secularização a nível de consciência individual (Berger, 2001, p. 10).

A religião não acabou, apenas se transformou, passou a ter um espaço limitado na vida do ser humano, que pode viver como se Deus não existisse, mas continua sendo cristão por opção, por sua livre escolha. O que se percebe é uma vigorosa presença da religião no mundo contemporâneo e que “não há razão para pensar que o mundo do século XXI será menos religioso do que o mundo atual” (Berger, 2001).

As evidências empíricas e sua notável abertura intelectual conduziram Berger à revisão das suas premissas sobre a teoria da secularização e afirmar que dados empíricos confirmam a presença de algo eterno na religião e o equívoco presente entre aqueles que a consideram uma realidade meramente ilusória, ante sinais de transcendência na sociedade moderna:

O impulso religioso, a busca de um sentido que transcenda o espaço limitado da existência empírica neste mundo, tem sido uma característica perene da humanidade (isto é uma afirmação antropológica, e não teológica – um filósofo agnóstico ou mesmo ateu pode muito bem concordar com ela). Seria necessário algo como uma mutação de espécie para suprimir para sempre esse impulso. (Berger, 2001, pg. 19)

Dessa forma, quando se acreditava que a religião desapareceria diante do predomínio da racionalidade e da ciência impulsionado pelo fenômeno da secularização, observa-se que, ao contrário do previsto, a religião se transforma e se adapta à modernidade. Nesse momento de transição, emerge o fenômeno do pluralismo religioso demonstrando a perpetuação da religião, da crença em fenômenos extraordinários e na prática religiosa de cura no mundo, entre estas, a da cirurgia espiritual.

Podemos entender, assim, que as cirurgias espirituais têm relação com a construção social da religião, em razão da legitimação de tal prática pela comunidade por meio de vínculos de confiança e processos coletivos de sentido entre o médium e o crente que busca essa ajuda terapêutica religiosa, historicamente produzida e sustentada em contextos locais, como será visto no 3º capítulo.

2.2 Experiências Anômalas

Em todas as épocas e culturas, desde os povos originários até as sociedades contemporâneas, há relatos de experiências insólitas, hoje conhecidas academicamente como experiências anômalas, constituindo-se elementos importantes na história das sociedades (Machado et al., 2016, De Almeida e Lotufo Neto, 2003). Essa continuidade histórica pode ser interpretada como indicativa da universalidade dessas experiências, independentemente do desenvolvimento científico ou tecnológico das sociedades em questão (Bozzano, 2016).

O adjetivo *anômalo* deriva do grego *anômalos* e significa irregular, diferente, desigual, em contraste com *homalos*, que significa mesmo ou comum, não possuindo, necessariamente, relação com transtornos mentais, alguma outra patologia ou com *anormal*, que denotaria algum distúrbio, como Cardeña, Lynn e Krippner definem:

Uma experiência anômala é irregular na medida em que difere das experiências comuns, é desigual na medida em que não é como as experiências ordinárias. Normalmente é também desigual porque, pelo menos na academia, não recebe a mesma atenção que as experiências regulares.

Definimos uma experiência anômala como uma experiência incomum (ex.: sinestesia) ou que, embora seja vivenciada por uma quantidade considerável da população (ex.: experiências interpretadas como telepáticas) acredita-se que se desviem da experiência comum ou das explicações da realidade que são comumente aceitas. (Cardeña, Lynn e Krippner, 2013, pg 2).

Essas experiências, chamadas popularmente de *paranormais*, fogem à compreensão do paradigma científico vigente, desafiando os limites explicativos da ciência. Mas, podem ser aceitas, percebidas e até desejadas por certas tradições religiosas, uma vez que, em razão de suas características muito peculiares e desafiadoras, facilmente são levadas ao esse campo das interpretações, ainda mais considerando o caráter de veracidade que possuem, do ponto de vista daquele que as vivenciam (Machado e Zangari, 2022, pg. 387).

Considerando que os fenômenos anômalos contradizem o senso comum ou o conhecimento científico ou religioso, são considerados “anômalos” segundo o repertório cultural vigente e suas verdades aceitas e consolidadas. Daí a importância tanto daquele que vivência essa experiência como a estrutura social a qual está integrado, haja vista o conceito “normal”, “real”, “verdadeiro” ou “possível” variar entre culturas.

A cultura interfere e define, muitas vezes, o entendimento e interpretação da experiência pelo indivíduo, até facilita determinado tipo de experiência vivenciada, como,

por exemplo, em certas culturas onde os sonhos são considerados canais legítimos de comunicação com os mortos e, em outras, são tratados como simples manifestações do inconsciente:

Para determinar se uma experiência é incomum ou anômala, temos que considerar a estrutura cultural na qual a avaliação da experiência é feita. Há muitos anos, Ruth Benedict (1934) nos lembrou que o que é normal (ou patológico) em uma cultura pode não o ser em uma cultura diferente.

(...)

MacDonald conjecturou que “a realidade da experiência humana é socialmente construída e é, portanto, sujeita a variação dependendo do contexto social (p. 36). A revisão de literatura sobre estados alterados de consciência e experiências anômalas feita pelo sociólogo James McLennan (1994a) o convenceu de que traços como absorção, dissociação, propensão à fantasia e suscetibilidade hipnótica precisavam ser considerados a fim de se poder compreender esses estados. McLennan considerou que esses traços são “capacidades humanas normais que não foram estudadas em populações não clínicas” (p. 129). (Cardeña, Lynn e Krippner, 2013, pg 3)

A importância desse elemento é destacada, principalmente, em razão da superada concepção reducionista em classificar o paranormal à categoria de ‘patológico’ ou de ‘inferior’, em sentido emocional e, também, intelectual, sobre aqueles que acreditam na paranormalidade ou experiências anômalas que vivenciam, uma vez não ser possível separar o social do individual, enxergando-os como ‘causas’ isoladas e concorrentes entre si e não como partes de uma relação dialética:

Apesar de viabilizarem a compreensão de diversas variáveis isoladas, como extroversão, tendência à fantasia, criatividade, lugar de controle externo, bem-estar subjetivo, estilo de pensamento intuitivo etc. (Aarnio & Lindeman, 2005; Goode, 2000; Gow, Lang & Chant, 2006; Grof-Marnat & Pegden, 1998; Kennedy, 2005; Thalbourne & Delin, 1994; Tobacyk, Nagot e Miller, 1988, dentre outros), tais estudos *nem sempre consideram a influência do contexto histórico e social mais amplo no qual se inserem os participantes pesquisados* e, principalmente, a relação entre tais crenças e a história de vida dos sujeitos: os significados atribuídos por cada um deles à suas experiências, os valores, atitudes e representações subjetivas que acompanham suas crenças etc.

(...)

Para Ciampa (1987,1994) o indivíduo concretiza a realidade do grupo, ainda que potencialmente; suas particularidades reproduzem as particularidades universais. Assim, a identidade grupal e a identidade individual não estão separadas, mas unidas em um contexto dentro do qual se constroem e tomam forma. Trata-se, contudo, de uma relação dialética, e não unilateral. A identidade se constrói, em parte, como aceitação das determinações coletivas, e em parte, como negação delas. A identidade individual é, pois, a História personificada, a encarnação de um momento da História humana. (Maraldi, 2011)

Outro aspecto importante é o impacto dessas experiências na vida daqueles que as vivenciam, mesmo que ocorram de maneira única ou eventual, afetando as atitudes e tomadas de decisão, muitas vezes transformando suas vidas, de acordo com a interpretação atribuída ao evento (Cardena, Lynn e Krippner, 2013). Por sua vez, os protagonistas dessas experiências, além de serem influenciados, também influenciam o modo de funcionamento do mundo e os limites de interação com as coisas e as pessoas, em consonância com a própria crença, adesão ou postura religiosa (Machado et. All., 2016, p. 5).

Com o objetivo de apresentar um “estado da ciência” das experiências anômalas, mediante informações úteis para o clínico e que faça justiça às próprias experiências, seguindo o “empirismo radical” de William James, que inclui a totalidade da experiência humana dentro dos limites da investigação científica, Cardena, Lynn e Krippner (2013) destacam as seguintes experiências anômalas para as quais há pesquisa substancial:

a) *Experiências Psi* (do inglês *psi-related experiences*):

São experiências vivenciadas como eventos que envolveriam interações entre organismos e seu ambiente, que aparentemente desafiam os construtos científicos de tempo, espaço e energia. Utiliza-se a vigésima terceira letra do alfabeto grego *psi* (Ψ) para nomear essas experiências, em razão da sua condição de realidade objetiva permanecer uma incógnita do ponto de vista científico e são divididas em dois grandes grupos, as extrassensoriais e as extramotoras.

A percepção extrassensorial envolve a habilidade de recepção de informações pela mente, sem o uso dos sentidos físicos, popularmente chamada de “sexto sentido”, as quais, por sua vez, se dividem em:

- Telepatia: Comunicação direta entre mentes;
- Clarividência: Conhecimento anômalo de eventos que acontecem a distância;
- Precognição: Conhecimento anômalo de eventos futuros, através de intuição (revelação automática, rápida, sintética e não racional) ou sonhos premonitórios.
- Retro cognição: Conhecimento anômalo de eventos passados.

E a percepção extramotora envolve fenômenos de psicocinese, entendida como a ação da mente sobre a matéria, intervenção no ambiente de modo anômalo, popularmente conhecida como “poder da mente sobre a matéria”. (Hamazaki, 2024)

b) *Experiências Fora do Corpo* (OBE, do inglês *out of body experience*):

Popularmente conhecida como “viagem astral”. Refere-se a experiência de uma pessoa sentir sua consciência desprendida do corpo físico e poder observar a si mesma

como se estivesse em um local acima de onde está fisicamente, além de viajar por outros ambientes e até mesmo locais mais distantes. Foi atribuída a essa experiência uma característica transcendental em grupos de natureza hermética, *New Age* e espírita no decorrer do tempo, inspirando a criação de grupos paracientíficos de forte pendor religioso, como o trabalho desenvolvido pelo espiritualista Waldo Vieira (1932/2015), criador do movimento projeziologia/conscienciologia (Machado e Zangari, 2022).

c) *Sonhos Lúcidos*:

São os sonhos em que o sonhador sabe que está sonhando e pode, potencialmente, interferir de forma consciente nos rumos que a narrativa onírica toma. Esse tipo de experiência pode ser vivenciada sob duas perspectivas: o sonhador pode assumir a postura de ator, ou seja, participando ativamente da cena onírica como normalmente os sonhos são experienciados, ou de observador, de forma reflexiva, descompromissada, a cena reflete sobre o próprio sonhador, que tem consciência dessa estrutura. O sonhar lúcido implica num equilíbrio entre o distanciamento e a participação no qual ambas as perspectivas do ator e do observador estão simultaneamente presentes (LaBerge e Gackenbach, Capítulo 5, *Variedades da Experiência Anômala*, 2013).

d) *Sinestesia*:

Experiência em que um determinado tipo de percepção sensorial é vivenciada involuntariamente, como se fosse de outra modalidade perceptiva. As qualidades de uma modalidade sensorial se transferem para outra ou outras. São dois tipos de resposta sensorial produzidos ao mesmo tempo, por um estímulo indutor: a experiência sensorial primária que é normalmente associada àquele estímulo e, de modo anômalo, uma experiência secundária numa outra modalidade. Na maioria dos casos, envolve situações em que os sons são os estímulos indutores e as imagens ou sensações são as percepções secundárias ou decorrentes (Marks, Capítulo 4, *Variedades da Experiência Anômala*, 2013).

e) *Experiências de Memórias e Vidas Passadas* ou PLEs (do inglês *past-life experiences*):

Experiência ou nítida impressão de ter sido uma determinada pessoa diferente da identidade da vida atual, num tempo ou em uma vida anterior, sem que essa impressão anule a identidade atual. Nesses casos de lembranças, a pessoa pode, subitamente, demonstrar habilidades complexas para o desempenho de tarefas ou atividades para as quais não foi treinada e nem teve qualquer estudo ou orientação, como falar e escrever uma língua estrangeira, tocar um instrumento, apresentar fobias ou sinais corporais,

marcas de nascença que indicariam a forma como o experienciador teria morrido na vida anterior.

Acontece de maneira espontânea em crianças com idades entre 2 e 5 anos, sendo que elas não renegam as suas identidades atuais, relatando memórias e fatos ocorridos numa suposta vida anterior. As pesquisas de Ian Stevenson (1918-2007) realizadas e estudadas desde 1961, que reuniu os casos de mais de 2500 crianças de países e contextos culturais diferentes, constituem o maior banco de dados existente sobre essa questão.

Essas experiências podem levar a interpretações religiosas em prol da reencarnação, cuja crença parece ser um facilitador para que os relatos aconteçam. Stevenson (1986) ainda conclui que Budistas, hindus, alguns subgrupos muçulmanos e povos originários, indígenas se constituem nos que narraram o maior número de experiências, ainda que os casos espontâneos não sejam muito comuns (Hamazaki, 2024).

f) *Experiências de Quase Morte (EQM)*;

São experiências não habituais ou extraordinárias, muitas vezes transformadoras, vívidas e com um aspecto transcendente, que ocorrem em condições de risco de vida real ou percebido (Almeida, 2023, p. 51). Geralmente ocorre após um acidente ou durante uma cirurgia, acompanhado de vários sintomas, tais como visão de si mesmo e situações de perigo, imagens em *flash back*, que em segundos repassam toda a vida, visualização da entrada de um túnel onde se encontram entidades sagradas e/ou pessoas conhecidas ou desconhecidas, falecidas ou não (Machado e Zangari, 2022).

A questão que tem provocado mais interesse nessas experiências, é o fato de estarem relacionadas a episódios de morte clínica ou paralisação da atividade elétrica cerebral. Embora não haja ainda consenso sobre suas causas, fatores psicoculturais, efeitos de medicamentos, crenças religiosas ou disfunções cognitivas não conseguem explicar a complexidade de fenômenos relacionados à essa experiência (Barros, 2022).

g) *Experiências Alucinatórias*:

Alucinação é definida como uma experiência semelhante a uma percepção que apresenta a clareza e o impacto de uma verdadeira percepção. É vivida como real e intensamente convincente, mas que ocorre sem estimulação externa do órgão sensorial relevante. As experiências alucinatórias geram um forte impacto perceptivo, mesmo ocorrendo sem a presença de um estímulo objetivo, não são passíveis de controle direto e voluntário do experimentador e podem envolver qualquer dos sentidos, como visão, audição, olfato, tato e outros (Reichow, 2017)

São experiências frequentes em contextos religiosos, onde as pessoas podem ver, ouvir ou se sentir tocadas por entidades espirituais. Nas religiões mediúnicas apresentam nomenclatura própria para tais situações, para médiuns que veem (médiuns videntes ou clarividentes) ou que ouvem (médiuns clariaudientes) espíritos. Mas também ocorrem no ambiente cristão ou com os Xamãs²² em suas jornadas espirituais (Machado e Zangari, 2022).

h) *Experiências de Contato com Seres Alienígenas.*

Essas experiências são caracterizadas por lembranças reais de caráter subjetivo de ser levado secretamente ou contra a sua vontade, por entidades aparentemente não humanas, que seriam seres extraterrestres, a supostas naves espaciais ou para outras dimensões no universo, onde seriam submetidos a complexos exames físicos, mentais ou espirituais.

Trata-se de uma experiência dinâmica, elaborada e intrincada, rica em detalhes ambientais com consideráveis concomitantes perceptivos, psicológicos, cognitivos e físicos (Appelle, Lynn e Newman, Capítulo 8, Variedades da Experiência Anômala, 2013, p. 194/195).

i) *Experiência Mística:*

Segundo William James, para que uma experiência possa ser definida como mística e se diferenciar de outras vivências religiosas ou psicológicas, é necessária a presença de quatro marcas: a *inefabilidade*, ou seja, a dificuldade de expressar a experiência em palavras; a *qualidade noética*, que transmite a sensação de acesso a uma verdade ou conhecimento profundo, de uma revelação; a *transitoriedade*, uma vez que essas experiências são geralmente breves; e a *passividade*, em que o experimentador sente-se tomado ou conduzido por uma força superior, sua própria vontade está adormecida.

Essas marcas tornam a experiência mística uma forma particular de relação com o sagrado, que transcende doutrinas religiosas e produz efeitos psicológicos duradouros (James, 2017, p. 348 e 349).

Atualmente, não há uma descrição ou caracterização precisa sobre esse tipo de experiência, ante a própria dificuldade de definição dos termos *místico* e *misticismo*, que

²² Xamã é a figura dominante em determinados grupos sociais indígenas, tribais ou tradicionais, a quem cabe a tarefa de lidar com a magia, embora não seja unicamente um mago. Emprega um método que lhe é exclusivo: por meio do êxtase, mantém contato com o universo sobrenatural e com as forças da natureza. Além disso, de acordo com conceito de Mircea Eliade (1907-1986), também é um sacerdote, um místico, um poeta, um curandeiro e um psicopompo. Por isso, todo Xamã é um mago e curandeiro, mas nem todo curandeiro ou mago é um Xamã (Alves, 2022).

se prestam a propósitos diversos e, até mesmo, opostos. Mas, há um consenso que qualquer experiência qualificada como mística diverge, de modo fundamental, da consciência ordinária e envolve um sentimento intuitivo do universo, de unidade com o cosmos e uma forte impressão de encontro com uma realidade superior, diferente da realidade comum cotidiana (Wulff, Capítulo 12, *Variedades da Experiência Anômala*, p. 303).

j) *Experiências de Curas Anômalas:*

São experiências de curas de doenças cuja explicação não pode ser encontrada do ponto de vista do *mainstream* científico, mas se manifestam em variados contextos religiosos, como os milagres relatados em ambientes cristãos, procedimentos xamânicos e de cirurgias espirituais no contexto de religiões mediúnicas. (Machado e Zangari, 2022, p. 390). Conforme Krippner e Achterberg, os comportamentos e as experiências de cura que se desviam do paradigma ocidental são considerados anômalos, ou seja, estão em desacordo com o diagnóstico, o prognóstico e o tratamento biomédicos, uma vez que *no Ocidente e em outras partes do mundo sob a influência ocidental, a biomedicina alopática se tornou paradigma de cura predominante amparado por instituições políticas, econômicas e legais* (Capítulo 11, *Variedades da Experiência Anômala*, 2013, p. 272).

Mesmo diante da predominância da medicina alopática no Ocidente, há um extenso registro de curas espirituais em todo o mundo, as quais ocorrem desde a mais remota antiguidade, tendo sido encontrados relatos no Egito e na Grécia antigos, entre indígenas e em vários registros da história cristã e persistem até hoje, gerando um acentuado interesse em milhões de pessoas que buscam alívio para seus males, tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento (De Almeida et. All., 2000).

A imposição das mãos sobre os doentes, o toque, as rezas e a concentração são algumas das formas de curas espirituais mais antigas que existem, mas, a *cirurgia espiritual* é um dos tipos mais interessantes e controversos, muito popular no Brasil e nas Filipinas. As *cirurgias* espirituais acontecem sob a alegação de que há intervenção de Espíritos com conhecimentos médicos, na organização biológica e na organização energética do paciente e, segundo explicações dadas por esses *médicos espirituais*, a intervenção ocorreria no chamado corpo espiritual que, em consequência, reorganizaria o corpo biológico (Couras, 2009), sendo dois os tipos principais dessa cirurgia:

As (cirurgias) chamadas invisíveis, sem incisão, como a grande maioria das praticadas por João de Deus, e aquelas com corte cirúrgico e

intervenção direta pelas mãos do médium nos tecidos doentes. Estas, em geral, são feitas com o uso de facas, bisturis, tesouras, canivetes, sem assepsia nem anestesia e sem que o doente sofra dor ou infecção, eram as praticadas por Arigó, para o gozo da imprensa sensacionalista (Prandi, 2012, p. 89)

No Brasil historicamente desenvolveu-se uma relação entre saúde e religião que deu origem a um repertório médico popular que convive até os dias de hoje com os sistemas oficiais de saúde, embora mantendo os embates frequentes sobre quem seria o detentor de legitimidade terapêutica (Montero, 1985; Maluf, 2005). Dessa forma, o doente brasileiro, busca as mais variadas formas de tratamentos, seja médico, científico ou religiosos, para enfrentar e combater a doença, acionados em conjunto ou separadamente, mas, normalmente, a cura espiritual é utilizada de forma complementar à medicina ocidental, até como último recurso em situações (De Almeida et. All., 2000).

Entre esses tratamentos, a cirurgia espiritual é a mais procurada, embora prossiga sendo controversa no meio espírita, em razão da conturbada trajetória de pessoas dedicadas a ela e às acusações de charlatanismo associadas a tal prática. Mas, também se apresenta como alternativa de inúmeros problemas físicos e espirituais e seu exercício reforça as práticas de tratamentos alternativos, conhecido como medicina complementar alternativa (MCA) (ROCHA, 2009), bem como, um bem simbólico de salvação diante de um campo religioso que se torna cada vez mais autônomo e competitivo (Ferreira, 2018, localização 33).

Foi na primeira metade do século 20, especificamente na década de 1950, José Arigó, médium mineiro de Congonhas, impressionou religiosos e ateus com suas curas atribuídas ao espírito Dr. Fritz, através da imposição das mãos, com o toque ou prática das cirurgias espirituais. Era uma pessoa simplória, sem estudos, muito diferente de um médico de prestígio, como foi Dr. Bezerra de Menezes, fundador da Federação Espírita Brasileira e seu presidente por duas gestões, ao tentar provar a existência de espíritos e da sua capacidade de interferência no mundo dos vivos por meio da mediunidade (Moraes, 2017, p. 11):

O relato de cura atribuídas a Arigó vai desde a recuperação instantânea da saúde após uma ordem verbal ou um toque do médium, até o restabelecimento orgânico obtido com medicações prescritas. Mas foram as cirurgias com instrumentos não esterilizados e sem anestesia que alavancaram comentários e coberturas na imprensa (Moraes, 2017, p. 11)

Após o falecimento de Arigó, outros médiuns se apresentaram como curadores através de cirurgias espirituais que estariam sendo realizadas através do do médico

espiritual Dr. Fritz. O médium-cirurgião que se tornou mais popular no século XXI, reconhecido nacional e internacionalmente por ser muito noticiado pela imprensa, foi João Teixeira de Faria, conhecido como João de Deus, na cidade de Abadiânia, Goiás, na casa Dom Inácio de Loyola fundada em 1976. Todos atuavam individualmente, alheios às práticas de centros e grupos kardecistas, sendo que o último possuía características da religião católica (Ferreira, 2018 e 2020, Moraes, 2017 e Prandi, 2012).

Por outro lado, houve o desenvolvimento de centros espíritas especializados e a criação de hospitais espirituais e institutos desenvolvidos por médiuns que praticam cirurgias espirituais de cura, mas sem incisões ou invasões no corpo dos pacientes, seguindo orientação da Federação Espírita Brasileira, com a edificação de instituições hospitalares, como o Instituto de Medicina do Além-IMA, que tem a sua frente o médium João Berbel, em Franca, SP (Ferreira, 2020), o Lar Espiritual Sagrado Coração de Jesus – Casa de Hansen, também conhecido como Hospital Espiritual Casa de Hansen, na cidade do Rio de Janeiro, no qual as cirurgias espirituais eram realizadas pelo espírito de Dr. Hansen Klaus incorporado no médium José Couto (Barros et. All, 2021) e o Hospital Espírita Fabiano de Cristo, em São Paulo, através do médium Sérgio Eduardo de Miranda, que adotou o pseudônimo de Dr. Romano (ouras, 2009), entre várias outras instituições existentes no Brasil.

Torna-se clara a importância em compreender o conceito atual de saúde, a relação entre saúde e doença, as práticas de cura no campo sagrado e os processos de ressignificação corpórea daqueles que vivenciaram esse tipo de experiência anômala, consistente na cirurgia espiritual e, principalmente como ressignificaram a própria saúde e postura frente às práticas de autocuidado, hábitos e costumes:

A resolução aprovada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), por ocasião da assembleia de 1984, desvincula a noção de saúde da ideia de “ausência de doenças” e, em 22 de janeiro de 1998, saúde passa a ser definida como “um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade”. Desde então, a relação entre espiritualidade e saúde tem se consolidado como um tópico cada vez mais frequente em discussões tanto no campo das humanidades quanto das ciências médicas (Barros, 2021, p. 4).

Existe uma ampla variedade de condições que podem influenciar a manifestação de Experiências Espirituais Religiosas com características de anômalas, como o nível de consciência do indivíduo quando elas ocorrem, sendo os fenômenos de alteração de consciência associados à experiência espiritual são os mais investigados (De Moreira, 2013), conforme Maria Cristina Monteiro de Barros (2022)

A consciência teria um padrão de funcionamento básico relacionado à vigília ou estado alerta do cotidiano. Um estado de consciência alterado implicaria na percepção de uma mudança qualitativa desse funcionamento mental ordinário, podendo ocorrer espontaneamente ou devido a fatores de natureza fisiológica, psicológica e por ingestão de substâncias como os alucinógenos (Nardini-Bubols et al., 2019). Estados alterados de consciência (EAC) podem revelar o amplo leque de potencialidades humanas, trazendo implicações para os estudos sobre as relações entre mente e cérebro (Moreira-Almeida; Lotufo Neto, 2017).

A experiência espiritual religiosa pode produzir estados alterados de consciência, mas nem todo estado alterado de consciência relaciona-se a uma vivência espiritual. De qualquer forma, estudos sobre EACs vem se mostrando como um caminho viável de investigação sobre essas experiências, permitindo, por exemplo, o conhecimento dos correlatos neurais envolvidos em cada experiência, através Neurociência e das tecnologias de neuroimagem (p. 50).

E prossegue quanto a outros fatores que podem gerar a ocorrência de experiências anômalas, além dos neurológicos, como psicológicos e cognitivos:

Há outros fatores que podem estar por trás de uma propensão à manifestação de experiências anômalas e sua apreensão como fenômenos espirituais. Alguns dos traços psicológicos mais estudados são a grande capacidade imaginativa, a maior propensão à fantasia, maior hipnotizabilidade, dissociação, transliminaridade, esquizotipia benigna, absorção e autotranscendência (Cardena; Lynn; Krippner, 2013; Alminhana; Menezes; Moreira-Almeida, 2013; Maraldi, 2014; Woody; Barnier, 2008; Cardena; Terhune, 2014; Sherwood; Milner, 2005; Mohr; Claridge, 2015; Gillespie; Cloninger; Heath; Martin, 2003). Haveria, segundo Cardena, Lynn e Krippner (2017), uma taxa de aproximadamente 50% relacionada à transmissão hereditária desses fatores em geral.

Especificamente quanto às cirurgias espirituais, o fato de a pessoa sentir-se curada ou ajudada a livrar-se de um perigo ou doença após se submeter a uma cirurgia espiritual, normalmente leva a uma firme adesão religiosa sugerindo, conseqüentemente, a confirmação da existência de uma realidade transcendente, além de aumentar a potência do impacto sobre si e os seus, sendo que algumas hipóteses podem explicar essas ocorrências tidas como curas anômalas:

A importância do fator sugestivo, da expectativa e da crença. Há moléstias facilmente influenciadas por esses fatores psicológicos, relacionados ao *efeito placebo*, que resulta da mobilização do sujeito que busca melhorar sua saúde. (...) De modo semelhante, há o efeito contrário, chamado *nocebo*, há a piora da saúde quando há mobilização desse sujeito nesse sentido, por saber ou acreditar ter sido alvo de alguma prática maléfica. Esse efeito tem sido descrito em contextos culturais onde são praticados magia negra ou vodu, por exemplo (Machado e Zangari, 2022).

Zangari (2021) explica que também há demonstração empírica acerca de experimentos controlados que, mesmo tendo ciência que uma substância utilizada no caso

de uma doença é inócua, é possível obter em razão exclusivamente de seu uso, alívio para certas afecções. É o estudo *open-label placebo*, em que a pessoa possui plena consciência que está tomando placebo e, mesmo assim, há alguma alteração do ponto de vista fisiológico e ocorre a melhora, não importando que tipo de placebo que foi ministrado: pílula, injeção, qualquer substância.

Esse efeito positivo pode ser relacionado à outras situações, como no caso das curas religiosas, onde o ambiente religioso serve como uma atmosfera sugestiva e as alterações fisiológicas podem ocorrer numa magnitude talvez maior do que a do placebo, em razão do envolvimento, do compartilhamento de ideias, do acolhimento que as pessoas sentem nas religiões, que conferem sentido à vida e pode ser interpretado como uma intercessão direta de Deus (Zangari, Youtube, 2021).

Ainda há o fato de as doenças terem seu curso natural e a possibilidade de se extinguirem independentemente da intervenção humana, que são as chamadas remissões espontâneas. Além da importância do contexto cultural no modo como o indivíduo representa saúde ou doença é fundamental para o processo de adoecer ou tornar-se saudável, tornando a questão ainda mais complexa uma vez não se limitar a relação corpórea.

A necessidade de tratamento do corpo e da alma é uma questão antiga, reflexo da simbologia utilizada para entendimento de questões psíquicas do indivíduo, encontrada desde o xamanismo, tidos por um dos mais estudiosos do assunto, Krippner (2007), como os primeiros curadores da humanidade, primeiros mágicos, primeiros artistas performáticos, primeiros contadores de histórias e os primeiros a tentarem prever o clima de suas regiões (Maraldi, 2014 p. 160).

Maraldi aponta muitas diferenças e similaridades entre os métodos tradicionais das curas xamanísticas e a medicina moderna, considerando que os xamãs desempenham funções sociais variadas, não apenas como terapeutas/curadores, mas também como líderes e sábios:

Seus métodos de tratamento repousam muito mais na personalidade do xamã do que no caso do médico, cuja orientação é centrada no manejo da técnica, frequentemente de natureza impessoal. A concepção que se faz da cura é de ordem psicossomática e moral, mais do que física, e depende fundamentalmente de uma série de fenômenos sociais que legitimam o poder mágico do xamã, incluindo a relação de crença e confiança do paciente em seus poderes.

Dentre as explicações espirituais, fala-se algumas vezes em “perda da alma”, experiência em que o indivíduo, espontânea ou acidentalmente, perderia sua alma. A perda da alma é reportada, não raro, em situações de estresse e grande impacto emocional, como diante de um susto muito

intenso, mas também é associada a outras – circunstâncias, como à ação de espíritos ou feiticeiros frequentemente, enquanto a vítima dorme (Maraldi, 2014, p. 161).

A perda da alma já foi relacionada, em termos psicológicos, à depressão e melancolia (Peters & Wiliams, 1980), mas é com maior frequência interpretada como algum tipo de transtorno dissociativo ou outro estado de alheamento (Lewis, 1977; Ross, 1989). Para recuperar a alma do doente, o xamã deve procurá-la pelo mundo dos espíritos, ao qual tem acesso mediante um aparente estado de transe induzido ritualmente, o que pode demonstrar uma disposição básica do ser humano, em qualquer lugar, para estabelecer ou buscar contato com alguma forma de realidade espiritual ou produzir e dramatizar símbolos e narrativas. Assim, é razoável considerar que o espiritualismo moderno seja um herdeiro não muito distante do xamanismo (Maraldi, 2014, p. 162)

A crença em fenômenos e habilidades sobrenaturais ainda teria uma vantagem adaptativa, do ponto de vista evolutivo, que seria a de aumentar a sensação psicológica de controle e segurança sobre os eventos naturais ou de algum modo incontroláveis. A *performance*, o ritual do xamã visaria impressionar sua comunidade visando obter a credibilidade nos poderes e fenômenos que afirmaria possuir ou intermediar, podendo-se concluir, segundo Maraldi:

O poder de convencimento também revela sua importância em diferentes cenários de cura. A simulação, a fraude e o emprego de uma série de recursos ilusionistas foram relatados pelos antropólogos em suas observações de rituais xamanísticos (Sigh, 2018). Convencer o paciente de que está curado é, assim, parte do processo terapêutico, embora também existam relatos de xamas mal-ntencionados. De uma perspectiva social-construcionista, porém, entendem-se tais fenômenos – autênticos ou não – como produtos da própria realidade cultural e social compartilhada pelos membros daquela comunidade.

Lévi-Strauss (1975) menciona o fato um tanto curioso que, mesmo quando um xamã ensinou a outro como se utilizar de suas artimanhas e truques, ele próprio pode recorrer (ambivalentemente) a outro xamã, quando se vê doente ou quando algum de seus familiares cai adoentado. Esses exemplos só nos permitir concluir que a “fraude” é um conceito muito fraco para explicar o conjunto de relatos e de fenômenos extraordinários, uma vez que a crença nestes ultrapassa a distinção moderna e ocidental entre fraudador e vítima. O artifício adquire, assim, um caráter mágico que torna questionável encará-lo simplesmente como engodo (Maraldi, 2022, p. 413/414).

O convencimento e a crença são elementos que agregam outras semelhanças à medicina moderna, à espiritualidade e às experiências anômalas, podendo-se afirmar que refletem os resultados obtidos em estudos realizados com o efeito placebo e *open-label placebo*.

De acordo com Lévi-Strauss, a percepção de mundo pressupõe a existência de um

sistema de símbolos fundamental de comunicações e trocas na comunidade, capaz de produzir efeitos reais imperceptíveis nos indivíduos, através da força do simbolismo e da crença partilhada pelo grupo, é a eficácia simbólica. Nesse universo, o xamã, o curandeiro ou o médium possuem a capacidade de atribuir significados às desordens fisiológicas, tornando coerente as dores e sintomas, promovendo uma harmonização entre o corpo, a mente e a cultura, que faz com que seus atos tenham resultados positivos no doente e crente, questão essa que será aprofundada adiante.

Contudo, ainda não conhecemos os limites humanos para poder afirmar com segurança se algum evento transcende nossas possibilidades naturais. Isto não implica necessariamente em questionar a existência de um mundo espiritual, mas em que não temos claro o que diria respeito ao “aquém” e, menos ainda, a um eventual “além” (Machado, 2008 e 2016).

Assim, embora experiências místicas, sonhos premonitórios e sensações de presença de entes queridos sejam mais frequentes, a cirurgia espiritual destaca-se como prática relevante dentro da cultura espiritual de cura no Brasil. Tal relevância é evidenciada não apenas pelo crescente número de centros espíritas especializados, hospitais espirituais e institutos criados por médiuns que realizam esse tipo de procedimento, mas também pela significativa procura por essas práticas, mesmo quando utilizadas de forma complementar à medicina ocidental.

2.3 A Eficácia Simbólica:

Lévi-Strauss desenvolveu um extenso estudo sobre mitologias, sobre o pensamento do dito selvagem e do pensamento mágico, interessando-se por religião tão somente enquanto reflexo das estruturas inconscientes da mente humana. Buscou as propriedades universais dos mitos, não aceitando a tese de que eles seriam a projeção ideológica do ritual:

Esse autor (Lévi-Strauss) se abstém de qualquer juízo sobre a realidade histórica ou a verdade dos mitos. Para ele (1975), o que interessa é a estrutura básica que está por trás de várias versões do mesmo mito e que permite acessar o quadro de estruturas primordial do pensamento humano (Guerriero, 2022, p. 65).

Sob esse entendimento, Lévi-Strauss utilizou-se dos símbolos para tratar da questão do curar em dois artigos: O feiticeiro e sua magia e A eficácia simbólica. Neste último, desenvolveu a teoria denominada “eficácia simbólica”, através da descrição minuciosa de um encantamento realizado pelo xamã do grupo Cuna, do Panamá, para ajudar uma mulher a realizar um parto que apresentava complicações.

Para os Cuna, de modo geral, o parto difícil se explica por que *Muu* ultrapassou suas atribuições e se apoderou do *purba* ou alma do útero da futura mãe. *Muu* seriam as ancestrais femininas que impedem a mulher de ter seu filho, havendo uma relação de ancestralidade. O canto consiste na busca do *purba* perdido visto aqui como o próprio símbolo da cura. E isso será conseguido após muitas batalhas e torneios entre o xamã e seus espíritos protetores contra o *Muu*. Vencida, *Muu* deixa descobrir e libertar o *purba*. *Muu* não possa evadir-se após seus visitantes (Guimarães, 2012).

A cura realizada consiste na restauração da ordem, que é feita pelo xamã por meio de uma medicação “puramente psicológica”, uma vez que o xamã não toca o corpo da doente e não lhe administra remédio. A cura psicológica descrita por Lévi-Strauss é o conceito psicanalítico de ab-reação, ou seja, reviver a situação traumática para produzir a liberação do afeto associado ao trauma, trazer à consciência conflitos e resistências até então inconscientes, por terem sido recalçados por outras forças psicológicas:

É fundamental a dimensão da experiência vivida, e o xamã tem que possibilitar a repetição dessa experiência vivida. A paciente não tem que pensar no mito, tem que sentir no corpo a entrada do xamã e seus espíritos protetores pelo caminho de *muu*. Segundo Lévi-Strauss, o canto que compõe o ritual de cura consegue reviver a experiência vivida “produzindo uma oscilação cada vez mais rápida entre os temas míticos e os temas fisiológicos, como se se tratasse de abolir, no espírito da doente, a distinção que os separa, e de tornar impossível a diferenciação de seus respectivos atributos” (Lévi-Strauss, 1996, p. 223). É importante o “como se”, porque mostra que a dimensão mítica e a dimensão fisiológica são diferentes, daí a ideia de abolir a diferenciação. A distinção que os separa está dada, mas tem que ser desmentida pela passagem de uma para outra; daí as imagens de subidas e descidas, de entradas em fila indiana e saídas de “quatro em quatro”, que Lévi-Strauss descreve tão bem no artigo (Bonet, 2013, p. 103).

Esse processo ocorre independentemente de a mitologia do xamã corresponder ou não a uma realidade objetiva, uma vez que ela é eficaz porque o paciente acredita nela e pertence a uma comunidade que também acredita, que compartilha uma mesma visão de mundo, viabilizando a reorganização do universo do paciente e desbloqueio fisiológico. Entretanto, o poder do encantamento, do ritual não está nas palavras em si, mas no contexto em que são proferidas por aquele a quem foi delegado o poder das palavras e em uma situação performática, durante o ritual realizado.

Considerando que nem todo ritual, encantamento ou tratamento psicológico obtém sucesso, o que leva ao questionamento sobre a eficácia dos mesmos, Lévi-Strauss aponta a semelhança no processo de cura do xamã e do psicanalista, apresentando o conceito de eficácia simbólica:

(...) induzir uma transformação orgânica que se constituiria essencialmente em uma reorganização estrutural, que conduzisse o doente ao viver intensamente um mito [...] cuja estrutura, seria no nível do psiquismo inconsciente, análoga àquela da qual se quereria determinar a formação no nível do corpo.

A eficácia simbólica consistiria precisamente nessa ‘propriedade indutora’ que possuiriam, umas em relação às outras, estruturas formalmente homólogas que podem se edificar com materiais diversos nos vários níveis do ser vivo - processos orgânicos, psiquismo inconsciente, pensamento consciente (Lévi-Strauss, 2017, p. 216)

A linguagem simbólica do mito evocado no ritual de encantamento/mágico é muito mais eficiente do que a linguagem médico-científica, uma vez que permite ao doente formular estados de dor, ansiedade, confusão, através de uma linguagem de sinais que fazem sentido naquela estrutura, naquela comunidade determinada, conforme explica Monteiro (1990):

Saber, por exemplo, que a causa da doença que temos é um vírus não interfere na possibilidade de cura. A relação micróbio-doença é exterior ao espírito do doente. Mas o conhecimento de que uma dor é causada pela intromissão de um espírito maléfico é fundamental no processo da cura mágica.

(...)

A medicina leva em conta os sinais físicos e os interpreta como sintomas de alguma disfunção orgânica. A interpretação mágico-religiosa, muito mais abrangente do que a médica, integra não só os sintomas fisiológicos, mas também os problemas domésticos, amorosos e financeiros do doente. Para a magia, a doença não é senão simples aparência. A doença é uma maneira que as forças espirituais têm de aparecer, de se revelar no mundo dos homens.

(...)

A ação mágica, embora vise ritualmente o corpo do indivíduo, se propõe, através dele, reorientar a causalidade do mundo: procura suprimir as forças maléficas – exus, pombagiras, obsessores – verdadeiras causas das desordens que afligem a vida do paciente. E este, ao assumir a interpretação mítica, adquire uma linguagem, uma maneira socialmente codificada de expressar as contradições em que se encerra sua vivência cotidiana (Monteiro, 1990, p. 63).

Partindo do conceito que a cura xamanística resulta de uma situação de equilíbrio entre comunidade e xamã, onde o coletivo reconhece entre os símbolos oferecidos pelos xamãs, aquele que mais se adequa às demandas dos doentes, Camurça (2013) entende que este tipo de proposição, clássica na teoria antropológica, se situa no rol de interpretações “não nativas” para fenômenos de cura que os nativos praticam e acreditam. Mas, é importante ultrapassar o entendimento nativo do fenômeno, não se restringindo ao seu aspecto factual, mas pela mediação do símbolo, remetendo-a a outras dimensões, no caso, cognitivas e sociais da realidade (Camurça, 2013, p. 228).

Assim, Camurça propõe a noção de eficácia simbólica num modo mais alargado, não se referindo apenas a como cada cura tem sua explicação numa sugestão simbólica envolvendo o doente, o curador e a comunidade, mas como o discurso antropológico contorna/desloca o fenómeno singular e objetivo de cada uma dessas curas e, na forma de uma problemática geral, vai relacioná-las a um sistema social, cultural, económico ou psicológico.

Abordando a eficácia simbólica no espiritismo, esse fenómeno foi interpretado para além do registro nativo, denominado como função terapêutica. O conceito foi desenvolvido como parte dos esforços pioneiros de Cândido Procópio Camargo (1961, 1973) para implantar uma análise sociológica que desse conta dos fenómenos religiosos no país, visando detectar uma “função social” para as características mais marcantes das religiões brasileiras (Camurça, 2013, p. 232), afirmando:

A função terapêutica articulada à função de integração, diante de situações de crises no plano individual, muitas vezes de aspecto psicossomático, visava um “ajustamento da personalidade” deste indivíduo ao contexto da sociedade urbana. (CAMARGO, 1961, p. 93, 101) Seu propósito teórico é demonstrar que a diagnose espírita das principais doenças espirituais, e suas terapêuticas correspondentes, estão circunscritas aos contornos do subjetivo. No que tange às doenças: perturbações provocadas por espíritos na mente dos indivíduos, doenças cármicas (escolhidas ou induzidas pelo indivíduo no plano espiritual para o cumprimento do seu processo evolutivo) e “mediunidade não desenvolvida”. Já do lado das terapias: processo de desobsessão, compreensão doutrinária da origem da dor e do sofrimento, e “desenvolvimento mediúnico”. (CAMARGO, 1961, p. 105). É sempre no plano do subjetivo que ocorre o desajuste, e é nesse plano que se darão os processos terapêuticos e a cura, quando este indivíduo reencontra o seu equilíbrio.

Camurça prossegue, expondo a forma como o conceito de eficácia simbólica foi incorporado ao espiritismo:

Desta forma, correlacionam a adesão e imersão do indivíduo na cosmologia e no imaginário espírita como a maneira pela qual a doença é dissipada nele próprio. Segundo os autores, as doenças “provém de uma ruptura, ou, pelo menos, de uma alteração nas relações que o homem mantém com o Sagrado (aqui, os Espíritos superiores). Somente graças aos médiuns, reequilibrando os tensos liames entre o homem e os Espíritos, pode-se recuperar o próprio “equilíbrio”. Portanto, é no plano do simbólico que as doenças são interpretadas, particularmente através do exame do ritual e de seus atores. O ritual da desobsessão é o mais exemplar da etiologia espírita, pois, segundo Aubrée e Laplantine (2009, p. 257, 263), sintetiza, à maneira de um fato social total, o sistema espírita da “mediunidade, educação e caridade”. Na cura da desobsessão, estão articulados num esquema de “troca generalizada” envolvendo todos os atores do que está em jogo: os Espíritos superiores, os médiuns, os doentes e os Espíritos inferiores. (2009, p. 264) Aqui fica evidente uma singular semelhança com o “complexo xamanístico”

de Lévi Strauss com sua tríade de atores: o xamã, o doente e a comunidade (Camurça, 2013, p. 235).

Sônia Maluf (2013) considera que a eficácia simbólica está ligada à ideia de transformação de si, metamorfoses do *self*, emergência do sujeito. Como cura, de um lado, e eficácia como modo de subjetivação, de outro:

Operam nesses dois sentidos do trabalho ritual e terapêutico duas dimensões complementares: a ideia de transformação (de um conjunto de afecções a outro, do sofrimento à cura ou ao alívio, de si, etc.); e a ideia de agência, ação, prática ou práxis individual ou coletiva, dimensão apenas residual ou senão ausente nas diferentes formulações e usos do conceito de eficácia simbólica na análise antropológica.

A noção de eficácia simbólica, segundo Maluf (2013), passou a caracterizar a e a descrever toda forma de ação, especialmente de ação voltada para a cura, que escaparia à causalidade mecânica ou orgânica da lógica biomédica e científica. A questão a ser enfrentada quanto a eficácia simbólica, então, é se os símbolos agem como objetos ou são os objetos que agem como símbolos no ritual/tratamento, o que levaria a repensar essa noção, seus limites e potencialidades para a compreensão de certas práticas e representações sociais ligadas à cura ritual, aos processos de adoecimento e cura e aos vários recursos terapêuticos utilizados, à construção e transformação ritual de pessoa e corporalidade, entre outros temas.

Além das palavras, a relevância do ritual encontra-se também na presença dos elementos não verbais, como as imagens esculpidas, a fumaça de cacau e a eficácia destas descritas por Lévi-Strauss no início de seu artigo, entendimento esse que buscaria potencializar a dimensão descritiva da eficácia simbólica como o mecanismo por excelência que opera em situações de cura ritual ou de trabalhos terapêuticos não formulados em termos de uma lógica de causalidade mecânica ou orgânica:

A inspiração para uma leitura fenomenológica e de uma pragmática da linguagem se dá tanto pela identidade temática com os dois textos de Lévi-Strauss, xamanismo e cura, quanto pelas brechas que sua reflexão abre em torno de noções como experiência, sentimentos, transformação, força indutora. Um dos desdobramentos mais interessantes dessa discussão é o enfoque performático do ritual e a relação entre cura, ritual e performance. Para Jean Langdon, “a eficácia terapêutica deve ser atribuída sobretudo aos aspectos performativos do ritual” (2007, p. 5).

(...)

O conceito de performance reintroduz questões como ação, criatividade, expressão poética, que nas formulações iniciais do conceito de eficácia simbólica apareciam de forma tangencial e secundária, colocando-os no centro da reflexão ritual deixa de ser definido pelas regras e pelo seu ordenamento formal, mas como um evento pleno de ação, em que imaginação e criatividade, além de

expressão poética, emergem como aspectos centrais. Sem abandonar o conceito de eficácia simbólica em sua totalidade, mas colocando-se em uma posição de crítica aos princípios de sua formulação, à analogia com a psicanálise e ao peso dado aos aspectos verbais e estruturais do ritual, a perspectiva da performance pensa o ritual como evento performático que dramatiza e produz nos sujeitos uma experiência corporificada e afetiva (Maluf, 2013).

Rituais e “performances” privilegiam o fazer e o agir, reforçam o contexto, admitem o imponderável e a mudança, veem a linguagem em ação, a sociedade em ato e prometem alcançar cosmovisões, tudo isto podendo levar a um acordo de objetivos teórico-intelectuais com político-pragmáticos, como explica Peirano (2006). Traduzem, assim, a possibilidade de reflexão sobre fenômenos sociais, um modo de conhecimento que se caracteriza por levar sempre em conta contexto e comparação, em constante referência às dimensões da cultura e da linguagem (Peirano, 2006).

Concluindo, a noção de eficácia, do acontecimento real, não remete a uma cosmologia e nem a visões do mundo ou a sistemas prévios de representações, mas a atuações de relações, conhecidas no momento dos rituais e performances, surgidas especificamente com esse fim, criando uma certa verdade geradora de eficácia (Tavares e Bassi, 2013).

Assim, as cirurgias espirituais podem ser entendidas como um ritual performático, gerando efeitos para além da eficácia simbólica ao estabelecer a relação entre o médium curador e o doente, mediante o qual este último passa a integrar um mundo simbólico capaz de expressar as contradições em que se encerra sua vivência cotidiana e reencontrar o seu equilíbrio.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO:

Neste capítulo, será analisada a cirurgia espiritual como elemento de perpetuação da crença em fenômenos extraordinários de cura, à luz dos conceitos anteriormente desenvolvidos e da relevância de José Arigó nesse contexto. Essa relevância decorre do grande impacto causado por suas atividades, cujos reflexos se estendem até os dias atuais, com diversos médiuns afirmando atuar sob a influência do espírito do médico Dr. Fritz.

O caso José Arigó será compreendido à luz do sentimento religioso enquanto dimensão da experiência humana — uma vivência ligada a estados emocionais e alterações de consciência que se distinguem de distúrbios e transtornos mentais. Será também abordada a relação entre religião, saúde e experiência anômala, com foco nas cirurgias espirituais, buscando-se compreender o vínculo de confiança estabelecido entre o médium curador e o crente, sua continuidade ao longo das gerações e seus desdobramentos sociais.

Essa análise, contudo, não se limitará a esse vínculo. Irá além, ao considerar a postura de Arigó — e do espírito do Dr. Fritz — como divergente daquela tradicionalmente associada à doutrina espírita, sendo possível afirmar que tal postura se configura quase como uma prática ritualística: uma performance que mobiliza os participantes e confere legitimidade à experiência de cura.

3.1 Como o caso Arigó se encaixa na construção social da crença em fenômenos extraordinários

José Pedro de Freitas, mais conhecido como Arigó, ocupa um lugar de destaque quando se trata da crença em experiências anômalas de curas, especialmente de cirurgias espirituais. Atuando como médium no interior de Minas Gerais no período entre 1950 e 1970, Arigó realizou inúmeras cirurgias espirituais afirmando estar incorporado pelo espírito de um médico chamado Adolf Fritz, utilizando-se de facas e canivetes que estivessem disponíveis, a frente de todos, sem anestesia ou qualquer assepsia, com inúmeros relatos de curas.

Sua atividade o torna um personagem central na articulação entre espiritualidade popular, medicina alternativa e religiosidade carismática, conhecido nacional e internacionalmente, mas também uma figura controversa, combatido severamente pela Igreja Católica, Conselho Regional de Medicina e Poder Judiciário. Ainda assim, a comunidade o acolhe e legitima sua atividade, reconhecendo o seu carisma e lhe

atribuindo poderes extraordinários, mesmo que desafiem os saberes instituídos, baseada na veneração extra quotidiana da sacralidade e seu caráter exemplar, dentro do âmbito da crença

A questão que se apresenta é a forma como se estabelece o vínculo de confiança entre Arigó e a sociedade, mediante a legitimação de sua atuação, perpetuando a crença nesse tipo de fenômeno extraordinário.

Podemos compreender esse fenômeno à luz do pensamento de Berger (1985), segundo o qual toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo e a religião ocupa um lugar destacado nesse processo: é um privilegiado instrumento de legitimação, de manutenção da ordem social, de preservação do *status quo*.

Para Berger (1985), a construção social da realidade é a relação dialética contínua em que o ser humano cria as instituições, as estruturas da realidade, e essa ordem institucional é absorvida como algo objetivo, como um dado social. Mas, ainda é necessário que essa ordem seja legitimada, principalmente para os novos membros e em situações de descrença e de perda da plausibilidade. A legitimação torna acessível e subjetivamente plausíveis as objetivações realizadas (Moreira, 2022).

A religião surge como forma de manutenção de tal estrutura, de elidir toda e qualquer dúvida, lidando com o etéreo, o transcendente. Na visão de Berger, a principal função da religião é a legitimação, que consiste em fundar na realidade transcendente as precárias construções da realidade humanamente construída. Com base nesta relação instaurada, a religião acaba servindo para manter a realidade do mundo socialmente construído (Teixeira, 2017).

Ao remeter a ordem social a um plano sagrado ou divino, a religião naturaliza e eterniza aquilo que, na verdade, é fruto de ação humana. Questionar a estrutura social, nesse contexto, equivale a questionar o sagrado, o que desencoraja mudanças e preserva o “status quo”.

Foi no cenário de uma sociedade tradicional, com a sua estrutura social consolidada e legitimada pela forte presença e poder da Igreja Católica, que José Arigó nasceu, cresceu e foi educado. A força do catolicismo em Congonhas manifestava-se na própria formação da cidade, s se apresentava na própria estrutura da cidade, com a Igreja de Bom Jesus de Matosinhos erguendo-se imponente no topo de uma colina, tendo a sua frente um adro com escadaria em linhas curvas decorada com 12 estátuas de profetas esculpidas em pedra-sabão, a qual se chega subindo uma ladeira onde foram implantadas seis capelas, cada qual com um grupo esculpido em madeira policromada representando

os passos da Paixão de Cristo, iniciando-se com a Última Ceia e terminando com a crucificação, trabalho esse feito por Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como “Aleijadinho”²³.

Esse conjunto arquitetônico forma o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, centro de peregrinações e procissões cujo percurso foi feito com as capelas dispostas em zigue-zague, cuja finalidade seria fazer com que o devoto sentisse no próprio corpo as dificuldades encontradas por Cristo quando percorreu esses passos. As estátuas dos profetas, com impressionante realismo ao individualizar cada figura bíblica, inspiravam reverência e devoção até mesmo àqueles que não eram católicos e inimaginável influência nas populações da região. Além de outras Igrejas Católicas espalhadas por Congonhas, todas do século XVII, demonstrando o domínio da religião no cotidiano da comunidade.

Nessa condição e absorvendo naturalmente a ordem preestabelecida, Arigó era um católico devoto, frequentador regular de missas, com os princípios religiosos rigorosamente observados, mantendo um relacionamento de amizade e confiança com os padres da paróquia, consultados sempre que necessário um conselho ou orientação, espiritual ou não (Serrano, 1967).

Assim, ao vivenciar várias experiências anômalas desde a infância, sem ter conhecimento do que se tratava ou a natureza delas, incapaz de afastá-las ou impedi-las, como “visões” do rosto de pessoas na parede de seu quarto e uma bola de fogo percorrendo o milharal da fazenda do seu pai ou “ouvir” vozes em idiomas desconhecidos que sequer conseguia identificar qual seria, Arigó era desacreditado, tido na família como mentiroso ou que tais fatos seriam produto de sua imaginação, optando pelo silêncio e habituando-se com a situação (Comenale, 1957).

Foram os sintomas físicos, as fortes dores de cabeça, desmaios, insônia e agonia de ouvir constantemente aquela voz em outro idioma que levaram Arigó a aceitar as manifestações mediúnicas que se apresentavam, culminando com um sonho vívido em que foi “apresentado” ao médico alemão que lhe falava, chamado Adolf Friendrick Fritz, morto durante o conflito da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), mas que deveria continuar com o seu trabalho através de Arigó. Esse relato e explicações teriam sido expostos em

²³ Antônio Francisco Lisboa (Ouro Preto, c. 29 de agosto de 1730 ou, mais provavelmente, 1738 – Ouro Preto, 18 de novembro de 1814), mais conhecido como Aleijadinho, por sofrer, por volta de 1777, de uma grave doença degenerativa que o deixou com deformidades físicas severas, foi um importante escultor, entalhador e arquiteto do Brasil colonial. Uma das obras mais famosas de Aleijadinho é o Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, iniciada em 1758. A planta imita o Santuário de Bom Jesus do Monte, de Braga, Portugal.

um alemão incompreensível, mas que Arigó teria compreendido perfeitamente (Fuller, 2022).

Denota-se que o fenômeno extraordinário experimentado por Arigó era completa e radicalmente diverso de tudo que acreditava, da crença de sua família e da própria comunidade. As cirurgias espirituais que começou a realizar, de forma abrupta, chocante, frente a todos e sem consciência de seus atos, como se estivesse em um transe hipnótico, era uma conduta contrária à sua própria realidade, à Igreja, à medicina, além de ser destituída de sentido naquele momento.

As dificuldades e estranhamento de Arigó no desenvolvimento de sua mediunidade eram originários da visão negativa da sociedade sobre magia e espiritismo, como sendo “coisa do diabo”, manifestação das forças do mal e, consequentemente, uma ofensa às regras e princípios do catolicismo. Além da criminalização de tal conduta, em uma época em que os centros espíritas e de umbanda eram perseguidos por charlatanismo, fraudes e mistificação.

A forma como Arigó ousou questionar a realidade do mundo socialmente conhecido, estabelecido, legitimado pela forte instituição religiosa consolidada na comunidade e, consequentemente, o “sagrado”, não foi o enfrentamento ou ataque às instituições preestabelecidas, mas sim, mediante a adaptação do fenômeno que não podia evitar, à realidade que conhecia e à sua crença.

Por cinco anos Arigó realizou cirurgias espirituais e curas por receituários, em estado de inconsciência ou “ouvindo” a voz do Dr. Fritz, como católico, frequentando a Igreja e as missas, enfrentando todas as controvérsias quanto as suas atividades e ataques disferidos por alguns membros do clero, sem se interessar pela questão mediúnica (Pires, 1967). Usava, ainda, os símbolos da Igreja Católica: operava segurando em sua mão um crucifixo e sempre se reportava a figura de Jesus Cristo como seu mentor e guia em suas atividades, iniciava os seus trabalhos com a oração “Pai Nosso” e se despedia dos pacientes com um “vá com Deus” (Fuller, 2022).

Essa relação da mediunidade com elementos do catolicismo é encontrada também nas atividades de Chico Xavier, atribuindo ao espiritismo no Brasil, uma feição essencialmente religiosa:

(...) O papel de Chico Xavier nesse contexto não é criação dessa versão, mas a consolidação, por meio do exemplo de vida, de uma reinterpretação católica da doutrina espírita. Versão para a qual contribui também a sua literatura, na medida em que nesta se associam os temas doutrinários próprios do Espiritismo a um “discurso de virtudes” que tem como referência o ideal cristão de santidade.

(...)

Chico Xavier é como um santo em moldes católicos, mais, cultivou virtudes e até os votos característicos (pobreza, castidade, obediência) das ordens monásticas (Stoll, 2003, p. 281 e 12)

Nesse sentido, Arigó também representava o sofrimento, o sacrifício, a renúncia, nos moldes dos santos católicos. Ao dedicar-se integralmente às curas e cirurgias espirituais, sem controle do fenômeno que ocorria consigo próprio e com Dr. Fritz atuando através de seu corpo, como se estivesse vivo, a qualquer tempo e lugar, Arigó atendia até 300 pessoas por dia. Mesmo ferozmente combatido pela Igreja católica, pelo Conselho Regional de Medicina e Poder Judiciário, não interrompia as suas atividades.

Além dessa postura ajudar a compreender a aceitação das atividades de Arigó pela comunidade, de forma gradual, posteriormente consolidada, há outro elemento importante a ser considerado, que consiste em uma característica própria do Brasil, um país majoritariamente religioso e reconhecido como um “solo fértil para manifestações de cunho espiritual” (De Barros, 2022). Essa característica é atribuída a influência, ao longo da história nacional, da cultura dos indígenas, africanos e Portugueses com seu imaginário medieval, culminando com a chegada do Espiritismo, que irá articular com as tradições anteriores (Sanchis, 2018).

Segundo Pires (2008), existe no Brasil uma sistemática de cura tipicamente paranormal, um complicado sistema de ação milagrosa, com formas de curas desde a simples benzedura do quebranto ou mau-olhado até as intervenções cirúrgicas a distância. Trata-se de um comportamento religioso da relação quotidiana simples com o sobrenatural, tal como encontrado na prece de súplica ou de ouvir da gratidão e nas várias ações rituais que colocam a pessoa em contato com o sobrenatural (Paiva, 2022).

Assim, a experiência religiosa e os fenômenos de cura espiritual podem ser compreendidos como construções psicossociais, resultantes da interação entre vivências subjetivas de fé, dor, cura e transcendência, e os contextos culturais e históricos que atribuem sentido a essas experiências.

Experiência religiosa é uma forma de entender a mente humana, a vivência direta, individual ou coletiva, do objeto da crença religiosa (Maraldi, 2022). Muitas vezes essas vivências são valorizadas e cultivadas por diversas tradições espirituais/religiosas como evidências ou sinais importantes de suas crenças e são frequentemente associadas ao crescimento espiritual e ao bem-estar (Maraldi, 2023). Mas, uma experiência é considerada religiosa se estiver de acordo com um determinado referencial ou contexto religioso, que define o que está dentro ou fora dessa dimensão. Será dentro de uma

comunidade, um grupo que compreende e comunga dos mesmos significados, símbolos e linguagem, que a experiência será compreendida como tal (Zangari e Machado, 2022).

Já a religiosidade popular pode ser compreendida como a diversidade de experiências e linguagens de uma religião, uma vez que, assim como as crenças, o sentimento de pertença e os comportamentos dos crentes, não são tão congruentes com os reais de sua religião (Brito e Verdugo, 2022). É o conjunto de crenças, práticas, símbolos, manifestações religiosas e expressão de fé que surgem de forma espontânea entre o povo, geralmente fora das estruturas oficiais da religião institucionalizada. Especificamente no catolicismo popular, que também se reflete em outras formas de religiosidade popular, surge um universo simbólico que implica na abertura ao sobrenatural em que o sagrado não é separado da vida:

É a relação intrínseca entre a crença e a graça, isto é, a fé busca milagres. O devoto/devota pede ao santo/à santa cura de doenças, fim do alcoolismo, emprego, moradia, regeneração de algum membro da família, um marido ou uma esposa fiéis. As desgraças do cotidiano configuram especificidade à religiosidade popular, ou seja, “o que se pede é que a vida não seja tal como é”.

Nesse sentido, a religiosidade popular se estrutura de tal maneira a dar lugar a uma pluralidade de saberes e crenças aparentemente incompatíveis, no nível epistemológico de sua linguagem, e, abandonando a redutiva análise de ser uma mera alienação, o saber popular exprime perfeito conhecimento de causa e sistemático reconhecimento da impotência presente, cuja fundamental representação é o milagre, no nível político (Brito e Verdugo, 2022, p. 794)

A atuação de José Arigó reflete a religiosidade popular brasileira, marcada pelo sincretismo entre Espiritismo, Catolicismo popular e outras crenças. As suas atividades de cura reforçavam a vivência religiosa do povo, que busca no sagrado soluções para problemas reais, como doenças e sofrimento. Arigó acaba se tornando um dos elementos centrais da experiência religiosa, por representar a crença na intervenção espiritual, na cura pela fé e na mediação entre o mundo material e o espiritual. É a personificação do “milagre”.

A atuação de José Arigó e do espírito do Dr. Fritz, nesse sentido, ganha legitimidade por meio de um processo psicossocial de construção da autoridade espiritual, em que o extraordinário se torna crível dentro de um sistema de crenças já existente - catolicismo popular – no qual se enquadra naturalmente.

Posteriormente, José Arigó passa a atuar como adepto da doutrina espírita, com a criação do Centro Espírita Jesus de Nazareno junto com Orlandinho Ferreira, dirigente espírita em Congonhas, auxiliados por José Nilo de Oliveira, o Altimiro. Orlandinho

explica em uma reportagem à revista Realidade, os fenômenos de Arigó sob o ponto de vista do espiritismo, reconhecendo o completo desconhecimento do médium dos estudos religiosos e científicos do espiritismo e apenas repete e aceita explicações dos amigos do centro (Freire, 1967).

Embora formalmente se autoproclamando espírita, além de preservar os elementos e símbolos do catolicismo institucional, o comportamento e atuação de Arigó e do espírito do Dr. Fritz, eram totalmente diversos daqueles tidos como adequados à doutrina.

As cirurgias espirituais não eram praticadas em sessão mediúnica e nem havia preparação do ambiente ou concentração dos enfermos e nem dos presentes. Eram utilizados bisturis ou substitutos grosseiros, como facas, canivetes, tesouras, e de um modo geral, os doentes eram tratados com rispidez, muito distante das normas habituais das relações evangélicas seguidas no meio espírita. Também não era procurado o amparo de instituições espíritas, nem conselhos de orientadores, transmitindo uma imagem de autossuficiência e desprezo por tudo quanto se havia feito até então no trabalho mediúnico (Pires, 2008).

Diante de um fenômeno extraordinário cuja existência não é estranha à comunidade, ligado ao fato de apresentar claros e fortes elementos do catolicismo, religião dominante e consolidada, a aceitação pela sociedade é natural e aumenta diante dos vários relatos e testemunhos de sucesso das cirurgias espirituais realizadas. Nesse momento, torna-se irrelevante qualquer avaliação do ponto de vista ético, estético ou algum outro, mas tão somente a avaliação daqueles que se deixam dominar pelo carisma de Arigó.

A exaltação de casos em que teriam ocorrido curas de doentes, faz com que seja atribuído a José Arigó poderes e qualidades sobrenaturais, sobre-humanos e, conseqüentemente, inacessíveis a outros, gerando a crença que teria sido enviado por Deus, culminando por torná-lo um líder a ser seguido. Mesmo “detentor de tais poderes”, a sua postura e aparência amigável, extrovertida, de um ser humano sincero e acessível a todos, demonstrava um carisma que atraía e gerava confiança imediata, quase como se fosse um velho conhecido.

Pode, assim, ser concluído que restou estabelecida em torno de José Arigó, uma comunidade organizada sob um caráter exclusivamente emocional, com sua atividade extraordinária legitimada pelos crentes de forma irracional e sem conhecimento de regras, sendo irrelevante a presença ou não da consciência ou desejo dele na origem desse movimento, desenvolvido de acordo com a crescente atuação do médium e término com

a sua morte. As cirurgias espirituais praticadas por José Arigó são reconhecidas como um elemento a mais na sociedade, representativo do catolicismo popular e, conseqüentemente, natural na vida cotidiana e tornando-se uma ajuda terapêutica complementar, que não era questionada, mesmo quando não havia resultado positivo dos procedimentos realizados.

A “normalização” desse carisma e o grande impacto gerado na população, teve por efeito a continuidade do movimento espírita voltado para as experiências de cura, com o surgimento de vários outros médiuns se autodenominando como portadores de poderes extraordinários, praticantes de cirurgias espirituais e outros feitos ligados a cura do corpo físico.

Desde então, surgiram outras pessoas que praticam esse tipo de cura espiritual, afirmando estarem incorporados com o espírito do médico alemão Dr. Adolf Fritz, com a ressalva que seria o mesmo apontado no caso de José Arigó, com entrevistas e reportagens em vários meios de comunicação, entre esses:

- Edivaldo Oliveira Silva, professor do ensino fundamental do município de Vitória da Conquista, BA. Coincidentemente, seus irmãos Oscar Wilde Oliveira Silva e Lúcia Silva Monteiro também faziam cirurgias com instrumentos cortantes, contando com Dr. Fritz e, da mesma forma que Arigó, os três irmãos morreram de acidente de carro (Ferreira, 2020).
- Edson Cavalcanti Queiroz: Médico ginecologista de Recife que, por volta de 1979, começou a afirmar ser o novo médium de Dr. Fritz. Ganhou fama por realizar cirurgias espirituais da mesma forma que Arigó: sem anestesia ou assepsia. Suas atividades foram relatadas e registradas em jornais e vídeos, atendendo várias pessoas de projeção nacional, entre estas, o humorista Chico Anysio (Facebook, 2018) e a cantora Alcione (Youtube). Faleceu em 5 de outubro de 1991, assassinado a facadas por um vigilante que havia sido seu empregado (Ferreira, 2020);
- Chico Monteiro (José Francisco Monteiro): médium espiritual que realizava tratamentos, curas e cirurgias espirituais em centros espíritas, galpões e consultórios em Miraí (MG), Cataguases (MG), Itaperuna (RJ), Petrópolis (RJ), Cabo Frio (RJ), Paris (França), Milão (Itália). Nos últimos tempos, atendia na cidade de Rio Novo (MG), em um galpão da Organização Paracientífica Adolfo Fritz. Também possuía um consultório no Rio de Janeiro, onde fazia uso de terapias complementares / holísticas, tais como fitoterapia, aromaterapia, florais, coloracupuntura, relaxamento, Programação

Neurolinguística (Da Cruz, 2007). Faleceu em 15 de maio de 2021, em Juiz de Fora, Minas Gerais (Fontana, 2021).

- Rubens Farias Jr.: Engenheiro eletrônico nascido em São Paulo e residente no Rio de Janeiro, que dizia incorporar o espírito de Dr. Fritz desde 1984, mas passou a dedicar-se à mediunidade apenas a partir de 1990, quando a sua filha Beatriz passou por problemas de saúde (Nuñez, 2012). Entre os seus “pacientes” famosos estão o ex-presidente da República João Figueiredo, o carnavalesco Joãozinho Trinta, o treinador de futebol Telê Santana, a cantora Alcione e o ex-ministro da Cultura Antônio Houaiss. Foi acusado de curandeirismo, enriquecimento ilícito e sonegação fiscal, em meio a uma separação tumultuada estampada em jornais e revistas, fechamento de seu Galpão de Curas e até boatos de que teria tentado o suicídio. Foi absolvido desses processos e condenado apenas em um processo de indenização por danos morais (Braga, 2016). Atualmente, não pratica mais curas espirituais (Nuñez, 2012).

- Kleber Aran Ferreira, conhecido como médium Aran ou “Mestre Aran”: há vinte e sete anos realizando a prática cirúrgica, como seus antecessores. Aran era presidente do “Templo do Amor Supremo”, centro espírita cuja sede fica em Aracaju, com filiais em outras três capitais brasileiras: Maceió, Salvador e São Paulo. As práticas cirúrgicas ocorriam com pequenas incisões através de instrumentos cortantes como facas de cozinha e bisturis, também sem qualquer tipo de assepsia e anestesia, auxiliado por uma equipe entre 20 e 30 voluntários. Foi preso em novembro de 2024, por suspeita de crimes sexuais.

Atualmente, os médiuns e institutos contemporâneos que afirmam trabalhar com Dr. Fritz, explicitam que não utilizam lâminas ou cortes físicos nos atendimentos e que as cirurgias espirituais são realizadas no plano espiritual, energético e simbólico, não invasivas, como por exemplo:

- Aylla Harard: A médium é detentora de conhecimentos de parapsicologia e dos dons espirituais que recebeu. Trabalha desde 2003 com o Dr. Fritz mas, nos tratamentos, emprega um bisturi espiritual tecnicamente avançado. As cirurgias espirituais são realizadas duas vezes por mês na instituição Morada da Luz, na cidade de Caçapava, e uma vez por mês na sua cidade natal, Guaratinguetá, ambas no interior de São Paulo. É auxiliada por seu marido Alex e por uma equipe de voluntários, além de uma equipe espiritual (Nuñez, 2013, localização 119).

- Roberto Barbosa, atua no Instituto Adolph Fritz: o instituto é uma entidade sem fins lucrativos, de caráter educacional e de natureza ecumênica, fundado em Fortaleza, Ceará. Nesse local o médium realiza cirurgias espirituais utilizando o magnetismo humano e

espiritual juntos. Também atende em várias cidades do interior de São Paulo e do Rio Grande do Sul, em Varginha, Minas Gerais, nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, conforme agenda no site do instituto²⁴. Mantém um canal internacional no Youtube, em inglês e francês, e outro, em português, com explicações sobre mediunidade e registros de algumas das cirurgias realizadas²⁵;

- João Pedro Rangel, atua no Templo Espiritualista: apresentou os primeiros sinais de manifestação do espírito do Dr. Adolf Fritz para iniciar os trabalhos de cura e cirurgias espirituais em 2013, aos dezessete anos, mas só aceitou essa “missão” após 3 anos. Atende milhares de pessoas que se deslocam em excursões vindas de diversas partes do Brasil para o Templo, situado em Arujá, São Paulo. Mantém um site que contém todas as informações sobre sua trajetória, os atendimentos, cirurgias espirituais e até agendamento de excursões para o centro espírita²⁶. Possui vídeos no Youtube registrando entrevistas ao Programa Fronteiras da Ciência, em Santos, São Paulo²⁷. Atualmente com vinte e nove anos, prossegue com os atendimentos e palestras.

3.2 Relação entre religião, saúde e experiência anômala na perpetuação da crença através da atividade de José Arigó

Religião não é um termo de fácil definição e tem sido objeto de estudo de várias ciências, cujo respectivo enfoque conduz o conceito a ser construído. Mas, é possível dividir as múltiplas definições de religião em dois grupos:

Em termos substantivos, a religião é um sistema composto por descrições do sagrado, respostas ao sentido do mundo e da vida (crenças), meios, sinais, experiências de ligação a esse sagrado (práticas), orientações normativas do comportamento (valores) e atores coletivos com regras e recursos próprios (coletividades).

Em termos funcionais, a religião permite regular e justificar a conduta individual (normativa), providenciar coesão social (coesiva), consolar e aliviar (tranquilizante), fortificar a vontade (estimulante), dar sentido à vida (significante), possibilitar a experiência do sagrado (experiencial), crescer e amadurecer (maturativa), proporcionar identidade (identitária) e ministrar salvação (redentora) (Coutinho, 2012, p. 187).

Embora essa classificação procure reduzir a complexidade do tema, explicando o objeto de estudo em si mesmo, sua natureza e essência através da construção de um

²⁴ Instituto Adolph Fritz: <https://institutofritz.com/>

²⁵ Canal em inglês e francês: <https://www.youtube.com/@robertobarbosamedium6135>; canal em português: <https://www.youtube.com/@institutoadolphfritz>; vídeo de cirurgia: <https://www.youtube.com/watch?v=UXFgYqXa9Hc>

²⁶ Templo Espiritualista João Pedro Rangel: <http://www.mediumjoaopedrorangel.com.br/>

²⁷ Vídeo entrevista: <https://www.youtube.com/watch?v=80NT9zcaEz0>

sistema de estudo válido, por meio de indicação das dimensões constitutivas do fenômeno, não elimina o risco de excluir formas de religiosidade menos tradicionais, como religiões não teístas ou espiritualidades individuais. Por essa razão, surgiu a seguinte proposta frente a questão do conceito de religião:

(...) abandonar uma definição fechada da religião enquanto fenômeno universal e trabalhar com um conceito flexível, no sentido de um esclarecimento rudimentar aberto para concretizações em casos específicos.

(...)

No caso da “religião”, é necessário verificar quais aspectos específicos da realidade social uma comunidade linguística tem em mente ao usar a palavra “religião” ou – no caso de povos extraeuropeus – um termo equivalente.

Pesquisadores que concordam com essa diretriz abandonam uma definição de religião em si” e esclarecem como entendem a expressão religião e a aplicam em sua obra (Usarski, 2022, p. 781).

De acordo com esse entendimento, Usarski (2022) explica que uma das definições de religião mais citadas é a de autoria do antropólogo Clifford Geertz:

A definição de Geertz é composta de cinco aspectos e afirma que a religião representa “um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas” (Geertz, 1989, p 67 *apud* Usarski, 2022, p. 785).

O sucesso da definição citada é a integração de diversos tipos de operacionalização, permitindo a distinção adequada entre religião e sistemas “ideológicos” seculares sem se fechar demais, além de ser compatível com o princípio da Ciência da Religião de evitar conceitos conotados por referências religiosas específicas. Concluindo:

Religiões não se apresentam como “especulações”, mas como “verdades”. Suas doutrinas dizem respeito a fatos, mesmo que eles não possam ser verificados em sentido empírico. A certeza de que se trata de “realidades” sustenta o compromisso do fiel com sua crença e lhe dá confiança de que sua orientação segundo certas regras éticas não é em vão (Usarski, 2022, p. 785).

Seguindo os parâmetros citados, Zangari e Machado (2022), utilizam o termo *religião* principalmente, mas não exclusivamente, no sentido mais antropológico do que teológico. Sem afastar os elementos que integram a religião, em termos substantivos e funcionais, consideram a definição de quem vive a religião mais do que de quem faz teorias a respeito dela, sem ater-se a uma instituição religiosa específica, privilegiando mais o aspecto linguístico e social da religião, nos seguintes termos

O termo religião é compreendido como um modo, via ou “código” de relação que pessoas estabelecem com algo que consideram sobrenatural, ou seja, algo a que atribuem qualidades, características e propriedades diferentes e superiores às suas, como deuses, demônios, espíritos de mortos, anjos e outras forças ou entidades espirituais. A relação entre seres humanos e essas entidades ocorre de acordo com conceitos (doutrinas ou sistemas religiosos de crenças) e por meio de práticas (rituais). (Zangari e Machado, 2022, p. 16)

Zangari e Machado atualizam e ampliam o olhar de William James (1842- 1910), um dos mais importantes estudiosos das experiências religiosas, que não se interessava nem por doutrinas, nem por dogmas, mas pela própria vivência religiosa, identificando nela as mesmas emoções encontradas em outras experiências, pautadas por fatores culturais e profundamente vinculadas ao funcionamento da mente humana. Essas vivências quando interpretadas através de crenças e práticas de uma religião podem, por isso, ser denominadas de experiências religiosas (Maraldi, 2022, p. 383).

William James considerou a Experiência Religiosa como a essência da religião, que não se resumiria a uma crença na experiência alheia, mas a um conjunto de “sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino” (James, 2017, p. 41).

Embora a reflexão proposta por James seja entendida como um fenômeno individual e subjetivo, independente de instituições ou dogmas, pode ser considerada como origem de uma dimensão coletiva da fé, ao ser compartilhada e identificada em outras pessoas com experiências semelhantes.

Isso porque, uma experiência é considerada religiosa se estiver de acordo com um determinado referencial ou contexto religioso, que define o que está ou não dentro dessa dimensão. Assim, é necessário considerar tanto a natureza individual quanto a social do que pode ou não ser considerado como uma experiência religiosa, uma vez que a mesma experiência poderá ser interpretada como religiosa por uma pessoa, mas como anômala ou até corriqueira e sem importância para outra (Zangari e Machado, 2022 p. 46).

Nesse momento verifica-se o indispensável aspecto psicossocial da experiência: o fato de que elas resultam da adoção de crenças de um determinado grupo unido por um sistema de compreensão religiosa do mundo, demonstrando que crença e experiência são fenômenos interligados:

Enfatizamos que é imprescindível considerar tanto o aspecto individual quanto o social das experiências religiosas. Há algo que efetivamente ocorre dentro dos indivíduos. Mas esse algo é reconhecido por ele a partir de referências advindas de seu meio social, de sua cultura.

Se o que uma pessoa expressa (narra) de sua vivência é reconhecido como pertencente à dimensão religiosa, eis que a experiência se torna religiosa e pode ser, então, compartilhada com os membros de seu grupo. Portanto, a narrativa tem duplo papel: ao mesmo tempo em que ela é permeada de referências oferecidas pelo grupo, também permite que a experiência que é vivenciada de forma muito individual se torne social. Na verdade, “individual” e “social” se constituem mutuamente. (Zangari e Machado, 2022, p. 50)

A dificuldade se encontra na classificação das experiências religiosas em um determinado grupo ou, ainda, na identificação dos elementos necessários para caracterizá-las como tal. Isso porque, a base das experiências religiosas está na interpretação de alguém sobre um acontecimento subjetivo, atribuindo ao mesmo a conotação religiosa. Um mesmo fato pode ser tido como religioso para uma pessoa (um sinal de Deus, uma ajuda de um Orixá ou de um espírito desencarnado), anômalo para outra (sem explicação científica ou lógica) ou sem qualquer importância para uma terceira pessoa.

Por essa razão, as experiências religiosas e as experiências anômalas parecem conter um elemento comum: são experiências contraintuitivas, que contrariam a expectativa, como explicam Zangari e Machado (2022):

A contraintuição nos surpreende e faz suspender nossa possibilidade de encontrar explicações para um evento. Diante desse impasse cognitivo, somos rapidamente levados a explicar algo como se esse algo tivesse uma natureza para além do que consideramos normal e, então, a experiência é compreendida como algo da ordem do sobrenatural ou paranormal. (Zangari e Machado, 2022, p. 46)

Considerando que a natureza das interpretações religiosas permite que toda e qualquer experiência seja compreendida de modo amplo e que apenas a religião tem condições de responder a certos questionamentos humanos, é natural que atribua sentido e acalme as angústias surgidas diante de mistérios como a morte, a razão de nossa existência e a possibilidade de uma realidade transcendente. (Zangari e Machado, 2022).

Estudos indicam que a maioria das pessoas que vivenciam experiências anômalas tende a interpretá-las com base em explicações de cunho religioso, as quais, por sua vez, também podem ser consideradas como causadoras de ideias religiosas:

Os dados apontam de modo significativo a influência das experiências psi nas crenças e atitudes dos EXPs²⁸, especialmente daqueles que atribuem suas experiências psi a agentes sobrenaturais ou religiosos, como Deus, Espírito Santo, Anjo da Guarda, espíritos desencarnados, seres elementais ou demônio. Dentre os EXPs (N = 253), 20,15% disseram ter passado a acreditar mais em Deus por causa de suas experiências psi. E 2 dos NEXPs também passaram a acreditar mais em

²⁸ A sigla “EXPs” significa “experienciadores de psi” e refere-se a pessoas que relatam ter vivenciado fenômenos ditos paranormais ou anômalos, ou seja, experiências que envolvem processos não explicáveis pelas leis físicas e psicológicas conhecidas — tradicionalmente estudados dentro da parapsicologia ou da psicologia anomalística (Termo trabalhado por Machado, 2010).

Deus porque tomaram conhecimento de experiências psi de outras pessoas (uma precognição, por exemplo) que os envolvia.

Há EXPs que dizem ter mudado de religião ou que não tinham religião e adotaram uma por causa de suas experiências psi. Dentre os que especificaram a mudança ocorrida, verifica-se que dentre os 15 EXPs que disseram ter mudado de religião, 5 tornaram-se espíritas, e dentre os 6 respondentes que disseram não ter religião e, por causa de suas experiências psi adotaram uma, 1 tornou-se espírita e 1 diz ser simpatizante da Umbanda. Este dado é muito interessante porque as religiões mediúnicas como o espiritismo e a Umbanda são sistemas de crença que acolhem as experiências anômalas extra-sensório-motoras, oferecendo explicações acessíveis e reconfortantes para os experienciadores acerca de suas vivências psi. Há, nessas religiões, uma exaltação daqueles que manifestam “habilidades mediúnicas”, ao contrário de outras religiões, como a católica. Talvez por isso 33 respondentes que indicaram pertencer ou compartilhar de uma mistura de crenças e posturas religiosas (Machado, 2010).

Outro resultado das pesquisas demonstra que essas experiências podem afetar atitudes, crenças e tomadas de decisão de seus experienciadores. Essa influência está significativamente relacionada à atribuição de causalidade feita às experiências, sendo essas atribuições coerentes com a crença, adesão ou postura religiosa daqueles que passam por esses episódios (Machado *et. all.*, 2016).

As atividades praticadas por José Arigó, mesmo mantendo elementos de sua crença no catolicismo, possuem nítida característica de experiência anômala: fogem à compreensão do paradigma científico vigente e desafiam os limites explicativos da ciência, inobservância das regras e ritos religiosos, atuação com total independência e segundo entendimento próprio.

A população, por sua vez, interpreta esse fenômeno de acordo com as crenças, significados, símbolos e linguagem que compreendem e dividem, baseada em aspectos psicossociais envolvendo ensinamentos, narrativas e doutrinas. Tratando-se de uma comunidade extremamente religiosa e sob forte domínio do catolicismo, irá classificar essa experiência como sendo religiosa. Dessa forma, estará definido aquilo que não entende, passando a ter sentido de acordo com a realidade em que se vive, uma vez que, ao nomear suas vivências, o sujeito constrói seu eu, edificando sua existência a partir de uma narrativa que relata qual os significados e sentidos atribuídos às suas experiências enquanto ser humano (Domingues *et. all.*, 2020).

Assim, é possível afirmar que as experiências anômalas tendem a estimular a busca por interpretações de cunho religioso e, dessa forma, podem vir a ser compreendidas como experiências religiosas. Essas experiências, por sua vez, também podem ser consideradas como causadoras de ideias religiosas (Zangari e Machado, 2022).

Ainda há estudos envolvendo saúde mental e religião, correlações positivas entre a vivência religiosa pessoal e o processo de enfrentamento perante o adoecimento, além do bem-estar psicológico do indivíduo. Através de uma revisão abrangendo estudos sobre essa relação, foram identificados 850 artigos publicados ao longo do século XX, concluindo-se que há evidência suficiente disponível para se afirmar que o envolvimento religioso habitualmente está associado a melhor saúde mental:

A ampla maioria dos estudos de boa qualidade encontrou que maiores níveis de envolvimento religioso estão associados positivamente a indicadores de bem-estar psicológico (satisfação com a vida, felicidade, afeto positivo e moral mais elevado) e a menos depressão, pensamentos e comportamentos suicidas, uso/abuso de álcool/drogas. Habitualmente, o impacto positivo do envolvimento religioso na saúde mental é mais intenso entre pessoas sob estresse (idosos, e aqueles com deficiências e doenças clínicas) (De Almeida, Lotufo Neto e Koenig, 2006).

A resposta para o fato de a religiosidade impactar positivamente a saúde mental pode estar em comportamentos e hábitos saudáveis, apoio social, sistema de crenças, práticas religiosas, idioma para expressar o estresse e ajuda espiritual. Da mesma forma, esses fatores também contribuem positivamente no impacto da religiosidade na saúde física (Zangari e Machado, 2022).

Mas a busca por tratamentos espirituais de cura não se limita a questões físicas e verificáveis, envolvendo outras questões emocionais, estruturais e culturais.

Como mencionado no item 3.1, existe no Brasil uma sistemática de cura tipicamente paranormal, a qual inclui desde a simples benzedura do quebranto ou mau-olhado até as intervenções cirúrgicas a distância (Pires, 2008). Essas práticas terapêuticas de cura populares, também denominadas como alternativas, espirituais, religiosas, culturais, simbólicas, subjetivas, ainda persistem, sem se converterem à clínica moderna. O Brasil é um país onde a relação religiosidade/espiritualidade tem papel primordial na compreensão e enfrentamento de questões relacionadas à saúde e à doença (Valente et. all., 2019),

A chegada do espiritismo endossou a ideia da existência de um ethos nacional, em que a identidade de ser espírita não está, necessariamente, na esteira da religião, mas, está mais próxima dos simbolismos e das compreensões místicas, dos ritos, das cosmologias (Dias, 2021). Desde então, o espiritismo se voltou para a prática terapêutica, fator que contribuiu para a propagação da religião, uma vez que a busca de cura atraiu e continua atraindo indivíduos de todos os estratos sociais. Pesquisas apontam os problemas de saúde

como a primeira causa de busca por centros espíritas, no anseio de alívio para as dores corpóreas e morais nos chamados tratamentos espirituais (Ferreira, 2020).

Entre as “modalidades terapêuticas” espirituais que predominam, inclusive orientadas pelas federativas espíritas aos centros filiados, são os passes²⁹ e a água magnetizada³⁰, sendo um dos mais interessantes e controversos tipos de tratamento espiritual o da cirurgia espiritual, praticada por José Arigó.

Nesse contexto, o fenômeno José Arigó foi aceita com naturalidade pela comunidade, no qual a cura espiritual se reflete em um processo psicossocial, em que o indivíduo é atingido não apenas interiormente e enquanto experiência individual, mas também, em seu meio social de acolhimento, fé e pertencimento. É o resultado da adoção de crenças de um determinado grupo unido por um sistema de compreensão religiosa do mundo.

A experiência religiosa é a vivência direta, individual ou coletiva, do objeto da crença religiosa. Alguns exemplos incluem visões da Virgem Maria no catolicismo popular, experiências de dons do Espírito Santo em contextos carismáticos e evangélicos, experiências de mediunidade como o Espiritismo e a Umbanda e toda uma série de experiências místicas narradas por diferentes tradições religiosas e espirituais (Maraldi, 2022, p. 383).

Ao exercer a sua mediunidade basicamente de forma católica, utilizando a simbologia e princípios do catolicismo, Arigó se torna a personificação da crença na intercessão de santos para obtenção de milagres de cura. Passa a ser visto como um intermediário entre a sociedade e um ser/entidade superior, no caso Jesus (Arigó afirma que quem cura é Jesus). Consequentemente, a crença, a fé nos santos, em Jesus, ajudam a alcançar a graça, o milagre da cura, no qual Arigó seria o intermediário desse processo.

A simplicidade e disponibilidade de Arigó possibilitam o contato direto do “paciente” ou “crente” com o sagrado, o qual passa a ser próximo, acessível. Da mesma forma, Dr. Fritz, a entidade recebida por Arigó, que antes do início das cirurgias espirituais de cura, “conversa” com os presentes aconselhando sobre comportamentos,

²⁹ Conhecido como passe espírita ou fluidoterapia, é uma transfusão de certa quantidade de energias fluídicas vitais (psíquicas) ou espirituais, realizada através da imposição ou movimentação das mãos (Ferreira, 2020).

³⁰ A água fluidificada é acrescida dos chamados fluidos curadores. Entende-se a água aquela em que componentes medicamentosos espirituais e magnéticos são adicionados água pode ser magnetizada tanto pelos “fluidos espirituais” quanto pelas pessoas que manipula, assim como ocorre com os passes, sendo necessário, para isso, da parte do indivíduo que irá realizar a fluidificação, a realização de preces e a imposição das mãos, a fim de direcionar ao recipiente em que se encontrar a água (Melo, 1992 *apud* Ferreira, 2020).

posturas de vida e até durante os procedimentos que está realizando, “mostra” o que está fazendo.

Arigó não foi uma pessoa culta ou que detinha algum conhecimento especializado sobre medicina, espiritismo ou dogmas e conceitos religiosos: ele teria sido aos olhos da comunidade uma pessoa igual a todas as outras. Em seus atendimentos não há palestras ou ensinamentos sobre espiritismo ou qualquer outra doutrina. Na visão daquele que procura esse tipo de terapia/tratamento, não se trata de racionalizar ou compreender o fenômeno, mas sim, vivenciar o fenômeno da fé, da crença materializada à sua frente, com a qual pode se relacionar e receber a resposta, onde apenas o emocional se expressa.

É a relação cotidiana e simples com o sobrenatural, tal como encontrado na súplica ou no louvor da gratidão, e nas várias ações rituais que colocam a pessoa em contato com o sobrenatural (Paiva, 2022, p. 767). Arigó atendia pessoas de todos os níveis socioeconômicos, sem distinção, mas que, enquanto aguardavam o atendimento, estavam unidos por um único objetivo: obter a cura para os seus males através de tratamento espiritual, independentemente da religião ou ausência de religião de cada um, conforme o jornalista Roberto Freire relata em uma reportagem após presenciar os atendimentos e entrevistar Arigó e ver Dr. Fritz em suas atividades:

Estamos sentados em toscos bancos de madeira. A grande sala é pequena para nós, somos cerca de quinhentos homens, mulheres, crianças, brancos, negros, amarelos, de todo o Brasil. Há alguns uruguaios, argentinos também. Em silêncio, todos parecem olhar para dentro de si mesmos, onde veem a mesma coisa: dor, doença, medo. Muitos vieram de longe, a pé, de ônibus, trem, caminhão, perseguindo a última esperança, a do milagre. Pode-se ver em seus olhos que estão rezando.

(...)

Estamos todos na sala de espera do Centro Espírita Jesus de Nazareno, na cidade mineira de Congonhas do Campo. Aguardamos a chegada de um homem que há 18 anos realiza curas fantásticas, através de receitas e cirurgias inexplicáveis, sem jamais ter estudado medicina (Freire, 1967).

Pode, assim, ser afirmado que as atividades de cura e cirurgias espirituais praticadas por Arigó representam a tradição no trato da população com o sobrenatural no dia a dia, como uma medida terapêutica de cura, entre tantas outras conhecidas. Da mesma forma, representam o prosseguimento e perpetuação da crença nas práticas religiosas de cura, diante dos inúmeros relatos, verdadeiros testemunhos, daqueles que se submeteram a cirurgias ou outros procedimentos de cura praticados por Arigó, afirmando terem obtido sucesso, conforme apresentados no Capítulo 1.

A perpetuação dessa crença se reflete na ampliação do fenômeno das cirurgias espirituais nas décadas seguintes, após a morte de Arigó, não apenas com o surgimento de vários outros médiuns de cura, afirmando realizar intervenções espirituais sob o comando do Dr. Fritz, como também, com a criação de centros e instituições espiritualistas que passaram a adotar linguagens, vestimentas e estruturas inspiradas no modelo hospitalar, evidenciando um processo de especialização simbólica dessa prática.

3.3 O papel do carisma e da eficácia simbólica na legitimidade da atuação de José Arigó

Tanto a magia, como a religião, são construções sociais, que refletem o olhar do ser humano sobre a realidade, através das quais pode ser descoberto o que dizem sobre o mundo, a origem das categorias utilizadas para tanto e sua eficácia, sem a qual seria forçoso presumir o seu desaparecimento, considerando os avanços tecnológico da sociedade atual. A decantada distinção é fruto da teologia cristã, refletindo tão somente a disputa do campo religioso frente aos povos até então desconhecidos e que representavam uma ameaça a sua hegemonia e poder.

Por fazerem parte do mesmo universo simbólico, não há razão para que se faça tal separação e, sim, perceber a magia como algo intrínseco ao ser humano: a magia é simbólica e o ser humano é um ser simbólico.

Na busca do entendimento do que a magia diz sobre o mundo e de onde vem as categorias utilizadas, momento em que “a magia passa a ser compreendida como um sistema simbólico” e, conseqüentemente, uma construção coletiva, a questão a ser respondida não é “por que as pessoas creem”, mas, sim, “qual o sentido da crença” (Montero, 1990).

Diante da contingência, o ser humano busca pelo resultado prático da magia, da manipulação eficaz de forças sobrenaturais, sem a necessidade de se submeter a espera imposta pela religião e aos caprichos pessoais de suas divindades, gerando o conflito no campo religioso entre o padre/religioso e o feiticeiro. Mas, segundo Montero (1990), a crença na magia é um ato coletivo, pois o “feiticeiro” não precisa provar sua eficácia, uma vez que sua legitimidade seria reconhecida pela sociedade, utilizando-se do conceito de eficácia simbólica de Lévi-Strauss:

A eficácia simbólica é a eficácia própria das manipulações simbólicas realizadas por um sistema cultural e que produzem efeitos objetivos, ainda que utilizando apenas instrumentos simbólicos (Lévi-Strauss, 2017).

O caso José Arigó se enquadra nessa hipótese. A busca por suas cirurgias espirituais de cura traduz o desejo das pessoas de um resultado prático diante de uma doença e o reconhecimento exclusivamente emocional, de que ele seria detentor de poderes sobre-humanos e, conseqüentemente, inacessíveis a outros, sendo irrelevante a existência ou não de casos sem sucesso. Assim, o valor de suas habilidades e cirurgias aumenta diante da legitimidade socialmente atribuída a José Arigó, com a formação da relação feiticeiro/crente/sociedade.

Segundo Lévi-Strauss (2017), a percepção do mundo é sempre mediada por um complexo de atividades mentais e suas representações, de um sistema de símbolos fundamental das comunicações e trocas, onde a crença e aceitação de fenômenos extraordinários vão além da relação de confiança entre o “médium” e o paciente, geradas pela fé e expectativas do grupo, que atuam como uma espécie de campo gravitacional sobre essa relação.

Conforme exposto na seção 2.3, o aspecto da eficácia da magia sustentada pela crença coletiva de um poder mítico, ou seja, na crença no mágico de antemão, sem qualquer prova, foi desenvolvido por Lévi-Strauss em seu artigo *O feiticeiro e sua magia*. Nele, Quesalid, membro de uma tribo, torna-se um iniciado no xamanismo com a intenção de desmascará-los. No entanto, após ser iniciado, ele passa a atuar como um deles, sendo chamado pelas famílias, obtendo êxito em seus tratamentos tendo êxito.

A partir desse ponto, mesmo tendo acesso e conhecimento das simulações, mentiras e trapanças praticadas pelos xamãs, para manter a crença em seus poderes, Quesalid não está mais livre. Prossegue em sua carreira desmascarando impostores, com exceção de um único xamã, diante do qual não conseguiu determinar se era autêntico ou apenas um fingidor. Quanto a si próprio, permanece a dúvida: teria ele se tornado de fato um xamã ou apenas continuava a encenar um papel? O certo é que se orgulhava do próprio sucesso e passou a utilizar as mesmas técnicas de natureza enganosa das quais zombara no início. Como afirma Lévi-Strauss: “*Quesalid não se tornou um grande xamã porque curava seus doentes, mas curava seus doentes porque era considerado um grande xamã*”. O autor conclui, assim, que a grandeza do xamã é estabelecida pelo reconhecimento coletivo do grupo, em torno de sua figura e de seu sistema simbólico.

No artigo “A eficácia simbólica”, onde é relatado o caso de um parto complicado e a atuação do xamã através da realização de um ritual de cura, Lévi-Strauss entende que se trata da cura de distúrbios psicossomáticos fundada na capacidade do xamã de atribuir

significados às desordens fisiológicas. É a capacidade de tornar coerente as dores e sintomas que faz com que seus atos tenham resultados positivos no doente/crente.

A cura levada a efeito pelo feiticeiro se situa a meio caminho entre nossa medicina orgânica e as terapias psicológicas, a comparando à psicanálise:

A cura consistiria, portanto, em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis, pelo espírito, dores que o corpo se recusa a tolerar. O fato de a mitologia do xamã não corresponder a uma realidade objetiva não tem importância, pois que a paciente nela crê e é membro de uma sociedade que nela crê. Espíritos protetores e maléficos, monstros sobrenaturais, animais mágicos fazem parte de um sistema coerente que funda a concepção indígena do universo.

A paciente os aceita ou, mais precisamente, jamais duvidou deles. O que ela não aceita são as dores incoerentes e arbitrárias que constituem um elemento estranho a seu sistema, mas que o xamã, recorrendo ao mito, irá inserir num sistema em que tudo se encaixa. (A eficácia simbólica, Levi-Strauss, pg. 211)

Assim, a eficácia simbólica depende do fato do feiticeiro e do crente estarem inseridos em uma corrente de transmissão que permite a este último se sentir gerado, filiado em algo que o precede e que estará para além do curso da sua própria vida.

O caso José Arigó apresenta todos os elementos geradores da eficácia simbólica. Através de um processo psicossocial, em que Arigó e o crente/paciente dividem a mesma experiência religiosa no meio social de acolhimento e fé a que pertencem, aquele que busca esse tipo de terapia se sente integrado e parte do fenômeno, desde sempre, dando continuidade à tradição da crença nas práticas religiosas de cura.

Dessa forma, a adoção de crenças de um determinado grupo unido por um sistema de compreensão religiosa do mundo, pode ser entendida como um dos elementos que geram o resultado positivo das cirurgias espirituais realizadas.

Prosseguindo com a equivalência entre a cura xamânica e as terapêuticas psicológicas como a psicanálise, o feiticeiro ainda estabeleceria uma relação imediata com a consciência e mediata com o inconsciente do paciente:

Para a magia, a doença não é senão simples aparência. A doença é uma maneira que as forças espirituais têm de aparecer, de se revelar no mundo dos homens. Ela faz parte de um conjunto de problemas que têm a ver com a desorganização pessoal, familiar e social do sujeito: desempregos, conflitos familiares, crises, etc. Ao atribuir um sentido mítico às tensões cotidianas a que o indivíduo vive submetido, a ação mágica deixa de ser uma intervenção puramente técnica sobre um corpo fragmentado em partes doentes (que é a maneira como a medicina concebe o paciente). A ação mágica, embora vise ritualmente o corpo do indivíduo, se propõe, através dele, reorientar a causalidade do mundo: procura suprimir as forças maléficas – exus, pombagiras,

obsessores – verdadeiras causas das desordens que afligem a vida do paciente (Montero, 1990, p. 64).

Essa dinâmica pode ser aplicada ao caso das cirurgias espirituais para compreender a relação entre práticas de cura no campo sagrado e os processos de ressignificação corpórea dos sujeitos que vivenciaram esse fenômeno. As explicações culturais, repletas de simbolismo, parecem fornecer razões para os processos saúde-doença que encontram eco na experiência dos sujeitos, possibilitando um arcabouço interpretativo capaz de ressignificar os eventos, dando novo sentido à vida. Pode-se, assim, concluir que a eficácia da cura religiosa também está relacionada à capacidade de o curador se conectar com o universo simbólico de seu paciente:

As terapias religiosas curam ao ressignificarem e organizarem a experiência caótica do sofredor e daqueles diretamente envolvidos em sua cura ou responsáveis por ele, negociando símbolos e sistema de significados compartilhados em seus grupos de referência, seguindo a lógica do conceito de eficácia simbólica, tal como conceituado por Lévi-Strauss (1986) (Barros et. All, 2021).

A reinterpretação do conceito de doença produzida pelo pensamento e pela prática religiosa o transforma numa noção muito mais abrangente, capaz de dotar de sentido uma realidade que se apresenta para o indivíduo como desordenada e caótica:

Dentro dessa perspectiva a etiologia científica fica muito aquém das necessidades de significado dos fenômenos patológicos. O que importa para o pensamento mágico-religioso não é a compreensão do processo físico que se desenvolve num estado mórbido, nem sua causação puramente biológica. A doença se torna elemento significante somente quando associada a ideia de uma negatividade genérica, a noção de uma desordem que extrapola o corpo individual ao abranger as relações sociais e a própria organização do mundo sobrenatural
(...)

Suprimir a morbidez não significa, pois, eliminar "tecnicamente" um sintoma, mas ressignificá-lo, inserindo-o num sistema explicativo mais abrangente. Assim, não é *onde* essa negatividade se manifesta, isto é, no corpo concreto de um indivíduo, que o pensamento religioso vai procurar os princípios explicativos dos fenômenos mórbidos (Montero, 1985).

Nesse contexto, o carisma é uma qualidade percebida no xamã, no líder espiritual ou na figura ritualística que realiza o rito. Ele não está na pessoa em si, mas na maneira como ela é percebida dentro de um sistema simbólico. É essa percepção de autoridade simbólica que torna o ritual eficaz: “O feiticeiro cura porque nele se crê.” (Lévi-Strauss, 2017)

O paciente é curado porque acredita-se que o xamã tem carisma — isto é, um poder especial, reconhecido e compartilhado socialmente. A eficácia simbólica só funciona diante da presença do carisma reconhecido no agente do ritual, capaz de produzir

efeitos reais no mundo social. O carisma, em Lévi-Strauss, é funcional, uma posição simbólica em um sistema de crenças, é estrutural e conservador — reforça a ordem simbólica da cultura.

José Arigó apresenta esse carisma e poder social, reconhecido e legitimado pelo grupo social. Sua relação com os crentes ultrapassava a barreira da posição social, pois era procurado não apenas pelas camadas populares que não possuíam condições financeiras de se socorrerem a medicina tradicional, como também por artistas renomados e políticos, representando um universo de conhecimento alternativo ao saber médico para todos, sem distinção.

Era visto como um “escolhido”, dotado de qualidades e dons espirituais excepcionais, mesmo sem qualquer formação acadêmica: o carisma convence, mobiliza e dá sentido, não por lógica, mas por fé, emoção e reconhecimento coletivo.

O fenômeno José Arigó atingiu um ponto em que o capital simbólico que detinha o equiparava ao sacerdote e ao profeta, em razão de sua “autoridade espiritual”, gerada pela confiança que a comunidade depositava nele. Essa situação gerou disputas de poder não apenas no campo religioso, embora o principal, mas também no campo da medicina e, até, no campo jurídico, cuja ordem estava ameaçada pelo alcance e anunciados resultados das atividades de Arigó, assim como a força e poder até então exercidos sem questionamentos, conforme detalhes e desfechos descritos no Capítulo 1.

A atribuição a José Arigó de tal poder se refletia no resultado positivo das cirurgias espirituais realizadas, sem que o médium se preocupasse ou se interessasse em estabelecer uma estrutura para o desenvolvimento de suas atividades ou fixar hierarquia entre aqueles com que se relacionavam ou se disponibilizavam a ajudar nos atendimentos. Por essa razão, suas atividades se extinguíram com sua morte, sem deixar um sucessor ou uma doutrina a ser seguida.

Mas sua influência enquanto elemento de perpetuação das crenças nas práticas religiosas de cura, especialmente quanto as experiências anômalas de cirurgia espiritual, prossegue até os dias atuais, onde vemos a crença na magia acompanhar o crescimento industrial das cidades e se difundir na mesma proporção (Montero, 1990) e as cirurgias espirituais serem especializadas em locais que replicam verdadeiros hospitais e centros cirúrgicos.

Ressalta-se, por final, que a atribuição ao rito mágico de um sentido puramente simbólico poderia gerar o questionamento quanto a sua capacidade de intervir na ordem do mundo e, até, em relação aos seus efeitos práticos, uma vez que o rito é procurado com

a expectativa de ser obtido um resultado prático e a solução para um problema, de ordem física, espiritual ou emocional. E caso os fracassos em tais empreendimento fossem constantes, a consequência seria a sua gradativa extinção, o que não ocorre.

Diante dos pontos tratados, é possível concluir que a capacidade de intervenção no mundo, pressuposto para eventual discussão sobre a existência ou não dos fenômenos extraordinários, torna-se irrelevante diante da força e união do grupo que já a torna real e geradora de efeitos.

O objetivo não é a verificação se algo é cientificamente verdadeiro, mas sim, se é reconhecido como verdadeiro dentro de um sistema de crença, sem prejuízo da realização de estudos sobre os demais elementos que influenciam, direta ou indiretamente, esse fenômeno, contribuindo para uma compreensão alargada das experiências religiosas e da crença em fenômenos extraordinários de cura.

3.4 Rituais e performance na atividade de José Arigó

A eficácia simbólica não se limita a confiança entre o crente e o xamã/médium geradas pela fé e expectativas do grupo, à capacidade de o curador se conectar com o universo simbólico de seu paciente e aos processos de ressignificação corpórea dos sujeitos que vivenciaram esse fenômeno. Embora essenciais, a eficácia desses elementos se opera através do ritual realizado pelo xamã, pela mobilização de símbolos nas sequências dos atos rituais, envolvendo menos a significação e mais a adesão, permitindo, tanto nas finalidades da vida associada quanto na necessidade geralmente humana, de conjugar afecção e pensamento (Machado e Bassi, 2013).

Ao descrever o ritual dos Cuna, Lévi-Strauss demonstra a importância da compreensão da estrutura ritual, para apreender os pontos-chaves do conceito de eficácia simbólica:

O canto se inicia após uma sequência de acontecimentos: a visita ao xamã, a partida deste para a da partuniense, sua chegada, seus preparativos (fumigações de favas chola de cacau queimadas e invocações, limpeza das vestimentas com a intenção de fortalecer o xamã para a futura batalha), confecção de imagens sagradas (nuchu), essas imagens esculpidas representam os espíritos protetores que o xamã faz de seus assistentes, e dos quais toma a direção para conduzi-los a morada de Muu, potência responsável pela formação do feto (Guimarães, 2012).

No ritual descrito, há uma organização narrativa simbólica coerente que prepara o campo da ação espiritual; os elementos materiais (fumigações, vestimentas, imagens) funcionam como suportes da significação, através do cheiro da fumaça, dos trajes limpos;

e a atuação do xamã, como condutor simbólico, o mediador entre os mundos, estrutura o espaço e o tempo da cura. O canto, que só se inicia após a sequência do preparo como uma espécie de clímax ritual, consiste na palavra ritualizada que nomeia, ordena e transforma a realidade simbólica. A crença compartilhada pelos participantes confere ao ritual sua força, permitindo que a transformação subjetiva ocorra, mesmo que seus mecanismos operem no plano simbólico.

Assim, a crença na transformação do mundo proposta pelo xamã Cuna refere-se ao poder que seu ato linguístico possui de gerar efeitos, do resultado de um processo interativo centrado no destinatário/crente/doente, através do ritual realizado:

Diz também respeito à construção daquele contexto especial que costumamos chamar de ritual, cuja eficácia operativa repousa em transformações que, antes de depender de uma função simbólica universal estruturada nas leis do inconsciente, depende de atuações linguísticas e gestuais particulares. Pode-se afirmar, assim, que a eficácia simbólica não se liga automaticamente à recepção de representações coletivas ou símbolos em contextos neutros, pois as representações podem ser transmitidas somente quando os enunciados são bem feitos, isto é, quando as condições da prática ritual são respeitadas, quando ela tem efeitos sobre o destinatário (Machado e Bassi, 2013).

As noções como experiência, sentimentos, transformação, força indutora, permitem o enfoque performático do ritual e a relação entre cura, ritual e performance.

De acordo com Peirano (2006), o ritual deixa de ser simplesmente um objeto de observação (empírico) para tornar-se uma abordagem teórica. O ponto principal é o que o ritual faz e não o que o ritual é, como atua na realidade social. Em muitas etnografias clássicas, rituais contêm elementos de espetáculo: cenário, atores, público, performance como visualização simbólica de poder, prestígio, identidade. O ritual e a performance privilegiam o fazer e o agir, reforçam o contexto, admitem o imponderável e a mudança, tendo em comum a representação, visibilidade, mobilização social (Peirano, 2006).

Tendo a noção de eficácia simbólica, por base, a capacidade de envolvimento de indivíduos e grupos de uma forma totalizante através do ritual, cuja função é reavivar crenças e perpetuá-las (Guimarães, 2012), a atuação de José Arigó, antes e durante a prática das cirurgias espirituais, pode ser comparada a um ritual, a uma performance.

Todos os dias, ao chegar no local de atendimento, Arigó fazia uma pequena prédica evangélica, critica o tabagismo e alcoolismo, proíbe a entrada de pessoas que haviam ingerido bebidas alcóolicas, mandando que voltassem outro dia, sóbrios. Depois, todos se erguem, rezam a oração do Pai Nosso. Ao final, Arigó entra em uma sala, onde se fecha por dentro para, em seguida, abrir a porta bruscamente, com a cabeça empinada,

olhar mais duro, “incorporado” pelo Dr. Fritz, falando em tom enérgico, anuncia com sotaque alemão que o atendimento irá começar (Freire, 1967).

Denota-se que havia um procedimento básico e rotineiro nas atividades de Arigó, que pode ser equiparado a um ritual, em que o campo da ação espiritual é preparado, com a atenção de todos voltada para o momento em que os atendimentos seriam iniciados. A prece gera um ambiente de concentração e espera, a prédica induz a reflexão dos próprios comportamentos, trabalhando categorias e valores. O ápice da performance é a retirada de Arigó (se fecha em uma sala) e a entrada do Dr. Fritz: autoritário, enérgico, “organizando”, falando com um sotaque alemão, impondo sua presença em todo o ambiente.

O ritual, como evento performático, dramatiza e produz nos indivíduos uma experiência corporificada e afetiva:

O conceito de performance reintroduz questões como ação, criatividade, expressão poética, que nas formulações iniciais do conceito de eficácia simbólica apareciam de forma tangencial e secundária, colocando-os no centro da reflexão. O ritual deixa de ser definido pelas regras e pelo seu ordenamento formal, mas como um evento pleno de ação, em que imaginação e criatividade, além de expressão poética, emergem como aspectos centrais. Sem abandonar o conceito de eficácia simbólica em sua totalidade, mas colocando-se em uma posição de crítica aos princípios de sua formulação, à analogia com a psicanálise e ao peso dado aos aspectos verbais e estruturais do ritual, a perspectiva da performance pensa o ritual como evento performático que dramatiza e produz nos sujeitos uma experiência corporificada e afetiva (Maluf, 2013).

O canto (ou a prece várias vezes repetida), um dos elementos que compõe o ritual de cura, consegue reviver a experiência vivida, causadora do mal, “produzindo uma oscilação cada vez mais rápida entre os temas míticos e os temas fisiológicos, como se se tratasse de abolir, no espírito da doente, a distinção que os separa, e de tornar impossível a diferenciação de seus respectivos atributos” (Lévi-Strauss, 2017).

Entretanto, o poder de “fazer coisas” com palavras não está nas próprias palavras, mas no contexto situacional em que elas são proferidas. O poder das palavras é um poder delegado pelo porta-voz que as enuncia – xamã/médium/profeta – em uma situação performática que cumpre as condições adequadas de realização. A crença compartilhada, a autoridade do xamã e as palavras proferidas por este provocam o “progresso real da dilatação” (Lévi-Strauss, 2017), ou seja, o organismo responde aos efeitos do ritual realizado e o parto é realizado, conforme descrito no artigo Eficácia Simbólica (Bonet, 2013).

José Arigó detinha o poder das palavras, era o mediador entre os dois mundos, com autoridade outorgada pela comunidade. As atividades e cirurgias espirituais praticadas pelo médium caracterizavam verdadeira performance, não apenas na “abertura” dos atendimentos, conforme anteriormente retratado, mas persistindo durante todo o atendimento, até o último paciente. Consistiam em eventos plenos de ação, em que imaginação e criatividade, além de expressão poética, emergem como aspectos centrais.

Todos os procedimentos realizados por Arigó, incorporado pelo “espírito” do Dr. Fritz, continham gestos dramáticos. Trabalhava em mangas de camisa, sempre em plena luz, operando em público e em qualquer lugar demonstrando abertamente o que estava fazendo, chamando os médicos presentes para assistirem de perto as cirurgias sendo realizadas.

Utilizava canivetes, facas, tesouras, bisturis e qualquer outro instrumento que estivesse próximo ou com os “pacientes”, sem assepsia ou anestesia. A hemorragia era controlada verbalmente, mediante a ordem “Jesus não quer que sangue”. Em meio a uma operação, deixava os instrumentos na ferida (como facas penduradas nos olhos, às vezes duas no mesmo olho), vangloriando-se em estranho exibicionismo (Pires, 2008).

A rotina dos atendimentos de Arigó eram verdadeiros eventos nos quais a postura do Dr. Fritz parecia ser de vaidade e desafiadora, fazendo questão de mostrar seus dons e capacidade. É possível entender essa rotina como um ritual performático, mediante o qual a crença no poder espiritual é reforçada e o ambiente simbólico necessário instalado, para que a cura “funcione”.

O rito religioso vive em um *habitat* comunitário. Mesmo quando certas práticas se apresentam como gestos individuais, inserem o crente em uma comunhão com outros crentes. No caso de Arigó, a comunidade participa de sua rotina diária, verdadeiro ritual, acompanha todos os atos dos procedimentos realizados, a autoridade e rigidez do Dr. Fritz inspira segurança e certeza do que está sendo feito, não há lugar para dúvidas, harmonizando-se em perfeita integração médium/crentes. A encenação simbólica produz efeitos reais: redução da dor, fé renovada, curas físicas relatadas, gerada pela reiteração do rito:

Quando uma ação é repetida e invariavelmente repetida, a sua estilização assume um significado simbólico de confirmação de um mundo, na medida em que não pode possuir apenas uma simples função instrumental e o seu valor deve inscrever-se no âmbito da expressividade pura (Terrim, 1999, p. 160-161 *apud* Teixeira et. All., 2022). O rito é a continuação do evento no mundo, como recepção e

reproposta do homem, através do seu corpo (Terrim, 1999, p. 162 *apud* Teixeira et. All., 2022).

O rito é lido como uma operação simbólica que pode se apropriar de qualquer realidade. Nesse ponto, é preciso ressaltar a importância dos atores do ritual, não apenas por serem os seus praticantes, mas porque introduzem variações, organizam cenários e propõem delimitações semânticas.

A presença da performance ritual no caso José Arigó, não reduz suas atividades de cura a um mero espetáculo ou a uma cenografia. A contrário, dissolve toda e qualquer barreira entre o médium e o crente, criando uma unidade de confiança e exercendo papel essencial na mediação com o divino, reforçando a coesão simbólica do grupo social, conforme esclarece Teixeira, Duque e Rodrigues (2022):

É certo que muitas das criações atuais no domínio das artes performativas procuram ultrapassar a fronteira que separa cena e espectador. No entanto, podemos continuar a afirmar que encontramos aí uma diferença significativa. Na sua textura própria, o rito religioso não permite que os praticantes se tornem expectadores, exige que eles se impliquem numa comunidade crente.

(...)

A atividade ritual distingue-se de outras formas de ação que descrevem o nosso quotidiano. Ela não tem uma finalidade produtiva nem é uma forma de lazer. Tendo uma dimensão plástica, coreográfica, cênica, não equivale, como vimos, ao espetáculo – dissolve a linha que separa cena do espectador.

A performance é o elemento que vai além da eficácia simbólica, onde José Arigó era a visualização simbólica de poder, prestígio, identidade, intermediário com o sagrado. Conforme Peirano (2006), o ritual e a performance privilegiam o fazer e o agir, reforçam o contexto, admitem o imponderável e a mudança, tendo em comum a representação, visibilidade, mobilização social. Toda a atividade de Arigó e do Dr. Fritz integrava a comunidade, era recebida e aceita com naturalidade, fazia parte da cultura, gerando o envolvimento do grupo, reavivando crenças e perpetuando-as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do caso de José Arigó, figura controversa em razão de suas atividades de cura espiritual, especialmente, cirurgias espirituais, permite a reflexão sobre os mecanismos que sustentam e perpetuam a crença em práticas religiosas de cura no Brasil, cabendo algumas considerações sobre as hipóteses que nortearam a presente pesquisa.

Foi possível observar que a atribuição de poderes e fenômenos extraordinários a deuses, líderes religiosos ou médiuns curadores está vinculada a necessidade de controle diante das contingências da vida, especialmente no caso de doenças físicas, primeira hipótese desta pesquisa.

O ser humano busca pelo resultado prático da magia, da manipulação eficaz de forças sobrenaturais, sem a necessidade de se submeter a espera imposta pela religião e aos caprichos pessoais de suas divindades (Montero, 1990). Faz parte desse comportamento, o catolicismo popular presente no Brasil, mediante o qual a comunidade convive naturalmente com o sagrado, o sobrenatural, e o extraordinário se torna crível dentro de um sistema de crenças já existente. Nesse contexto, as atividades praticadas por José Arigó e do espírito do Dr. Fritz, ganham legitimidade por meio de um processo psicossocial de construção da autoridade espiritual.

Arigó era detentor de carisma, gerando confiança e esperança daqueles que o procuram buscando terapias espirituais de cura. Não havia distanciamento ou separação entre o médium e a comunidade: Arigó era próximo, acessível, era o “milagre” personalizado, destacando-se na articulação entre espiritualidade popular, medicina alternativa e religiosidade carismática. Era a esperança no enfrentamento da contingência, quer enquanto terapia complementar, quer como último recurso.

Dessa forma, Arigó se transforma em um elemento gerador da perpetuação da crença nas práticas espirituais de cura, na medida em que reafirma e ressalta o contexto histórico no qual surgiu e a tradição existente, advinda do catolicismo popular. A tradição não apenas é preservada, como aponta para um novo elemento, as cirurgias espirituais, cujos relatos dão conta que teriam resultados positivos. Os testemunhos dos beneficiados com esses procedimentos geram o surgimento de novos cirurgiões espirituais, cuja eficácia aboliu as incisões e cortes nos pacientes, e de centros espirituais de cura, com o porte de instituições de saúde, com estruturas e vestimentas de seus integrantes

equiparadas a de centros médicos/hospitalares. É a especialização da terapia de cura espiritual.

A pesquisa realizada também possibilitou a verificação da segunda hipótese, em que a eficácia simbólica entre José Arigó e a população não está relacionada, direta e necessariamente, com a fé e o vínculo religioso enquanto influência na percepção e impacto psicossocial das cirurgias espirituais, mesmo em contexto religioso espírita.

Com base em autores como Lévi-Strauss, Mariza Peirano e Fátima Tavares, é possível compreender que a cura espiritual opera em um campo onde mito, linguagem e corpo se entrelaçam. Já a presença da fé pode ser considerada um dos elementos desse fenômeno, mas não essencial.

Através de estudos realizados por Alexander Moreira de Almeida (2000), foi possível verificar que os cirurgiões espíritas não são tratados no Brasil como meros “curandeiros tradicionais”. Eles são considerados como produto da modernização de nossa sociedade, frequentemente procurados por integrantes dos estratos socioeconomicamente mais elevados, consistindo em um tipo de “terapia” que não se opõe à medicina científica, mas procura funcionar de modo complementar.

Frequentemente relacionada com religião em razão da influência do catolicismo, o senso comum atribui ao espiritismo no Brasil ou às experiências anômalas, elementos como virtudes e uma feição essencialmente religiosa, com a representação do sofrimento, o sacrifício, a renúncia, nos moldes dos santos católicos (Stoll, 2003). Mas, a visão espírita é no sentido contrário, sob o entendimento que a mediunidade é uma capacidade orgânica, não vinculada à moralidade ou religiosidade (Kardec, 2013) e, consequentemente, independente do comportamento ou análises subjetivas de bondade ou maldade do médium. A prática espiritual de cura está mais próxima dos simbolismos e das compreensões místicas, dos ritos, das cosmologias, ou seja, mais íntima do pluralismo histórico-cultural-racial-religioso do Brasil (Dias, 2022).

O caso José Arigó e a eficácia de suas cirurgias espirituais podem, ainda, ser compreendidas a partir da sua capacidade de gerar a resignificação corpórea daqueles que vivenciaram a experiência, bem como, à luz do conceito da Eficácia Simbólica desenvolvido por Claude Lévi-Strauss ou de experiência anômala, conforme Zangari e Machado (2022), sendo indiferente a presença ou não do sentimento religioso.

Embora para algumas pessoas que recorrem a essas práticas para alívio do sofrimento, complementar tratamentos médicos ou como parte de um itinerário terapêutico, possa implicar em modificações significativas da crença, de identidade

religiosa ou espiritual, não gera, automaticamente, adesão/conversão ao espiritismo ou a qualquer outra religião. Pode-se, assim, concluir, que o elemento fé ou vínculo religioso não são requisitos para o estabelecimento da confiança entre o médium e a comunidade.

Por final, a análise da terceira e última hipótese, permite a adoção do entendimento que o sentimento religioso enquanto dimensão da experiência humana e o entrelaçamento dialético entre o coletivo e o individual, em que a predisposição do indivíduo/médium, hipoteticamente detentor do poder da cura espiritual, se associa a aceitação social e cultural, ajuda a compreender o fenômeno José Arigó.

A prática da cura espiritual só adquire significado social quando encontra ressonância e aceitação no imaginário cultural de seu contexto. Arigó cresce e vive em um ambiente em que a religiosidade e o sobrenatural convivem harmônica e pacificamente, no qual a busca por soluções para inúmeros problemas de saúde via sobrenatural é comum e ordinária, em um mundo cercado de benzedeiras, curandeiros, rezadores, médiuns passistas, receitistas e operadores, integrantes do sistema do catolicismo popular predominante.

As cirurgias espirituais de cura praticadas por Arigó, embora possuindo nítida característica de experiência anômala, especialmente pelo procedimento e postura do médium e do Dr. Fritz, são aceitas, absorvidas e interpretadas pela comunidade de acordo com as crenças, significados, símbolos e linguagem que compreendem e dividem, baseada em aspectos psicossociais envolvendo ensinamentos, narrativas e doutrinas. Por tratar-se de uma comunidade extremamente religiosa e sob forte influência do catolicismo, essas experiências são compreendidas como sendo religiosas. O próprio médium José Arigó sofre e age segundo influência do catolicismo, durante a prática das cirurgias espirituais.

Por outro lado, as experiências anômalas podem ser consideradas como causadoras de ideias religiosas naqueles indivíduos que não são adeptos de qualquer religião (Zangari e Machado, 2022).

Assim, a tradição e costumes do grupo social influencia o indivíduo, moldando sua identidade, valores, comportamentos e entendimentos e, da mesma forma, também é influenciado pelo próprio indivíduo, que contribui suas ações, escolhas e inovações, estabelecendo-se uma relação de transformações.

Por fim, estudos futuros podem avançar na análise das terapias de cura espiritual, em especial das cirurgias espirituais e de sua eficácia, aprofundando diferentes enfoques, inclusive aqueles relacionados à potencialidade humana e à abrangência das experiências anômalas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilauder Guimarães. *É Deus Quem Cura: Um Estudo Sobre As Curas Espirituais Na Casa Dom Inácio De Loyola*. Mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (FCS). Universidade Federal de Goiás, 2013. Disponível em <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5399>. Acesso em 28/08/2023.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. A definição fenomenológica de Eliade para o Xamanismo: alguns contrapontos oferecidos pela perspectiva culturalista e um caso ilustrativo da tradição fino-careliana dos tietäjät. *PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion*, vol. 13, n. 1, p. 268–298. 2022. Disponível em <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2156>. Acesso em 11/08/2025.

AURELIANO, Waleska de Araújo. Terapias espirituais e complementares no tratamento do câncer: a experiência de pacientes oncológicos em Florianópolis (SC). *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 21, p. 18-24, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/R8BBJhs5WbxFXvD5BzyxqzD/>. Acesso em 24/03/2024.

BARBOSA, Roberto. Canal internacional no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@robertobarbosamedium6135>. Acesso em: 09/09/2025.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T., *A construção social da realidade*, SP, Ed. Vozes, 2014.

BERGER, P. L., *O Dossel Sagrado*, SP, Ed. Paulinas, 1985.

BERGER, P. L., A dessecularização do mundo: uma visão global. *Revista Religião & Sociedade*, RJ, v. 21, n. 1, p. 9-23, abril 2001. Disponível em <https://religicaoesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N21.01-2001.pdf>. Acesso em 12/07/2025.

BONET, Octávio, “Do que estamos falando? Eficácia simbólica, metáforas e o ‘espaço entre’”, *Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Fátima Tavares e Francesca Bassi (Orgs.), Salvador, BA, EDUFBA, 2013

BOZZANO, Ernesto. *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali*, Verona, Ed. Europa, 1946. Prima edizione digitale 2016 a cura di David De Angelis.

BRAGA, Élcio: “Médium procura espaço para reabrir Galpão do Dr. Fritz”. *Jornal O Globo Rio*, 28/03/2016. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/medium-procura-espaço-para-reabrir-galpao-do-dr-fritz-18965514>. Acesso em 08/09/2025.

BRITO, Enio José Da Costa, “Os mortos vivos, uma leitura teológica”, *Reflexões sobre a morte no Brasil*. Marcos F. De Oliveira e Marcos H. P. C (Orgs.), SP, Ed. Paulus, 2005.

BRITO, Enio José Da Costa e VERDUGO, Marcos Vinicius de Souza: Religiosidade Popular. In USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, SP, Ed. Paulinas-Loyola-Paulus, 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE CONGONHAS, MG, <https://www.congonhas.mg.leg.br/congonhas/ze-arigo>, 15/03/2018. Acesso em 03/11/2024.

CAMARGO, Cândido Procópio. Kardecismo e Umbanda. São Paulo: Pioneira, 1961.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda, Revisão da noção de eficácia simbólica em Lévi-Strauss, considerando-a em contexto da Etnofarmacobotânica. *Revista Nures*, Ano X, n. 26, janeiro-abril de 2014.

CAMPOS, Breno Martins e MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. “Peter Berger e Rubem Alves: religião como construção social entre a manutenção do mundo e a libertação”, *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 36, p. 3-20, jan./abr. 2015. Disponível em: < <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>>. Acesso em 24/02/2025.

CARDEÑA, Etzel, LYNN, Steven Jay e KRIPPNER, Stanley (Organizadores), *Variedades da Experiência Anômala: Análise de Evidências Científicas*, SP, Editora Atheneu, 2013.

CAMURÇA, Marcelo Ayres, “A Crise Da ‘Eficácia Simbólica’ Enquanto Padrão Interpretativo da Terapia e Cura no Espiritismo Kardecista Brasileiro. Indeterminação e banalização”, *Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Fátima Tavares e Francesca Bassi (Orgs.), Salvador, BA, EDUFBA, 2013

CHIESA, Ruiz Gustavo. *Além do que se vê: magnetismos, ectoplasmas e paracirurgias*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, 2016. Disponível em, https://www.academia.edu/45581852/AL%C3%89M_DO_QUE_SE_V%C3%8A_magnetismos_ectoplasmas_e_paracirurgias. Acesso em 23/03/2025

COMENALE, Reinaldo, “ZÉ ARIGÓ” *A Oitava Maravilha*, BH, Ed. Boa Imagem, 1968.

COURAS, Raimunda Neves de Almeida. As cirurgias espirituais como prática terapêutica: estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4254>, Acesso em 28/08/2023.

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 24, 2012, p. 171/193. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-34192012000200009. Acesso em 09/09/2025.

DA CRUZ, Inácio Manuel Neves Frade. *Doutor Fritz andou de disco voador: hibridizações e sincretismos na terapia espiritual de Chico Monteiro*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3190>. Acesso em 17/10/2023.

DA SILVA BARROS, V., OLIVEIRA, R. C., e DA SILVA, R.: Processos de saúde e doença no campo sagrado e as narrativas de ressignificação corpórea: O caso das cirurgias espirituais no Hospital Espiritual Casa de Hansen. *Interseções: Revista De Estudos Interdisciplinares*, 2021, 23(1). <https://doi.org/10.12957/irei.2021.60647>. Acesso em 28/08/2023.

DE ALMEIDA, A.M.; ALMEIDA T. M.. GOLLNER, A.M. – Cirurgia Espiritual : uma investigação in *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 46 (3), Set 2000, <https://doi.org/10.1590/S0104-42302000000300002>. Acesso em 11 jan 2023.

DE ALMEIDA, Alexander Moreira – Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopaptologia de médiuns espíritas. 2004. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. SP, 2005, doi:10.11606/T.5.2005.tde-12042005-160501. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-12042005-160501/pt-br.php>, Acesso em 11 jan 2023.

DE ALMEIDA, Alexander Moreira.; LOTUFO NETO, Francisco. – A Mediunidade vista por Alguns Pineiros da Área da Saúde Mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 31, n. 3, p. 132-141, 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000300003>. Acesso em 11 jan 2023.

DE ALMEIDA, Alexander Moreira.; LOTUFO NETO, Francisco. Diretrizes Metodológicas para investigar estados alterados de consciência e experiências anômalas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 30, n. 1, p. 21-28, 2003. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-60832003000100003>. Acesso em 24/07/2025.

DE ALMEIDA, Alexander Moreira; LOTUFO NETO, Francisco; KOENIG, Harold G. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 28, p. 242-250, 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006005000006>. Acesso em 04/10/2024.

DE BARROS, Maria Cristina Monteiro. Experiências espirituais e religiosas no Brasil: prevalência, características e implicações para a saúde mental. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022. Disponível em DOI: [10.11606/T.5.2022.tde-19042023-123148](https://doi.org/10.11606/T.5.2022.tde-19042023-123148). Acesso em 14/09/2024.

DE CARVALHO, Ricardo Delgado. Espiritualidade, sofrimento e transformação: sentidos e significados das intervenções espirituais por João de Deus, na percepção dos filhos da casa de Dom Inácio em Abadiânia. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4354>. Acesso em 28/08/2023.

DE MORAES, Ângela Teixeira. O discurso da saúde no espiritismo: do magnetismo à autocura. *Religare, [S. l.]*, v. 14, n. 1, p. 90–108, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2017v14n1.34213. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/34213>. Acesso em 28/05/2023.

DE QUEIRÓZ, Rachel: História Alegre. *Revista O Cruzeiro*, RJ, 1952. Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional. disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=208345> Acesso em 31/08/2024.

DE SOUZA, André Ricardo. A medicina do além entre o espiritualismo e o espiritismo kardecista. Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal, RN, 2014, disponível em https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402022677_ARQUIVO_Texto-AndreRicardodeSouza.pdf . Acesso em 28/05/2023..

DE SOUZA, André Ricardo: As cirurgias espirituais em face do movimento espírita. In MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque; SÁEZ, Oscar Calavia (Org.). *História, Gênero e Religião: Violências e Direitos Humanos* (Vol. 2), II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA ABHR – XV SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR – II SIMPÓSIO SUL DA ABHR, Florianópolis: ABHR / Fogo Digital, 2018, Local 27, https://abhr2018.paginas.ufsc.br/files/2018/10/Miolo_ABHR_Vol2_rev-1.pdf, Acesso em 29/12/2024.

DIAS, Mariana Andreotti. A perpetuidade do espiritismo no território brasileiro: como chegou e porque ficou? *Anais dos Simpósios da ABHR*, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/2104>. Acesso em: 24 fev. 2025.

FACULDADE DE DIREITO UFMG: O Caso Zé Arigó: A proteção da Saúde Pública e os Crimes de Perigo. Expositores Prof. Marcelo Leonardo e Profa. Daniela de Freitas Marques. YouTube. 27 de outubro de 2022. 2h11min42s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9-a3OfL2m04>. Acesso 07 de abril de 2023.

FAGUNDES, Juliano P., *Arigó e suas incríveis curas*, Capivari-SP, Ed. EME, 2022.

FERREIRA, Sérgio Baetta, “As cirurgias espirituais no contexto espírita paulista e a edificação hospitalar do Instituto Medicina do Além”, Universidade Federal de São Carlos, Campus São Carlos. SP, 2020. Dissertação de mestrado. Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/29554c27-e2c5-49c7-9625-7c1063cbf7a5/content>. Acesso em 08/04/2023.

FONTANA, Kadu. “Faleceu o médium Chico Monteiro, o Dr. Fritz de Rio Novo MG”. *Jornal Leopoldinense*, 15/05/2021. Disponível em <https://leopoldinense.com.br/noticia/19837/faleceu-o-medium-chico-monteiro-o-dr-fritz-de-rio-novo-mg>. Acesso em 08/09/2025.

FRANCO, José, “O feitiço contra o feiticeiro. Zé Arigó na prisão”, *Revista O Cruzeiro*, RJ, 12/12/1964, https://web.archive.org/web/20180223051812/http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/12121964/121264_1.htm. Acesso 07/01/2024.

FREIRE, Roberto: “Arigó é a última esperança”. *Revista Realidade*, SP, junho de 1967, p. 71. Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional. Disponível: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213659&pasta=ano%20196&pesq=arig%C3%B3&pagfis=2118>. Acesso em 07/01/2024.

FULLER, John G., *Arigó e o espírito do Dr. Fritz (Surgeon of the Rusty knife)*, São Paulo: Ed. Pensamento, 2022.

FUNDAÇÃO ESPÍRITA DR. ADOLPH FRITZ, cirurgia espiritual Dr. Edson Queiróz, página no Facebook, 5min01s. Disponível em <https://www.facebook.com/profile/100063404282955/search/?q=chico%20anysio>. Acesso em 08/09/2025.

FUNDAÇÃO ESPÍRITA DR. ADOLPH FRITZ, Depoimento de Alcione sobre cura Espiritual Dr Fritz/ Dr. Edson Queiroz, Youtube, 6min55s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-l68colddYg>. Acesso em 08/09/2025.

GOMES, Adriana. A criminalização do espiritismo no Código Penal de 1890: as discussões nos periódicos do Rio de Janeiro. *Revista Ágora*, Vitória/ES, n. 17, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/6082>. Acesso em 17/02/2025.

GREENFIELD, Sidney. "O corpo como uma casca descartável: as cirurgias do Dr. Fritz e o futuro das curas espirituais." *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 16.1-2, 1992, p. 136-145. Disponível em <https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N16.01-02-1992.pdf>. Acesso em 31/08/2025.

GUERRIERO, Silas: Antropologia da Religião. n USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, SP, Ed. ,Paulinas-Loyola-Paulus, 2022.

GUIMARÃES, Catarine Elaine de Souza Amaral. Eficácia simbólica do ritual de feitiço do Santo Daime. *Anais dos Simpósios da ABHR, [S. l.]*, v. 13, 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/393>. Acesso em: 25 ago. 2025.

HAMAZAKI, Edson Sigueyoshi. Experiências religiosas, espirituais e anômalas na psicoterapia: relatos dados por psicólogos. Tese de Doutorado em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2024. Disponível em <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/43883>. Acesso em 13/06/2025.

HIRSCH, Daniela: *12 Grandes Médiuns Brasileiros*. RJ, Harper Collins Brasil, 2016.

INSTITUTO ADOLPH FRITZ. Canal no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@institutoadolphfritz>. Acesso em 09/09/2025.

INSTITUTO ADOLPH FRITZ. Cirurgia espiritual registrada em vídeo. YouTube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UXFgYqXa9Hc>. Acesso em 09/09/2025.

JAMES, Willians, *As variedades da experiência religiosa*, SP, Ed. Cultrix, 2017.

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, SP, Ed. Petit, 1999.

KARDEC, Allan, *O Livro dos Médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*, Brasília (DF), Ed. Federação Espírita Brasileira-FEB, 2013, 2ª edição.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Espiritismo no Brasil. *Cadernos CERU*, SP, Brasil, v. 19, n. 2, p. 171–185, 2008. DOI: 10.1590/S1413-45192008000200010 . Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11863>.. Acesso em: 21 fev. 2025.

LEAL, Paulo Roberto Figueira, Imprensa e espiritismo em perspectiva histórica: os enfoques das coberturas jornalísticas de O Dia e do JB sobre o médium Zé Arigó, Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do *VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*, disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0346-1.pdf>. Acesso em 28/07/2024.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*, SP, Ubu Editora, 2017 [e-book Kindle].

LEX, Ary, *Do Sistema Nervoso A Mediunidade*, SP, FEESP, 2003, [https://www.ebookespirita.org/Do%20Sistema%20Nervoso%20a%20Mediunidade%20\(Ary%20Alex\).pdf](https://www.ebookespirita.org/Do%20Sistema%20Nervoso%20a%20Mediunidade%20(Ary%20Alex).pdf). Acesso em 01/10/2024.

LOPES, Jair Leonardo, *Em Defesa de Arigó (Estudo Jurídico e Penal sobre o Curandeirismo)*, BH, 1965.

MACHADO, Fátima Regina e ZANGARI, Wellington: Experiências Anômalas. In USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, SP, Ed. Paulinas-Loyola-Paulus, 2022.

MACHADO, Fátima Regina, ZANGARI, Wellington, MARALDI, Everton de Oliveira, MARTINS, Leonardo Breno, SHIMABUCURO, Alessandro Hideki: Contribuições da psicologia para a compreensão das relações entre a espiritualidade, a religiosidade e as experiências anômalas, *Clareira Revista de Filosofia da Região Amazônica*, v. 3, n. 2, Ago-Dez/2016. Disponível em <https://periodicos.unir.br/index.php/clareira/article/view/3624/2504>. Acesso em 24/07/2025.

MACHADO, Fátima Regina: Experiências anômalas na vida cotidiana-experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo, Tese de Doutorado em Psicologia Social. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-100608/publico/Machado_DO.pdf. Acesso em 24/07/2025.

MACHADO, Fatima Regina: Experiências anômalas (extra-sensório-motoras) na vida cotidiana e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, vol. 30, núm. 79, julio-diciembre, 2010, pp. 462-483. São Paulo. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/946/94615412017.pdf> . Acesso em 30/07/2025.

MALUF, Sônia Weidner, “Eficácia simbólica. Dilemas teóricos e desafios etnográficos”, *Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Fátima Tavares e Francesca Bassi (Orgs.), Salvador, BA, EDUFBA, 2013

MARALDI, Everton de Oliveira e MARTINS, Leonardo Breno: Contribuições da Psicologia Evolucionista e das Neurociências para a compreensão das crenças e experiências religiosas, SP, Revista REVER, vol 17, maio/2017, DOI:[10.23925/1677-1222.2017vol17i1a4](https://doi.org/10.23925/1677-1222.2017vol17i1a4). Acesso em 31/01/2025.

MARALDI, Everton de Oliveira: Experiências Religiosas. In USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, SP, Ed. ,Paulinas-Loyola-Paulus, 2022, p. 383.

MARALDI, Everton de Oliveira: Fenômenos Extraordinários. In USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, SP, Ed. Paulinas-Loyola-Paulus, 2022, p. 410.

MARALDI, Everton de Oliveira. Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas, Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011. Disponível em doi: <https://doi.org/10.11606/D.47.2011.tde-29042011-114125>. Acesso em 10/03/2025.

MARALDI, Everton de Oliveira. Dissociação, crença e identidade: uma perspectiva psicossocial. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em doi: <https://doi.org/10.11606/T.47.2014.tde-18032015-105415> . Acesso em 17/06/2023.

MARALDI, Everton de Oliveira: Experiência religiosa/espiritual e saúde mental: um panorama da literatura internacional contemporânea. Goiânia, Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v. 33, n. Esp, p. 34–53. Disponível em <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/13488/6338>. Acesso em 19/05/2025.

MARQUES, Marcos Moreira. *A CIÊNCIA ESPÍRITA: da França a sua chegada ao Rio de Janeiro imperial*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Interações, vol. 17, núm. 2. 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313072811008> . Acesso em 15/06/2025.

MARTINS, William de Souza, A morte e os milagres de frei Fabiano de Cristo: conexões entre crenças religiosas e cura de doenças no Rio de Janeiro setecentista. Instituto de História/Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJSCIELO Brasil, 2019, disponível em <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/WGDpD5Ty4xvb6LKrKB6V9TD/> Acesso em 31/01/2024.

MATSUE, Regina Yoshie e OGASAVARA, Mário Henrique, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 33(2), Dezembro/2013, disponível em <https://doi.org/10.1590/S0100-85872013000200006>. Acesso em 25/08/2025.

MOREIRA, Alberto da Silva. “A construção social da realidade de Peter Berger e Thomas Luckmann”. *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, Goiânia: v. 20, n. 1, p. 12–28, 2022. DOI: 10.18224/cam.v20i1.12212. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/12212>. Acesso em: 04/02/2025.

MONTERO, Paula. *Da doença a desordem: a magia na umbanda*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

MONTERO, Paula: *Magia e Pensamento Mágico*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

NUÑEZ, Sandra, *A Pátria dos Curadores: uma história da medicina e da cura espiritual no Brasil*, tradução Denise C. Rocha Delela, Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Ed. Pensamento-Cultrix Ltda., 1ª edição digital, 2013.

OLIVEIRA, Leida L., *Cirurgias espirituais de José Arigó*, MG, Ed. AME, 2017.

PAIVA, Geraldo José: Psicologia da Religião. In USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, São Paulo: Ed. Paulinas-Loyola-Paulus, 2022.

PEIRANO, Mariza. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Campos - Revista de Antropologia*. Paraná: v. 7, n. 2, p. 9–16, 2006. DOI: 10.5380/cam.v7i2.7321. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7321> Acesso em: 24/04/2025.

PENSOTTI, Anita: Con i ferri da calza sturano le vene intasate. *Rivista OGGI*, nº 32, 09/08/1976, tradução Fátima Rinaldi, disponível em blogspot Jorge Rizzini: <http://jorge-rizzini.blogspot.com/2011/04/curas-surpreendentes-do-medium-jose.html> Acesso em 27/01/2024.

PIMENTEL, Marcelo Gulão. O método de Allan Kardec para investigação dos fenômenos mediúnicos (1854-1869). BDTD, 2014, disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/513>, acesso em 13/06/2025.

PIRES, J. Herculano, *Agonia das religiões*, SP, Ed. Paidéia, 1ª edição digital – Agosto 2020.

PIRES, J. Herculano, *Arigó, vida, mediunidade e martírio*, 4ª edição, SP, Ed. Paidéia, 2008.

PORTAL DESPERTAR: Zé Arigó: reportagem rara de Jorge Rizzini - imagens reais de cirurgias espirituais do Dr Fritz.YouTube. 11 de novembro de 2022, 14min36s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BoePiWNkU2c> Acesso 26 de março de 2023.

REGINALDO PRANDI, *Os Mortos e os Vivos: um introdução ao espiritismo*, SP, Ed. Três Estrelas, 2012.

SANCHIS, Pierre, *Religião, cultura e identidades: Matrizes e matizes*, RJ, Ed. Vozes, Petrópolis, 2018.

SCHILBRACK, Kevin: O conceito de religião, Tradução de Eduardo R. Cruz, Texto publicado originalmente em 28 de março de 2022 na *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, disponível em <https://plato.stanford.edu/archives/sum2022/entries/concept-religion/> - SP, Revista REVER, v. 22, n. 2, 2022 - DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol22i2a15>. Acesso em 22fev2025.

SECH JR, Alexandre, MACHADO, Fátima Regina e ZANGARI, Wellington: James William. In USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, SP, Ed. Paulinas-Loyola-Paulus, 2022, p. 387.

SERRANO, Geraldo, *Arigó, Desafio à Ciência*, RJ, Folha Carioca Editora S.A., 1967.

Site do SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, pesquisa jurisprudencial, **HC 42798/MG**, paciente José Pedro de Freitas – sentença e acórdão anulados para ser proferida nova sentença:

https://jurisprudencia.stf.jus.br/pages/search?base=acordaos&sinonimo=true&plural=true&page=1&pageSize=10&queryString=jair%20leonardo%20lopes&sort=_score&sortBy=desc. Acesso em 10/11/2024.

Site do SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, pesquisa jurisprudencial, https://jurisprudencia.stf.jus.br/pages/search?base=acordaos&pesquisa_inteiro_teor=false&sinonimo=true&plural=true&radicais=false&buscaExata=true&processo_classe_processual_unificada_classe_sigla=RE&ministro_facet=LAFAYETTE%20DE%20ANDRADA&orgao_julgador=Segunda%20Turma&procedencia_geografica_uf_sigla=MG&page=1&pageSize=10&queryString=cURANDEIRISMO&sort=_score&sortBy=desc, acesso em 03/11/2024.

STOLL, Sandra Jacqueline – “Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil” in *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 361-402, 2002. DOI: 10.1590/S0034-77012002000200003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27138/28910> Acesso em: 11 jan. 2023.

STOLL, Sandra Jacqueline - *Espiritismo à brasileira*. São Paulo, Edusp/ Ed. Orion, 2003.

TAVARES, Marcelo Coimbra: Nasce um profeta a sombra de Aleijadinho. *Revista Manchete*, RJ, 1957, pg. 47. Hemeroteca Digital Brasileira, Biblioteca Nacional. disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=17109> Acesso em 23/01/2024.

TEIXEIRA, Faustino. “Peter Berger e a religião”. Instituto Humanitas Unisinos-HIU Online, 25/08/2017, disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/569380-peter-berger-e-a-religiao>. Acesso em 25/02/2025.

TEIXEIRA, Alfredo, DUQUE, João Manuel e RODRIGUES, Luis M. Figueiredo: Rito/Ritual In USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, SP, Ed. Paulinas-Loyola-Paulus, 2022.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

USARSKI, Frank.: Religião. In USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, SP, Ed. Paulinas-Loyola-Paulus, 2022.

VALÉRIO, Cícero, *Fenômenos Parapsicológicos e Espiritas*, SP, Ed. Piratininga, 1962.

VEIGA, Edison: Allan Kardec, quem foi o homem que ‘inventou’ o espiritismo. BBC News Brasil, 2022, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63087981>. Acesso em 04/09/2024.

VEIGA, Edison: Chico Xavier: o médium filho de analfabetos que vendeu 50 milhões de livros. BBC NEWS Brasil, 2022, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61975677>. Acesso em 03/01/2025.

VILAÇA, Helena: Berger, Peter L., In USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo e PASSOS, João Décio (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*, SP, Ed. Paulinas-Loyola-Paulus, 2022, p. 117.

ZANGARI, Wellington: Incorporando papéis: uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de incorporação em médiuns de Umbanda. São Paulo, Tese de Doutorado em Psicologia Social. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2003. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-05122018-122252/publico/zangari2003_do.pdf. Acesso em 24/03/2025.

ZANGARI, Wellington: Entrevista ao prof. Daniel Gontijo, "Psicologia anomalística? A ciência do sobrenatural", Youtube, 25/08/2021, <https://www.youtube.com/watch?v=CMEbLUdNQSI&t=1973s>, disponível em 14/08/2025.

ZANGARI, Wellington e MACHADO, Fátima Regina: *Fundamentos da psicologia da religião: aspectos individuais e psicossociais*. Curitiba: Editora CRV, 2022 [e-book Kindle].